

KATHERINE LACCOM'T

TRILOGIA

SAIN'TS

Autora premiada da Kindle Direct Publishing

• R A Z I E L •

LIVRO 02



Katherine Laccom't

Raziel

Trilogia Saints

Livro II



Copyright © 2017 *by* Katherine Laccom't®

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Milena Assis

Revisão Final: Camila Moraes

Capa: Mia Klein

Imagem: www.canstockphoto.com

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

contato@katherinelaccomt.com.br



Eu sou Raziel Keruvim Saints, sou um dos chefes da tríade Saints. Não sou um cara sociável como Elemiah e nem sedutor como Gabriel, sou aquele que apenas observa e entra em ação quando necessário. Como agora, tenho menos de trinta dias para apresentar uma esposa ou os meus pais farão isso. Não quero amor! Já o experimentei e fui recompensado com traição e dor.

Procuro apenas uma mulher gostosa que foda como uma louca e, em troca, darei um mundo de riqueza e luxo. Mas há Lilly e seu filho Haniel. Por algum motivo inexplicável, eu não me vejo longe da criança e nem de sua mãe. Eu não vou me apaixonar! Por mais que aqueles encantadores olhos azuis me fascinem, sei que no final das contas o que todas procuram é o dinheiro!

Eu sou Lisabeth, mas prefiro que me chamem de Lilly. Fiz um péssimo casamento, fui traída, roubada e abandonada grávida por aquele que me prometeu amor eterno. Por um desses mistérios da vida, o senhor Raziel Saints bateu à minha porta e resgatou-me. O homem é deslumbrante e o que farei se a cada vez que o vejo com o meu filho nos braços meu coração falha uma batida? De jeito nenhum vou me apaixonar por ele, já tive minha lição. Mas o que fazer se me encontro encantada por um homem tão quebrado quanto eu?

Nós somos os Saints e essa é nossa história de amor.

As coisas comigo funcionam assim: O mundo é meu, eu sou as regras, eu sou o tudo! Se quiser fazer parte dele, tem que dançar a minha música conforme o meu compasso. Ninguém é obrigado a entrar, mas se aceitar meu convite, entra sabendo que desistiu de quem é para ser o que eu quero que seja!

Muito prazer, sou a mulher que rege o seu próprio mundo.

***Versos que Toda Mulher Quer Ler
por Katherine Laccom't***



Sou um dos herdeiros da tríade Saints, juntamente com Gabriel Archangelo Saints e Elemiah Séraph Saints. Somos a mais poderosa empresa na área de segurança e estamos por todo o mundo. Eu sou o que chamariam de consiglieri, ou conselheiro, na hierarquia da máfia. Minha parte na tríade é auxiliar o presidente na parte burocrática e nas negociações.

Apesar de ostentarmos nomes de anjos, poucas pessoas nos consideram algo perto de celestiais. Não trabalhamos para o bem, trabalhamos para quem paga mais! Nosso ramo é a segurança privada. Nossos maiores clientes são países e organizações mundiais ou secretas. Nossos serviços são requisitados em todo o mundo, assim como os profissionais que treinamos.

Dos três homens que formam o triunvirato, sou considerado o mais equilibrado e o mais silencioso. A vida se encarregou de moldar-me não só nos preceitos da máfia, mas também com as decepções de uma vida secular, fazendo com que o amor não faça parte dos meus planos para o futuro. Vivemos sob as rígidas leis do clã Saints e, por isso, devo me casar em breve para conceber um herdeiro para a minha cadeira.

Tenho trinta dias para anunciar o nome da minha futura esposa e quinze para me casar. Se isso não acontecer no prazo estabelecido, meus pais se encarregarão de fazê-lo por mim. O que eu preciso é de um casamento onde seremos beneficiados. E é aí que entra Lisabeth Nicole Bonanno e seu pequeno Haniel.

Eu sou Raziel Keruvim Saints e essa é a minha história.



— Ninguém arruma uma esposa em trinta dias, pai.

— Você vai! Está atrasado em um ano, Raziel! Se eu fosse você, começava já – minha mãe aponta para o relógio em seu pulso. — Tic-tac, tic-tac, tic-tac. Agora restam vinte e nove dias!

Olho para o meu pai, que dá de ombros. Do que adianta sentar e comandar o mundo bélico das nações se não pode abrir a boca para contestar a própria esposa?

— Mamma... – tento, em vão, interrompê-la.

— Não vá fazer como Elemiah, Piah está uma fera por aquela atriz espalhar que vão casar. Mulheres assim não servem para vocês, são chamativas demais. Gabe teve o bom senso de pegar Micah para si, não poderia ter feito escolha melhor.

Uma das empregadas entra, dando-me uma chance de respirar.

— O padre Ângelo está aqui, senhora Saints.

— Traga-o aqui, querida.

Padre Ângelo com seus cabelos brancos e barriga saliente entra e minha mãe o escolta até uma poltrona confortável.

— Aconteceu alguma coisa, padre? – meu pai pergunta.

— Não, não, meu filho. Estou aqui para pedir um favor a vocês. Viajarei para celebrar o casamento de uma sobrinha e gostaria que assistissem a Lilly enquanto estou fora.

— Lilly? – meu pai pergunta, e eu compartilho de sua curiosidade.

Mamma vira-se para ele.

— A mãe do bebê que é a cara de Raze. Aquela que vem para cozinhar algumas vezes.

— Ah, sim. Claro, padre. Garota muito simpática, mas muito sofrida também. Percebe-se só pelo seu olhar caído – *papa* comenta.

O sacerdote balança a cabeça em concordância.

— Deus deve ter um plano para a vida dessa menina, porque não é justo que um ser humano,

sozinho, aguento todas as atrocidades que ela sofre e já sofreu – o homem ganhou minha total atenção, assim como a de meus pais. Ele continua: Seus pais morreram naquele acidente de trem que aconteceu há cinco anos. Um ano depois, ela conheceu um rapaz e se casou. Os primeiros anos foram bons, acredito eu, até porque a herança dela bancava os caprichos dele. E depois de gastar tudo o que ela tinha, deixando-a pobre, ele a abandonou grávida e sem teto.

— Oh, Deus! – minha mãe ofega. — Lilly nunca nos contou nada.

— E nem contará – o padre responde. — Ela acredita que, se você souber, tomará suas dores e seu ex-marido dará um jeito de se aproveitar disso. Tenho medo dele, por ela e por Hunny.

— Cecil e eu viajaremos para um evento na Rússia em nome de Gabriel nos próximos dias – meu pai explica. — Como Micah entrou no terceiro trimestre de gravidez, ele acha que ela não deve mais viajar constantemente e muito menos se envolver com assuntos que possam stressá-la.

Estou prestes a levantar para partir quando minha mãe tem uma de suas incríveis ideias que não beneficia a muitos.

— Raze manterá um olho sobre ela.

— Como é? – pergunto.

Ela volta-se para mim com o assunto já decidido.

— Você olhará por essa menina. Afinal, você é um dos chefes Saints e é seu dever proteger a família.

— Mas ela não é... – tento argumentar, mas sou interrompido pelo dedo indicador da minha mãe. Meu pai, que nada ajuda, balança a cabeça e comenta:

— Mandou mal, garoto!

Bufo.

— Raziel Keruvim Saints, é da família quem eu digo que é da família. Ponto final.

— Sim, senhora – saio resmungando. — Como pode uma mulher tão pequena ser tão autoritária? Juro por Deus que se essas *mammas* fossem a tríade, teríamos a terceira guerra. Mesmo Micah, que um dia foi uma mulher normal, agora é uma *mamma* descontrolada.

— Eu ouvi tudo, mocinho! – mãe grita lá da sala.

— Claro que ouviu! – debocho.

— Ouvi isso também, Raziel! – como caralho a mulher me ouviu?

Saio da casa dos meus pais e entro no carro com seguranças que já esperam para levar-me ao complexo. No meio do trajeto, meus pensamentos voltam ao que o padre falou sobre o marido da pobre coitada. E isso faz com que eu relembre meu passado, quando a cadela da minha ex-esposa se jogou na frente de uma bala para proteger seu amante da morte, depois de ambos me sequestrarem.

Casei com Phoebe contra a vontade de todos há quatro anos atrás, dois anos antes de assumir a cadeira da tríade. Eu estava encantado com aquela mulher linda e de sorriso fácil. Nos conhecemos na despedida de solteira de sua amiga em um de nossos clubes. Foi desgraça à primeira vista! Para muitos, era o início de uma história de amor, para mim foi o começo da minha desgraça.

Meus primos foram os primeiros a gritar contra, seguidos por minha família. O problema é que, quando nos apaixonamos, pouco nos importamos com o que as pessoas pensam, queremos apenas desfrutar da pessoa amada. Conselhos são nulos, alertas são motivos de brigas... e assim fui me afastando dos meus companheiros e da família. Naquele momento, só Phoebe me bastava.

Namoramos por poucos meses e, a cada dia que passava, mais encantava-me por aquela mulher. Seus cabelos loiros longos, olhos verdes cheios de promessas e um corpo exuberante eram minha perdição. Eu adorava falar besteira em seu ouvido para ouvir sua risada. Isso fazia-me sentir como a porra do dono do mundo. Quando anunciei o casamento, o mundo veio abaixo, mas pouco me importava, eu a queria para mim... para sempre!

Casamo-nos em Las Vegas, tendo como testemunha o guardinha da capela. Ela repetia que não queria uma grande cerimônia, a mim também não fazia a menor diferença. Mal sabia que enquanto eu lhe dava meu sobrenome, assinava minha sentença de morte.

Suas indiscrições começaram poucas semanas após estarmos sob o mesmo teto. No início, eu acreditava que eram coincidências, depois preferi não enxergar. Em uma das viagens de negócios, Gabriel e Elemiah insistiram que eu fosse, eles sabiam que voltaríamos mais cedo que o esperado, era essa a intenção. Assim que pisei os pés dentro de casa, notei imediatamente que havia algo errado. Procurei Phoebe por toda a casa e nada.

Voltei a sair de casa e os caras continuavam ali em frente, ambos parados lado a lado, encarando-me. Ninguém precisava dizer o que se passava, ignorei alertas o suficiente para saber por que ainda estavam ali. Eu tinha que ver, deveria constatar o que há muito fingia não enxergar. Entramos no carro e seguimos até um endereço no bairro ítalo-americano onde a máfia italiana tinha arraigado. De longe, assisti minha esposa nos braços de outro. Enquanto a venda caía dos meus olhos e meu coração era estilhaçado, meus primos contavam que Phoebe já me traía com esse cara antes mesmo de casar comigo.

Pedi que me levassem para casa, precisava aplacar a dor que me corroía. Logo que saí do banho, minha bela esposa me abraçou e beijou. Todo o ódio que eu sentia foi apaziguado e eu perdoei sua traição. Sei o que estão pensando, que sou fraco. Mas quem não fica fraco quando tira seu coração para dar a outra pessoa? Phoebe era meu mundo! E, sem dúvida nenhuma, esse foi meu maior erro. Li em algum lugar que “não devemos terceirizar nossa felicidade. Não devemos dar poder a outros para machucar-nos.” Eu entendi essa expressão perfeitamente, logo depois de alguns dias.

Acreditei não conseguir viver sem aquela mulher, mas, com o passar dos dias, afastava-me dela mais e mais. Em um certo momento, não me importava o que Phoebe fazia de sua pobre vida enquanto eu me divertia com os meus primos. Passei a viajar mais vezes e ficar longe de casa tanto quanto possível. Quando meus pais me chamaram para falar sobre a conduta adúltera de sua nora

pela segunda vez, eu já pouco me importava com o que Phoebe fazia. O meu divórcio era certo assim como o céu é azul, só não esperava ser sequestrado antes disso.

Lembro que foi um dia frio do caralho e ela ofereceu-me uma bebida logo que entrei em casa. Inocentemente, bebi e apaguei, não lembro de absolutamente nada, apenas de ter acordado no chão molhado de um armazém, amarrado e machucado. De longe, vi minha esposa cadela transando com o seu amante que estava prestes a morrer. Pois todo ser vivente sabe que não sequestra ou machuca um Saints e sai ileso. A tortura é só o começo e a lenta morte é o seu destino.

Enquanto eles fodiam como animais, mais eu sentia nojo. Eu não lembro de quando deixei de amar Phoebe, mas, naquele momento, eu já não sentia nada, nem mesmo ódio. Talvez raiva de mim mesmo por insistir viver uma relação que já estava falida. Certo momento, eles se aproximaram de mim e ela confessou:

— Casei com você por vingança, Raziel. Eu nunca o amei. Gianno foi meu primeiro homem, meu primeiro amor. Quando ele se casou, eu quis feri-lo da mesma forma que ele fez comigo. Eu não tinha a intenção de seduzir você, mas sim aquele idiota do Elemiah, que não pode ver uma vadia dando mole. Só que você bastava para os meus propósitos. Quando Gianno pediu outra chance, eu cedi, já sendo uma Saints – ela fez uma careta de nojo. — Agora, precisamos de dinheiro para viajar, mas dias atrás ouvi Gabriel dizer ao Elemiah que eu não tenho direito a nada por tê-lo traído. O que nos traz a essa situação: você terá que morrer! Assim, serei a viúva de um futuro chefe Saints, rica e linda.

Soltei uma gargalhada.

— Tenho pena de você, cadela. Acha mesmo que sairá disso ilesa? – seu amante chuta meu estômago. Entre os dentes, continuo: e você, escondido atrás de uma mulher. Que vergonha! Sua esposa sabe que é casada com um cão covarde que age pela cabeça de uma mulher?

Ele socou-me até que cuspi sangue. Essa tortura durou perto de uma hora, acredito eu. Então, um estrondo quebrou o silêncio e os fantasmas da Worldwide surgiram encabeçados por meus primos Gabe e El. Phoebe não tirou meu relógio, que foi desenvolvido para sermos rastreados nesse tipo de situação. E em meio ao caos e tentativa de fuga do casal, Gabe atirou e Phoebe se jogou na frente de seu amante para protegê-lo enquanto o covarde fugia.

Não vou mentir, doeu! Doeu como uma facada no peito vê-la dando sua vida por outro que não fosse seu marido, que era devoto a ela. Doeu ver a mulher que um dia foi meu mundo morrer por outro. Elemiah gritava para que os homens o perseguissem, até que o interrompi e pedi para esquecê-lo. Gabriel esbravejou, xingou, e os fiz prometer que não contariam a verdadeira história a ninguém. A contragosto, ambos prometeram e a história passou a ser: “A esposa foi usada como isca para atrair o marido para a armadilha.”

A verdadeira história seria como mel para a imprensa e poderia ser uma merda para os negócios. Eu não queria isso veiculado, lembrando, a todo tempo, que fui traído e quase morto pela mulher que um dia amei. Meus pais não acreditaram no que lhes contei, meu pai encurralou-me e espremeu a verdade para fora de mim. Generosamente eles confirmavam a história inicial para o resto do mundo, somente a família soube realmente o que aconteceu. Tenho certeza de que os caras

o caçaram, mesmo prometendo que não o fariam, mas não o encontraram. E eu só queria distância de tudo isso.

Sempre fui o cara do tipo observador, mais calado, só que, a partir daquele momento, mantive-me ainda mais afastado do que de costume. Não há como evitar gostar de alguém, infelizmente não temos controle sobre os nossos sentimentos, mas pode-se evitar envolvimento de qualquer tipo. Então, eu pego uma mulher que chama a minha atenção, a fodo e depois dispenso-a. É simples!

Ser um Saints me força a casar novamente e gerar um herdeiro, sempre soube disso. E tão logo isso ficou claro em minha cabeça, decidi que casarei com alguém que eu possa foder com gosto, ter filhos e desfilar para a família. Em contrapartida, ela terá tudo o que o dinheiro pode comprar. Minha esposa terá toda a liberdade, desde que não saia me traindo descaradamente. Para isso, também tenho um belo acordo que assegure a infeliz esposa de que a sarjeta seja o que lhe espera no caso de um escândalo extraconjugal.

O carro para e abrem a porta para que eu desça. De longe, vejo que a casa de Gabriel está iluminada. Eles não abrem mão de jantarem juntos todos os dias, querem que Raffaele veja a família como o seu pai, como um Saints.

— Vamos jantar! — Elemiah grita para mim enquanto anda em direção à porta que dá acesso à casa de Gabe.

Balanço a cabeça e o acompanho. Há certos hábitos que nunca morrem, não contratar uma cozinheira é um deles.



Deus, não permita que seja aquele monstro.

Abro a porta com cautela e vejo o padre Ângelo com aquele doce sorriso de sempre. Dou um passo para trás e permito que ele entre em meu pequeno apartamento. Tudo aqui é velho e feio, mas mantenho limpo e organizado. As coisas que posso reformar ou ajeitar faço da maneira que posso.

— Por favor, entre, padre – fecho a porta assim que ele passa.

Hunny vê nossa visita, nossa única visita além de Francesca, e corre para o colo do senhor que sempre nos ajuda.

— Como está, pequeno Haniel?

— *Padi, padi...* – meu filho de um ano e alguns meses conversa à sua maneira.

Corro e o tiro do colo do sacerdote antes que Hunny o babe todo. Alguns dentes grandes não tem nos deixado dormir nas últimas semanas e nem tem deixado roupas limpas.

— Aconteceu alguma coisa, senhor? – pergunto.

— Não, querida. Não aconteceu nada. Só vim avisar-lhe que viajarei por uns dias e pedi para alguém dar uma olhadinha em vocês enquanto eu estiver fora.

— Não é necessário, padre Ângelo. Hunny e eu nos viramos muito bem...

Ele corta-me.

— Sim, eu sei. Como não posso fazer muito por você, Lilly, e sinto muito por isso, faço tudo o que pelo menos está ao meu alcance – ele fala sério.

— O senhor já faz demais por nós. Arranjou-me algumas casas para trabalhar e, assim, posso dar algumas coisinhas ao meu bebê. Sou muito grata, senhor.

Ele olha ao redor como faz sempre.

— Você precisa sair daqui, minha filha. Precisa de alguém para cuidar de você e dessa criança antes que aquele infeliz volte para fazer coisas piores a você. E esse lugar, Lilly... — as palavras do sacerdote morrem. Tão logo ele se recupera, continua: isso, esse lugar, é... é...

Alcanço a mão do homem que cuida de mim como um pai.

— Nós estamos bem e é o que posso pagar no momento, padre. Hunny só precisa saber que ele é amado, o luxo e a riqueza não farão tanta diferença quanto o amor.

Sirvo um café quentinho com alguns biscoitos que fiz para o meu bebê e logo que o padre parte, sento-me e observo Haniel brincar com alguns brinquedos velhos. Lágrimas caem dos meus olhos por não poder oferecer nada ao meu filho. Digo a todos que o amor é suficiente, mas eu sei que não é. Faço tudo o que posso, trabalho sempre que possível, ainda assim não tenho condições de nada! Quantas vezes deixei de comer para dar a ele? Eu não sei o que é ter uma roupa apresentável, tenho apenas um conjunto para sair.

Através dos poucos trabalhos que me chamam, consigo alguns trocados. Ganho mais quando vou atender algumas das senhoras Saints, principalmente a senhora Cecília. Ela diz que Haniel é muito parecido com o seu filho Raziel, vi algumas fotos de quando ele era bebê e fiquei chocada com a semelhança. Graças a ela, Hunny tem coisas muito boas, mas faço o possível para que ela não exagere. Tenho certeza de que se ela souber onde moro e como é a minha vida, arrumará uma maneira de resolver. Gianfranco dará um jeito de tirar proveito disso, e eu não permitirei. É melhor ficar quieta, na minha, do que apanhar até perder a consciência.

São essas as lembranças que tenho de um casamento que deveria ser feliz. Minha história com Gianfranco começou semanas depois da morte dos meus pais em um acidente de trem que matou centenas de pessoas em uma colisão com um caminhão de combustível. Como eu não tinha parentes próximos e já era maior de idade, acabei sozinha no mundo para enterrar meus pais.

Minha mãe engravidou nova e o seu namorado na época fugiu. Em seguida, acabou casando com o seu melhor amigo, que se tornou meu pai. Ulisses Bonanno não apenas me deu seu sobrenome, mas também todo amor e carinho que um pai pode ter por uma filha. Cresci vendo duas pessoas completamente diferentes se apaixonarem ao longo da vida conjunta. O amor veio com o tempo e a maturidade do sentimento fez com que ambos desenvolvessem um relacionamento firme e forte. Eles se amavam intensamente.

Tínhamos uma vida confortável, não éramos ricos, mas vivíamos melhor que a maioria das pessoas da nossa classe. Após a morte deles, o pouco que tínhamos passou a ser meu. Mesmo sozinha, me virei muito bem, cursava gastronomia na faculdade comunitária e fazia um curso de italiano, pois sou fascinada pela Itália. Papai contava coisas lindas sobre seu país de origem, o Coliseu onde os gladiadores se enfrentavam e a Torre de Pisa, que tem sete sinos, um para cada nota musical.

Então, conheci o homem que jurei ser o amor da minha vida. Gianfranco Viaderllo era lindo e romântico, tudo o que uma mulher gostaria. Encantei-me de imediato! Ele trazia-me flores, falava palavras de amor em meu ouvido, dizia que me amava. Entreguei-me de olhos fechados, agradei aos céus por enviar alguém para cuidar de mim. Os primeiros anos foram maravilhosos, Franco

tratava-me com doçura, foi por isso que perdoei cada erro seu.

Quando não me sobrou mais dinheiro algum e eu anunciei que estava grávida, Franco foi embora. Quatro dias depois, um casal bateu à minha porta apresentando os papéis de compra da casa com tudo dentro. Saí de lá com uma pequena mala, apenas alguns trocados e humilhada. Às vezes, o preço do amor errado é alto, e eu paguei com sangue e lágrimas. Fiquei em um albergue por alguns dias enquanto procurava um emprego, a barriga já tinha começado a aparecer e ninguém queria saber de mulher grávida.

Por fim, o dinheiro acabou e estava sem teto. Andei por horas sob uma chuva torrencial até que o padre Ângelo me acolheu. Ele levou-me para uma casa de apoio a mulheres em situação de risco, onde fiz uma amiga muito querida, Francesca. Passei a ajudar na cozinha e a vender alguns doces para pessoas que o padre indicava, um mês depois, pude alugar esse minúsculo apartamento velho em um bairro pobre.

Meu bebê nasceu quatro meses depois e quando vi seu rosto redondinho e perfeito, o nome logo veio à minha cabeça: Haniel. Quando eu era pequena, mamãe costumava me falar sobre o arcanjo do amor, Haniel. Ela dizia que pessoas que o tem como anjo da guarda são regidas pelo amor e pela generosidade. Não tinha nada mais perfeito para aquele anjinho em meus braços.

Gianfranco conheceu Haniel depois de cinco meses e não demonstrou nenhum afeto ao olhar para a criança que era dele. O homem invadiu minha casa, comeu a pouca comida que eu tinha e me levou os trocados que havia ganhado naquele dia. Desde então, isso virou rotina. E quando não dou o que ele quer, espanca-me até esvair sua raiva. Já tentei fugir, mas ele encontra-me e, hoje em dia, não me dou ao luxo de ficar sem casa, tenho que cuidar do meu filho.

Hunny boceja trazendo-me ao presente. Alcanço a criança loirinha com grandes olhos verdes e contornos mais escuros, que o tornam raro. Abraço-o e beijo.

— Eu te amo, Hunny.

— Mamãe... — ajeito-o em meus braços e canto sua música preferida para que durma. A letra de *Dream a Little Dream of Me* emociona-me cada vez que canto.

Estrelas brilham acima de você, as brisas da noite parecem sussurrar "eu te amo" e os pássaros cantam em uma figueira. Sonhe um pequeno sonho comigo. Diga boa noite e me beije, apenas abrace-me forte e diga-me que sente falta de mim... — sonolento, Haniel coloca sua pequenina mão em minha boca e eu a beijo. Seu olhar faz-me ter esperança de que coisas boas acontecerão conosco. Volto a cantar: (...)Estrelas desaparecem, mas eu permaneço desejando seu beijo, querido. Desejo permanecer até a madrugada, meu bem. Estou apenas dizendo: bons sonhos até o raio de sol te encontrar. Bons sonhos que deixam todas as preocupações para trás. Mas em seus sonhos, quaisquer que sejam, sonhe um pequeno sonho comigo.

Com cuidado, levanto e levo Haniel até a cama. Ajeito travesseiros em suas costas para que não role e caia no chão. Rapidamente, troco as minhas roupas para terminar a encomenda de biscoitos para o neto da senhora Giovanna Saints e, assim que saio do quarto, ouço a porta da frente quebrar.

— Querida, cheguei! – meu coração acelera com a voz de Franco. Acompanho o homem mexer na geladeira e comer como um animal. — Não tem nada nessa porra para comer – ele alcança as papinhas que faço para Hunny e as poucas frutas que o alimento. — Esse lixo deve servir. Estou faminto.

— Você não pode quebrar a porta toda vez que vier aqui, Gianfranco. Eu não tenho como consertar e esse bairro é muito perigoso.

Ele dá de ombros.

— Depois você fode com o imbecil do seu vizinho e ele arruma isso, como sempre. Preciso de dinheiro.

— Não tenho – respondo.

— Você sempre tem, vadia. Tem que sustentar o bastardinho – engulo o ódio e mantenho-me em silêncio. Ele encara-me. — Você, com essa carinha de boneca, grandes olhos azuis e essa boca de que chupa bem um pau, pode tirar uma grana boa dos idiotas.

— Eu não sou prostituta.

Franco levanta, vem até mim e puxa meus cabelos, pressionando-me contra a porta.

— Você é o que eu digo para ser. Puta, cadela, mamãezinha – ele fala com deboche. Seu aperto me machuca, mas mantenho-me quieta. — Quero dinheiro, cadela.

— Nã-não tenho...

Ele me arremessa contra a pia e bato a cabeça no armário. Tento levantar-me, mas o mundo gira ao meu redor. Não satisfeito, Franco esmurra meu olho.

— Vou perguntar mais uma vez, cadê o dinheiro?

Com dificuldade, levanto e alcanço uma caixinha sobre o refrigerador. Antes que eu pudesse abri-la, ele a tira da minha mão, pegando tudo o que há.

— P-por fa-favor, Franco. Deixe umas moedas para comprar leite p-para o Haniel – imploro com o resto das minhas forças.

Ele sai sem olhar para trás, e eu deslizo para o chão, chorando. Meu rosto e meu corpo doem, mas nada me machuca mais que saber que amanhã eu não terei como alimentar meu filho. Respiro fundo, coloco-me de joelhos e junto as mãos. Levanto o rosto para os céus e, em um ato de desespero, clamo à Deus:

— Ajude-me, por favor. Eu não sei quanto tempo mais resistirei a essa vida, meu Deus. Meu filho e eu precisamos de um milagre, precisamos de força. Ou leva-nos de vez, por favor.

A tontura faz com que eu perca meu equilíbrio e deite no chão. Lágrimas correm pelos meus olhos e meu coração aperta. Não suporto mais essa vida. Ouço passos e pessoas falando em italiano ao meu redor. Meus vizinhos vieram ao meu socorro novamente. E, a partir daqui, começamos um novo ciclo. Recupero-me, trabalho, Franco aparece para me roubar e bater, então

meus vizinhos me socorrem para uma próxima vez. Estou começando a achar que a morte é a paz que eu tanto anseio.

Meu Hunny... mamãe está lutando bravamente, pequeno. Mas as forças dela acabaram. Perdoe-me, Haniel. Perdoe-me por ser fraca...



— E é dessa forma que conduzimos a produção desse aparelho, garantindo-lhes a satisfação de ter feito um grande negócio.

Olho ao redor e vejo Elemiah concentrado nos dados que a equipe nos entregou antes da apresentação e Gabriel sorrindo enquanto observa o celular. Ver Gabriel sorrindo a toda hora é assustador. Ainda não nos acostumamos com o riso fácil e olhar meloso cada vez que vê sua esposa ou filho.

A mulher à nossa frente troca de pés em um claro sinal de nervosismo. Para trazer todos à realidade, limpo a garganta e dirijo-me a El:

— Acha um bom negócio, El?

Ele passa algumas folhas e volta seu olhar a mim.

— Tem tudo para ser bom, mas gostaria de discutir com mais calma os detalhes desse investimento – ele percorre o corpo da mulher com os olhos enquanto fala. Gabe e eu trocamos um olhar, sabendo exatamente que tipo de detalhes ele quer.

— B-bom... – ela limpa a garganta. — Minha sócia e eu teremos um enorme prazer em apresentar qualquer dado que desejam.

Caiu como uma patinha. Estamos negociando um financiamento para essas meninas. Elas, de alguma maneira, chegaram a Micaylah, que se interessou e passou a bola para nós, visto que o que essas garotas têm em mãos, se bem trabalhado, poderá ser um programa espião de sucesso. E o fato da mulher ser linda e meio desajeitada só contribuiu para o apetite de Elemiah, que é um prostituto.

Ele bate na mesa e levanta.

— Ótimo! Mandarei um carro buscá-las às oito. Estejam prontas! – ele pisca para ela, que cora como um tomate e sai da sala, seguida por Gabriel.

Eu fico ali, de cabeça baixa, trabalhando em meu computador, tentando ignorar os suspiros que a mulher soltava de vez em quando. Ela limpa a garganta mais uma vez e meu olhar encontra o

dela:

— Ele é sempre assim, intenso?

Fecho meu computador e levanto-me:

— Você não faz ideia. Mas acredito que poderá comprovar essa noite – falo sorrindo e saio.

No meio do caminho, encontro Elemiah discutindo com o meu assistente. Ignoro-os e entro na minha sala. Ultimamente, Elemiah tem sido mais intenso... intenso o caralho. Elemiah tem sido um idiota! Acho que caiu a ficha de que teremos que casar o mais breve possível. O breve é no máximo quatro semanas para mim e seis para ele. Sim, bem-vindos ao nosso inferno pessoal!

— Raze, nós temos um jantar às oito na minha casa. Não se atrase – El fala.

— Voltamos a adolescência, onde um de nós tinha que sair com a prima feia para você ficar com a gostosa? – digo, rindo.

Ele faz uma careta.

— Só esteja lá.

— Não conte comigo, Elemiah.

Ele faz uma careta e se retira. Depois de um dia de trabalho cansativo, tudo o que desejo é a minha cama. Gosto da paz que o meu refúgio me proporciona. Assim que entro em casa, vou despindo-me até chegar ao banheiro para uma ducha relaxante. Fico sob a ducha para que a água leve embora toda a tensão de um dia de negociações.

Saio do banho apenas enrolado em uma toalha, vou até a sala para acionar o sistema de som que foi projetado especialmente para mim. Gosto de boa música, gosto da companhia que a melodia me faz. Lacrimosa de Mozart enche o ambiente enquanto sirvo-me uma dose de conhaque e sento-me na escuridão para apreciar a obra de um dos grandes músicos da história.

Segundo historiadores, essa enigmática peça foi encomendada por um conde para comemorar o primeiro aniversário da morte de sua esposa. A ironia da vida é estranhamente sedutora. Mozart morreu antes de finalizar o Réquiem, tal obra que Lacrimosa é parte da composição. Mórbido, eu sei. Mas não há nada tão encantador do que a morte pelos grandes músicos ou pelos românticos poetas que marcaram o nosso mundo.

Sinto a aproximação de alguém pela porta lateral e, sem movimentar-me muito, alcanço a arma que fica sob a mesinha ao lado da poltrona.

— Jesus Cristo! – o invasor exclama assim que vê a arma apontada em sua direção.

— Elemiah, já conversamos sobre você entrar em minha casa nos momentos em que estou meditando. Uma hora qualquer, eu apertarei o gatilho sem piedade.

Ele anda pelo meu lugar como se fosse dele.

— Eu não tenho medo da arma, mas essas músicas macabras me dão calafrios. Isso não pode

ser bom para ninguém, Raze. Muito menos para meditar. Levante, temos um jantar. E ao contrário do que pensei, a outra sócia é ainda mais gata. Serei bonzinho e vou deixar você ficar com uma.

Rio com deboche. Era só o que me faltava! Em um gesto irônico, levanto o copo e falo:

— Agradeço imensamente sua benevolência, vossa majestade. Mas temo ter que dispensar.

Ele dá de ombros e sai em silêncio, o que é estranho. E em menos de dez minutos, uma linda ruiva bate à minha porta com um sorriso bonito, dizendo que o senhor Elemiah Saints está me convocando para o jantar. Eu não queria me envolver e nem ceder aos planos de El, mas essa mulher parada à minha frente, devorando-me com os seus olhos, desfaz todo o meu autocontrole.

— Entre, senhorita. Receio que nosso jantar será aqui mesmo – dou um passo para o lado, permitindo que ela entre.

— E o que comeremos? – ela pergunta em tom divertido.

Assim que ela passa por mim, coloco as mãos em seus ombros para retirar seu casaco. Minhas mãos percorrem seu pescoço e tão logo ela o inclina, falo em seu ouvido:

— Bem-vinda à minha alcova – nesse momento, a peça Lacrimosa dá lugar à Ameno e rio, fazendo sua pele arrepiar. Passo meus lábios pelo seu pescoço e mordo o lóbulo de sua orelha:

— Você será meu prato principal. Eu a comerei sobre a minha mesa de jantar e eu lhe darei sobremesa... – passo meu dedo indicador pelos seus lábios e digo: — ... diretamente em sua boca.

Fecho a porta com um chute e a ruiva estremece pelo susto.

— Oh, Jesus! – seu clamor faz-me rir.

— Não. Hoje, sou eu que a farei clamar.



— Lute como homem!

Reviro os olhos e enquanto El se distrai com sua arrogância, o ataco, acertando o florete no centro de seu peito. Com deboche, pergunto:

— Melhorou? – entrego meu florete a um dos assistentes ao redor, retiro minha máscara e as luvas.

— Sim, melhorou muito – Gabriel responde.

— Eu já tinha dito que seu problema é frustração sexual – El fala ao se aproximar.

— Achei que ambos estavam em um jantar de negócios ontem – Gabriel questiona. Ele sabe que se tratando de Elemiah, negócios querem dizer sexo. — Já encontraram suas respectivas noivas?

— Não – respondo secamente.

— Eu...

Gabriel levanta a mão silenciando Elemiah.

— Não quero ouvir sobre a sua atriz. Sua mãe está possessa, o que significa que a minha estará em breve e nem quero pensar na possibilidade de Micaylah assumir o papel de mamma – todos estremecem com a ideia. Ele continua: por favor, El, faça as coisas direito, ok? Eu não me importo com quem você se case, da mesma maneira que não me importarei em afastá-la caso seja preciso.

Elemiah assente.

— Telefone, senhor – Shaw, meu segurança, entrega-me o aparelho. — É a senhora sua mãe.

Cristo! É como se tivessem invocado uma delas.

— Olá, mamma.

— Oi, meu querido. Tudo bem? Eu sei que está, porque eu saberia se não estivesse. Enfim, você foi ver a Lilly? – como ela consegue falar tudo isso sem precisar respirar?

— Ainda não, mãe. Não tive tem...

— Dio Santo! Aquela pobre criatura está lá, jogada na periferia, correndo risco de vida com um pequeno bebê... – minha mãe funga ao telefone. — A essa hora ela pode e-estar...

Olho para os caras que me assistem atentos.

— Hollywood não sabe o talento que está perdendo. Vou tomar uma ducha e, no caminho de casa, passarei lá. Tudo bem?

— Já deveria ter feito, menino! Depois, dê-me notícias. Mande um beijo para os meninos. Até breve, Raze.

— Beijo, mamma – entrego o celular para Shaw e caminho para o vestiário com ambos ao meu lado.

— Algum problema, Raze? – Gabe pergunta.

— Minha mãe quer que eu vá ver se uma protegida dela está bem.

Ambos assentem em entendimento, pois suas mães tem o mesmo costume de colocar sob seus cuidados as pessoas menos afortunadas e levar essa responsabilidade muito a sério. Após nos arrumarmos, saímos em direção à garagem. Pela disposição dos carros, percebo que Gregory não está à vista e estranho, pois ele jamais deixa seu chefe. Como se lesse meus pensamentos, Gabriel fala:

— Vou com você. Micah teve um compromisso de última hora e enviei Gregory para acompanhá-la.

— Espero que não se importe de fazer uma parada rápida. Tenho que ver como a tutelada da minha mãe está passando.

— Sem problemas – encaro-o por alguns instantes até ele se dar conta de que o olho estranho. Gabe pergunta: — O quê?

— Tudo bem eu desviar do caminho de casa para ver uma pessoa desconhecida? – balanço a cabeça. — Eu não consigo me acostumar com essa sua boa vontade. Tenho a sensação de que a qualquer hora a máscara cairá e você atirá em tudo o que estiver à sua frente.

Ele bufa.

— Muito dramático.

— Shaw, minha mãe lhe passou o endereço da tal Lilly?

— Sim, senhor – assinto e volto minha atenção ao que estava fazendo.

Seguimos em silêncio, cada um olhando seu telefone, até chegarmos a um bairro pobre e fétido aos arredores da cidade. Muito lixo pelas ruas, partes de carros abandonados, grupos de jovens se enfrentando com pequenos canivetes. O carro para e Shaw abre a porta para que Gabe e eu saíamos do carro. Nos deparamos com um prédio caindo aos pedaços, um odor pútrido, gritos e choros de crianças entranhados naquele mausoléu.

— Quem diabos mora aqui, Raziel?

Shaw vai à nossa frente e os outros seguranças nos seguem.

— Segundo padre Ângelo, é uma mulher que casou com um filho da puta que roubou tudo o que ela tinha e a abandonou grávida, na rua. Minha mãe a conhece porque parece que a mulher tem talentos na cozinha e ajuda na mansão quando é necessário.

Paramos em frente a um apartamento no terceiro andar, onde a porta parece ter sobrevivido a uma demolição de grande escala. Acredito que se batermos mais forte, ela se desfará. Aciono a campainha, mas nenhum som sai. Bato à porta por algum tempo, mas também não há resposta. Quando estou prestes a desistir, ouço um leve clique na porta, e nada tinha me preparado para aquilo.

Uma jovem mulher, muito magra e com grandes olhos azuis, abre a porta com uma bela criança em seu colo. Mas o que chamou minha atenção e, pela maldição que Gabriel soltou, acredito que chamou a atenção dele também, foram os hematomas em parte do seu rosto de traços delicados e pescoço. Inferno! Quem teria coragem de bater em um ser que parece não ter forças nem para ficar de pé?

— Senhores? – sua voz é quase um sussurro. E a vergonha que vi brotar em seus olhos fez-me querer matar o infeliz que a tratou daquela maneira.

— Você é? – pergunto enquanto seus olhos ficam ainda maiores, cheios de medo.

— Li-lisabeth... Lilly... ou o que achar melhor, senhor.

Tento ser o mais sutil possível.

— Sou Raziel Saints e esse é Gabriel Saints. Minha mãe, Cecília Saints, e o padre Ângelo pediram para que eu viesse saber como você e seu filho estão.

Ela baixa o olhar.

— Fi-fico muito grata com a preocupação de sua mãe, senhor. Estamos b-bem, como pode constatar...

Sua afirmação de conformidade com a violência irrita-me e eu entro em seu pequeno apartamento seguido por Gabriel, que fecha a porta, deixando os seguranças do lado de fora.

— Pelo bem de todos, não ouse dizer que estão bem. Estou vendo e não há nada de bom aqui, senhorita.

— Diga-nos quem fez isso com você e eu vou garantir que ele nunca mais faça com outra pessoa – Gabriel ordena.

— Nã-não se preocupem, senhores.

— Como não? – Gabriel está tão irado quanto eu.

E no meio daquele clima tenso, um pequeno riso escapa da criança em seu colo e, por um minuto fugaz, acredito ter visto o lugar se iluminar. Volto-me para o menino loirinho de olhos verdes cinzentos muito parecidos com os meus, e fico paralisado diante daquele sorriso, como se já me conhecesse. Sem pensar, pergunto:

— Como é o nome dele?

— Haniel, senhor. Mas o chamamos de Hunny – ela sorri ao olhar para o filho.

Aceno secamente. E volto-me para Gabriel que conjura:

— Jesus Cristo! Ele é a sua cara, Raziel – ele fala coisas inapropriadas no momento menos apropriado. Sim, fui redundante. Isso para verem quão desnecessário era esse tom exagerado de surpresa.

— Todos que os conhecem dizem o mesmo. A senhora Cecil mostrou-me algumas fotos em que é possível confundir Hunny com o senhor Raziel – ela fala e seu tom de voz é encantador.

Gabriel aproxima-se dela e pergunta em um tom tranquilo. Aquele tranquilo que faz qualquer um tremer:

— Quem fez isso com você, senhorita? – ela dá um passo para trás, mas o olhar gélido de Gabe diz a ela que é melhor manter-se no lugar. — Por favor, não diga que não foi ninguém, porque eu sei que foi um homem e, mesmo que não diga, nós descobriremos e o mataremos.

— Nã-não podem fazer isso... e-eu não me perdoaria se alguma coisa acontecesse com vocês por causa dele. Ele não vale a pena – ela fala em desespero. — As senhoras Saints sempre me ajudaram e não é assim que quero agradecer o que já fizeram por mim, colocando seus filhos

em risco.

Gabe e eu trocamos olhares e rimos sem humor algum. Mas será que, mesmo depois de apanhar, ela ainda ama o monstro que fez isso? Por que o defende? Aproximo-me dela:

— Arrume suas coisas, Lisabeth.

— Lilly... — sua voz não vacila ao me corrigir.

— Tudo bem, Lilly. Arrume suas coisas — ordeno.

Ela balança a cabeça em negação.

— Agradeço, senhores. M-mas estamos b-bem aqui. Ficaré tudo b-bem...

— Ah, pelo amor de Deus, mulher! — Gabriel a repreende.

Fico entre os dois e falo com um tom de voz que não deixa dúvidas de que cumprirei minha ameaça:

— Você arrumará suas coisas e as do menino e virá conosco, ou vou caçar o filho da puta que fez isso com você e fazer picadinho dele. O que escolhe, Lisabeth?

— Lilly.

Minha paciência está por um fio e, ao perceber isso, ela deixa o menino sobre a cama que fica no canto oposto do lugar. O olhar de pânico que Lilly exprime seria cômico se seus hematomas não fossem trágicos. Enquanto ela tira as poucas coisas que tem de dentro da velha cômoda, o menino nos olha curiosamente à medida em que se aproxima e entrega-me um urso amarelado que acredito ter mais idade que eu.

— Não, Hunny. Não incomode o senhor Saints com nossas velharias.

Entrego o velho urso para o menino, que o abraça com força. Garoto esperto! Sabe o que é proteção desde cedo. Ela coloca uma pequena bolsa em seus ombros e nos olha temerosa.

— Só levará isso? — pergunto. — E as coisas dele? E os brinquedos?

Em um gesto protetor, a mulher pega a criança no colo e responde sem jeito:

— É o que temos — ela olha ao redor, fazendo com que façamos o mesmo. — É como sobrevivemos.



Toda a situação dela mexeu com algo dentro de mim que eu nem sabia que existia e, pela frustração de Gabriel, ele sente o mesmo. Observando a Lilly, percebe-se que sua postura é ativa e elegante, mesmo sob essas roupas tão batidas. Seu modo de falar é tão esmero quanto seus grandes olhos azuis.

Começamos a nos movimentar para sair quando ouvimos um som estranho, meio estrangulado. Ao olhar para Lisabeth, percebo que está mais pálida que antes, mas não tinha me dado conta de que se tratava o som até Gabriel abrir a boca:

— Está há quanto tempo sem comer, senhorita Lisabeth?

— É-é Lilly! Desculpe-me, senhor – ela fecha os olhos em constrangimento. — Chame-me do que achar melhor. Eu comi algo on...

— Não minta – falo em um rosnado. A mulher exasperante está testando minha paciência.

— Há dois dias. Todo o alimento que tinha e podia preparar eu dei a Hunny – ela levanta o queixo e seu olhar destemido encontra o meu. — Meu filho é minha prioridade.

— Só para que fiquem cientes – Gabriel fala, fazendo que com que desviemos nossos olhares para ele. — A hora que eu encontrar o responsável por isso, vou fazê-lo pagar lentamente, rasgando cada parte dele e deliciando-me com os gritos de dor.

Ele sai e deixa Lilly olhando-me com olhos maiores que os pratos que usamos em casa. Bom trabalho, Gabriel “dono da porra toda”! Aceno para ela segui-lo, pois se eu me aproximar depois dessa afirmação, com certeza, a mulher gritará e pedirá por socorro.

Entramos no carro e oriento aos meus homens para que nos levem diretamente para o complexo. O menino, Hunny... que apelido mais fresco é esse? Só poderia ter sido dado por uma mulher mesmo. O menino estica-se até vir para o meu colo. Sem jeito e estranhando tudo aquilo, estico meus braços e o ajudo a se colocar onde ele queria.

— Não, Haniel – a mãe fala e tenta dissuadi-lo a fazer o que quer, mas o menino resmunga com uma careta e, para não fazer um papelão, ela olha-me pedindo desculpas.

— Não tem problema, senhorita – falo assim que o menino deita sua cabeça em meu peito.

Troco um olhar com Gabriel na esperança dele pegar a criatura infantil do meu colo, já que tem muito mais experiência que eu, mas ele somente sorri, achando aquilo tudo muito engraçado. Minha vontade era de mostrar o dedo do meio e mandá-lo à puta que pariu, mas não acredito que a mãe vá gostar que sua pequena cria aprenda palavras tão infamas, assim, tão cedo.

— Shaw, entre em contato com o Hernandez e diga para nos encontrar no complexo. Lilly tem uma denúncia a fazer.

— Não! – seu grito quase me deixa surdo.

— Por que não? – questiono.

— Vocês não entendem! Ele voltará para se vingar, e o que será de Haniel? Eu não tenho para onde ir... e-eu... – ela fala desesperadamente.

— Porque, se não o denunciar, ele a deixará inteira por muito tempo, não é!? – digo secamente.

— Enquanto eu tiver alguma serventia, ele não fará nada.

— Você está sob nossa proteção. Nada acontecerá com você ou com o seu filho – Gabriel garante.

Ela balança a cabeça em resignação. Não adianta, quando as vítimas chegam a esse ponto, não costumam ir contra seus agressores.

— Micaylah, já está no complexo? – Gabriel fala ao telefone. — Preciso que você prepare um farto jantar e chame um médico... Calma, assim que chegarmos, você entenderá... Raziel e mais dois convidados jantarão conosco e um deles precisa ser examinado. Separe algumas roupas de Raffaele e alguns brinquedos até que comprem novos. Até, [\[1\]](#)dea.

Ele desliga e Lilly abre a boca:

— Por favor, senhor. Não precisa se incomodar por nós. E-eu não tenho como pagá-los... e-eu não...

Levanto a mão e a interrompo:

— Não começa, Lisabeth!

— Para homens inteligentes, vocês são cansativos. E é Lilly.

— Você disse que poderíamos chamá-la como quiséssemos – Gabe a questiona.

Ela revira os olhos e faz-me rir com a sua coragem.

— Falei por educação, senhor Saints. E pela mesma educação, acreditei que me chamariam da forma que sinto mais cômoda.

— Mulheres tem um dom natural para cadelice. [\[2\]](#)Cazzo! – ele fala e ela abre a boca

ofendida.

— Não pode xingar perto de uma criança, não é certo!

— Caaa... cassaaa... cassooo – parece que o menino é mais esperto do que imaginávamos.

— Puta que pariu! – falo.

— Você fala italiano? – essa é a preocupação do Gabriel?

— Tapaliu... taaaapaaaa...

A mulher arranca a criança dos meus braços ofendida e muito brava.

— Olha o que fizeram! Claro que sei falar italiano – ela ajeita o menino em seu colo. — Não pode falar palavras feias, Haniel. Por favor, meu filho...

— Parabéns, chefe! Você ganhará o troféu de pai do ano – digo em deboche.

Ele resmunga e caímos em um silêncio nada confortável. Rodamos durante alguns minutos e logo o carro para em frente à casa de Gabriel no complexo. Assim que descemos do carro, entramos em sua casa e encontramos Micaylah e Elemiah esperando-nos na sala. Gabe se adianta, abraça sua esposa e seu filho, que passa para o meu colo pedindo doces. Rio com o seu jeito e dou um passo ao lado para que Lilly e Haniel entrem.

— Você é a Lilly, não é? – Micaylah vai em direção a ela. — O que houve com você? – Micah para e pergunta para Elemiah. — El, você está vendo o que eu estou vendo?

Ela volta-se para mim enquanto El exclama tão chocado quanto todos os outros:

— Puta que pariu! O menino é a cara do Raziel. Caralho!

Lisabeth e Micah o xingam enquanto os meninos batem palmas e o imitam. Rapidamente, Micaylah acompanha Lilly até o sofá e senta-se ao seu lado. Elemiah aproxima-se e beija a mão dela, que solta um risinho de menina tímida. Gabe e eu gememos ao vermos a reação dela, que é como a de todas as outras que encontram o grande El.

— Essa é a mulher que faz as melhores sobremesas do mundo! Há uma sobremesa especial que só essa mulher sabe fazer. Vou à casa da minha mãe só para comê-la.

Micah vira-se para ele com olhos brilhantes.

— *Crème caramel* – os olhos da mulher chegam a brilhar. Lilly será escravizada na cozinha por esses dois. Ela volta-se para a mulher machucada que fecha a boca de seu filho que não para de repetir impropérios. — Sobre as PALAVRAS FEIAS – ela fala com ênfase, olhando para Raffaele. — Ensinaaram-me um modo de fazer ele esquecer essas e aprender outras. Não é muito eficaz, mas ameniza a situação. Eu tenho um aplicativo no celular que fica citando cantigas e palavras e, rapidamente, ele para de falar essas coisas sujas.

Nesse instante, o médico da família chega e Micaylah instrui a babá para que cuide de ambos, os distraindo com palavras que sejam adequadas para a idade deles. Depois, o médico e as

duas mulheres foram para um dos quartos de hóspedes para que o doutor examinasse Lilly. Nós sentamos na sala, onde serviram bebidas.

— Qual é a história dela? — Elemiah questiona.

— Tia Cecil pediu para que Raze olhasse pela protegida dela — Gabriel narra. — Chegamos no lugar onde a moça mora, que por sinal é péssimo, e a encontramos assim. Pelo que sabemos, é obra do ex-marido e, pelo que ouvimos, ela ainda gosta dele a ponto de protegê-lo, mesmo o infeliz deixando ela e o filho sem comida por dias.

— Impressionante a semelhança da criança com o nosso menino de ouro, não? — El insiste. — Tem certeza que em algum momento não andou pegando a mamãe-cozinheira?

— Eu lembraria se tivesse feito um filho por aí — ou daqueles incríveis olhos azuis. Penso comigo.

Pouco tempo depois, o médico e as mulheres retornam à sala. Ele despede-se e sai, Micah avisa-nos que o jantar está servido e vamos para a outra sala. Assim que tomamos nossos lugares e começamos a nos servir, Micaylah nos conta como foi com o doutor. Realmente não me preocupo com o estado dela, pois saber que ela já passou por isso várias vezes, passou fome e ainda defende esse filho da puta faz meu sangue ferver de raiva.

Então, prefiro focar naquilo que realmente importa. Se ela não quer ser salva, não serei eu a bancar o herói indesejado. A única coisa que almejo no momento é descansar desse dia tenso. Já fiz minha boa ação do dia, agora resta-me achar alguém para transar e descarregar toda a tensão. Volto a minha atenção para a anfitriã.

— Vou pedir para arrumarem um dos quartos de hóspedes, você e Hunny poderão ficar quanto....

— Não — Gabriel a corta e percebo Lilly estremecer. Ele vira-se para ela e fala: — Você e seu filho são nossos protegidos e, de agora em diante, não precisará se preocupar com nada. Mas você é responsabilidade de Raziel, Lilly, e levamos nossas responsabilidades a sério — Gabe alcança a mão de sua esposa. — O padre Ângelo foi pessoalmente pedir esse favor a tia Cecil que, como está fora, passou para Raziel. Ele prometeu, agora terá que cumprir.

Lisabeth olha para mim esperando uma reação, como se precisasse de aprovação. Assinto e vejo o alívio em sua postura tensa.

— Ela ficará comigo, mas precisará de uma amiga — falo.

— Eu estarei lá. Sempre — Micah responde, sorrindo.



Abro os olhos e espreguiço-me, sorrindo. Há anos não dormia tão bem assim e em uma cama que não foi roída por ratos. Mas meu sorriso cai ao lembrar-me do porquê estou aqui e tudo o que aconteceu no dia anterior. Agradeço aos céus por tê-los colocado em minha porta, pois eu não tinha mais nada para alimentar Haniel. Viro-me e contemplo meu filho dormindo tranquilamente ao meu lado. Obrigada, Deus!

Meu coração aperta por dar-me conta de que, mais uma vez, falhei com essa criança. Só que eu realmente não sei mais o que fazer. Já tentei fugir de Gianfranco muitas vezes e ele sempre me encontrou. E a cada reencontro, uma surra. Então desisti, pois eu não suportaria ver Hunny ser maltratado. Eu sei que deveria denunciar, mas e quando ele sair da prisão, quem me salvará da sua fúria? Quem cuidará do meu filho? Prefiro levar todas as pancadas e manter Haniel intacto.

Ontem, no jantar na casa do senhor Gabriel Saints foi um pouco constrangedor, principalmente quando ele anunciou que sou responsável do senhor Raziel. Eu me senti tão mal! Eu não quero ser carga de ninguém, eles não são responsáveis por mim. Mas o fato deles se esforçarem para deixar-nos confortáveis tocou meu coração. Esses homens não saíram diferentes de seus pais, que são extremamente queridos e generosos. A senhora Micaylah Saints, apesar de intensa, tem um grande coração nobre.

O médico me examinou de cima a baixo e não encontrou nada de grave, só receitou alguns analgésicos para dor e disse que estou muito abaixo do peso, que eu deveria me cuidar mais, alimentar-me direito. Se ele soubesse a minha realidade... Enfim, a senhora Micaylah tomou isso como algo pessoal e, no jantar, tratou de encher meu prato várias vezes. Ela ordenou ao meu anfitrião que cuidasse bem de nós. Ainda deu roupas lindas tanto para Haniel quanto para mim. Odeio me sentir um caso de caridade, só que ontem não senti isso... não sei. Eles trataram-me de um modo, como se eu fizesse parte daquilo, eu não sabia nem como agir.

Quando chegamos à casa do senhor Raziel, fiquei impressionada e oprimida pela exuberância do lugar. Não sabia o que dizer e nem o que fazer. Acredito que ele também tenha ficado um pouco perdido, por um momento, até pensei que ele nunca tinha recebido ninguém em sua casa. Também me peguei pensando se sua falecida esposa viveu aqui. Ouvi que ele era completamente apaixonado pela mulher que morreu durante o sequestro deles. Pobre homem! Perder o amor de sua vida de um modo tão trágico não deve ser fácil.

Sem jeito, ele levou-me até um dos quartos de hóspedes.

— Acha que você e a criança ficarão bem aqui? Talvez ele fique melhor em outro quarto, assim você tem mais privacidade...

Eu o interrompi:

— Não, senhor. É maravilhoso, mas acho que ficaríamos melhor nos aposentos para empregados. Se o senhor me indicar, chego sem o menor problema.

Ele virou para mim e, com aqueles olhos intensos, disse:

— Nem pensar! Você não é empregada, não é intrusa, é a minha convidada. Ambos são meus convidados – ele aponta para o quarto. — Fique à vontade. É seu enquanto estiver aqui.

— Senhor...

— Raziel. Se eu tenho que lhe chamar de Lilly, você deve me chamar pelo meu primeiro nome. Ok?

Seu tom de voz dizia claramente que era uma ordem.

— Tudo bem. Obrigada, se... Ra-raziel – ela corrige-se.

— Você é livre para fazer o que quiser na casa, sinta-se à vontade. Não devo ter nada na geladeira, mas Micah enviou algumas coisas para o seu filho. Amanhã, mandarei alguém resolver isso – ele aponta para as portas duplas ao final do corredor. — É meu quarto. Qualquer coisa, basta chamar. Shaw dorme no térreo e também está à sua disposição.

— O-obrigada. Boa noite.

Hunny e eu dormimos como duas pedras. Bom, ele continua dormindo como uma pedrinha linda. Deus! Fiquei chocada com a semelhança dele e do senhor Raziel. Eu vi as fotos de quando ele era bebê, mas achei que teria mudado ao longo do tempo. Mudou, mas a semelhança continua sendo impressionante. Não sei o que passa na cabecinha do meu filho, mas sempre que põe os olhos no homem, ele sorri como se não existisse outra pessoa em seu mundinho.

E Deus me ajude! O homem é pecadoramente lindo. Todos os três são belíssimos, mas o senhor Raziel é mais quieto. Sua voz grave causa um arrepio, como se fosse carícia em minha pele. Não sei por que tenho essa reação quando estou perto dele... acho que é carência. Sei lá. Ele exala poder e seu olhar é tão penetrante que às vezes torna-me cativa naquele verde-cinzentos. A camisa branca que ele usava ontem era justa e pude ter noção dos seus músculos. A calça que deve ter sido feita sob medida deixava pouco a esconder das pernas grossas e bunda saliente. Santo céu! Há quanto tempo eu não ficava excitada assim? E logo por ele?

Levanto e vou até o banheiro para tomar um banho. Descerei para conversar com o dono da casa e ver no que poderei ser útil. Também preciso saber quais são seus planos para mim, pois, infelizmente, estou a sua mercê, segundo o senhor Gabriel Saints. Preciso dizer a ele sobre Gianfranco, contar-lhe que, a qualquer momento, ele poderá me procurar e usará o fato de me abrigarem para conseguir tirar proveito de alguma coisa. Que vergonha! Como poderei dizer isso a

alguém?

Após o banho, visto um dos suéteres que a senhora Saints me deu e a única calça jeans que tenho e que está muito grande. Perdi muito peso nesses últimos meses, ainda fico surpresa ao ver-me no espelho, pode-se enxergar meus ossos. Eu sou, ou era, o que as pessoas chamam de falsa-magra. Pareço magra, mas a balança desmente isso. Meus seios são grandes e, depois do parto, a coisa ficou ainda maior. Meus quadris eram estreitos e eu não tinha aquela bunda bonita. Mas a gravidez mudou isso, foi a única coisa que me deixou feliz de não ter voltado ao normal. Com a gestação, também vieram as celulites e estrias, marcas que acabam com a gente. Mas o que mais me assusta é o meu rosto, não tenho ar saudável. É como se eu estivesse doente, minhas bochechas estão fundas, meus olhos saltam do rosto e minha boca que é pequena e fina deixa tudo ainda mais feio e desproporcional.

Haniel acorda e o troco rapidamente para descermos. A casa é enorme e, ao chegar no último degrau, sigo as vozes que sobressaem em ecos até chegar em uma belíssima cozinha. Lá, encontro a senhora Saints com o seu filho no colo conversando animadamente com uma senhora. Assim que piso no ambiente, elas voltam-se para mim e sorriem.

— Eis a nossa garota! Venha tomar café, Lilly. Eu já tomei em casa, mas estou com fome novamente. Essa menina me fará uma baleia – ela fala enquanto acaricia sua barriga. — Lilly e Hunny, essa é a senhora Carmone, nossa querida governanta.

— Como vai, senhora Carmone? – adianto-me e estendo minha mão.

A senhora nos envolve em seus braços.

— Seja bem-vinda, querida.

— Alessia, a Lilly é uma excelente cozinheira. Faz sobremesas e cookies deliciosos.

Quando a senhora Micaylah fala em cookies, uma lembrança vem e minha garganta fecha.

— Tenho que lhe pedir desculpas, senhora Saints...

— NÃO! – ela fala alto, assustando a mim e a Hunny, os outros parecem bem acostumados à reação dela. — Nada de senhora Saints, essa é minha sogra e as outras, tias. Micah, só Micah. E por que me deve desculpa?

— O-ok – tento sorrir. — Sua sogra encomendou biscoitos para você e seu neto. Com o dinheiro que me foi dado, comprei os ingredientes, mas... – engulo em seco. — Mas o meu ex-marido esteve em minha casa e levou todos os trocados que eu tinha, inclusive o troco da compra. Os ingredientes usei para fazer alguma coisa para Hunny comer e... – minha voz se quebra, pois não consigo conter as lágrimas de vergonha. *A que ponto cheguei, meu Deus!*

Ela levanta, senta ao meu lado e alcança minha mão.

— Lilly, tudo bem. Mas, querida, você não é culpada por seu ex-marido ser um monstro. Você não deve se envergonhar, é uma sobrevivente como tantas outras. Quantos aos biscoitos, providenciaremos os ingredientes para que faça. Já me deu água na boca – ela levanta o meu rosto

e seca minhas lágrimas. — Vamos tomar café e depois conversaremos sobre o seu futuro, tudo bem?

Assinto e alcanço um pãozinho e leite para Haniel. Tomamos café sem muita conversa, o ambiente foi preenchido pela empolgação de Raffaele e Hunny. A mesa está repleta de comida, assim como foi o jantar ontem. Deus, há quanto tempo eu não vejo tanta fartura? Há quanto tempo despojei de quem um dia fui e tudo o que já tive?

Um nó forma-se em minha garganta e tento engolir um pedaço de bolo na tentativa de desfazer esse embolo. As mulheres me envolvem na conversa e assim solto-me mais. Micaylah é muito engraçada e completamente apaixonada por seu marido. Mesmo reclamando de algo que ele fez, seus olhos brilham de amor. É possível ver o afeto que a senhora tem por essa família e entendo o motivo, pois cheguei e eles fazem questão de que eu me sinta um deles. Não deve ser diferente com os funcionários.

Logo que terminamos o café, levanto e inicio a limpeza da cozinha com auxílio da senhora Alessia. Tenho que ser útil em algo, senão me sentirei mal, uma parasita. Coloco o último prato na lava-louças e Micaylah pede que eu a acompanhe até a sala.

— Ontem, no jantar, a senti um pouco reticente em permanecer conosco. Os homens acreditam que você ficou oprimida por eles serem quem são, mas eu sei que você não quer ser um peso para ninguém. Estou certa?

Respiro fundo enquanto escolho minhas palavras.

— Senho... Micaylah, não vou mentir que estar na presença de vocês... todos juntos, é um pouco demais. E-eu não sei como agir... — aponto para o lugar. — Eu não sei nem como agir em meio a tanto luxo. Não me sinto bem em ficar aqui porque alguém tem pena de mim. Sou forte! Meu filho e eu estamos vivos porque tenho lutado um dia após o outro...

— Ei, ei! — ela levanta as mãos em rendição. — Eu sei, garota. E admiro mulheres fortes como você. Por ser essa batalhadora, eu quero que você aceite o cargo de governanta dessa casa...

Eu a interrompo:

— Não acho que sou capaz — digo.

Micaylah respira fundo, exasperada.

— Lilly, tenho certeza de que você é capaz de muito mais do que administrar uma casa, mas aqui você e Haniel estarão protegidos e confortáveis. Uma equipe vem fazer a limpeza pesada duas vezes por semana, a você cabe apenas manter tudo em ordem e Raziell bem alimentado. A senhora Carmone ajudará nos primeiros dias e encontrará uma ajudante para lhe auxiliar no dia a dia.

Micaylah alcança seu celular, digita alguma coisa e o vira para mim. Assim que vejo os números, eles meio que dançam à minha frente.

— Esse é o telefone de quem? — pergunto.

Ela ri.

— Esse é o salário...

— Por ano? – a corto impulsivamente.

— Por quinzena – ela responde. — Eu não a conheço, Lilly, mas tenho a impressão de que você é a pessoa ideal para trabalhar aqui. Bom, caso aceite, Raziel acertará os detalhes com você mais tarde.

Desde ontem, estou com dificuldade de processar os acontecimentos em minha cabeça. Primeiro, o espancamento. Depois, homens poderosos batendo à minha porta para me trazerem a uma vida de luxo. As coisas tomaram um rumo diferente que jamais pensei que pudesse acontecer. Como agora, Micaylah Saints à minha frente, oferecendo-me um emprego com um salário de rainha. Mas a questão é:

— Será que o senhor Raziel Saints irá querer-me em sua casa a todo tempo? Também tenho Haniel, por enquanto eu não tenho onde deixá-lo e não acredito que um homem como o senhor Saints tolerará uma criança por aqui a todo tempo.

Micaylah fica pensativa e logo fala:

— Há algum tempo atrás, eu estava procurando governantas para as outras duas casas do complexo. Amo Raze e El, mas a senhora Carmone já tem uma certa idade e, mesmo ela teimando que dá conta, acho demasiado serviço para ela. Acabei não encontrando ninguém que seria boa o suficiente para ocupar essas vagas e desisti da procura, até porque logo-logo ambos estarão casados e isso será responsabilidade de suas esposas.

Ela acaricia sua barriga e fala em um tom tão baixo que mal pude ouvir.

— Algo me diz que você é a melhor pessoa para ocupar essa vaga e cuidar de Raze. Só que isso não cabe a mim decidir, Lilly. Cabe a Raziel e você. Talvez eu esteja empolgada, pois não tenho muitas amigas, na verdade só tenho uma, Martina, a irmã de Gabriel. E acredito que seremos boas amigas, se você aceitar, é claro.

Tive a oportunidade de ver a senhora Gabriel Saints mesmo antes de casar e, em nenhum momento, vi essa vulnerabilidade. Não! Micaylah Saints é conhecida por ser a fortaleza do seu marido e um importante alicerce do clã Saints, assim como as *mammas* da geração anterior.

Alcanço sua mão.

— Eu também só tenho uma amiga, Francesca. A vida dela é tão complicada quanto a minha e temos pouco tempo para conversarmos. Será um prazer ter-lhe como amiga, Micah.

O brilho em seus olhos toca meu coração e me faz pensar que, às vezes, ter tudo não é suficiente se não tivermos amor, amigos ou mesmo com quem contar em algum momento. Podem ser ricos e ter tudo, mas não têm o principal: o amor. E do que adianta uma vida sem amor? A mim não adiantaria nada!

Ela sorri e diz:

— Você terá até o final do dia para ponderar sua decisão. Raziel deve chegar mais cedo,

pois eles não têm nenhum compromisso que requer atenção por hoje.

Micaylah sai, deixando a senhora Carmone que insiste em ser chamada pelo seu primeiro nome, Alessia, para auxiliar em como ocupar meu dia nesta imensidão que chamam de casa. Andando pela sala de estar, vejo fotos de família e revistas que aguçam minha curiosidade. Aproximo-me e alcanço um exemplar em que a tríade Saints estampa a capa sob o título: “Conheça os homens por trás do poderoso Império Saints.”

O chefe estava ligeiramente mais à frente que os senhores Raziel e Elemiah. A beleza desses homens é a soma de bela estética, elegância e poder. Mas o olhar do senhor Raziel é o que chama a minha atenção. Olhos pouco treinados dirão que não veem nada ou, talvez, frieza. Não os meus! Eu vejo um homem com profundas cicatrizes, que sangrou mais do que deveria e tratou de estancá-las sozinho. Como eu pude ver tudo isso? Simples! Tenho as mesmas cicatrizes.



Passei o dia a conhecer a casa, fiz os biscoitos para Raffaele e Hunny. Arrisquei-me em uma receita para o jantar do dono da casa e pensei muito sobre aceitar trabalhar aqui. Bem, o fato de aceitar a vaga já está certo. Não posso perder uma chance dessas. Só não quero Gianfranco me usando para se aproximar dessa família e preciso achar uma maneira de evitar me encantar ainda mais pelo meu novo chefe.

Minha mãe, antes de falecer, me ensinou muito sobre a administração de uma casa, como arrumar a mesa para jantares especiais e todas as regras de etiqueta que ela julgava necessário. Ainda assim, não sei se fiz como ele está acostumado e isso me deixa nervosa. Arrumei a mesa para um, não sei se ele trará mais alguém para o jantar e nem se ele gosta do que preparei.

Depois de tudo pronto, subo para dar banho em Hunny e ajeitar-me também. Deixo Haniel brincando no chão do quarto enquanto tomo uma ducha rápida, mas, ao passar o sabonete pelo corpo, algo faz-me pensar em como seria aquela mão forte percorrendo minha pele e...

— Jesus Cristo! O que acontece comigo? – esfrego minhas mãos no rosto para lavar esses pensamentos sujos que permeiam minha mente.

Tempo depois... muito tempo depois... muito mesmo, de pensar e pesar se eu deveria descer ou não, resolvi descer. Até porque eu devo servir o jantar para o homem. Que espécie de empregada eu seria se deixasse a comida sobre o fogão, esperando que ele se servisse sozinho?

A casa é enorme, qualquer hora dessas vou me perder e terão que chamar o resgate para me achar nesse labirinto. Desço as escadas com Hunny se remexendo em meus braços para que eu o solte, o que faço assim que chego ao último degrau. Quando aquele pequenino ser toca o chão, sai em disparada por um caminho desconhecido, tendo a mim em seu encalço.

— Hunny, por favor, meu bem – palavras de carinho não estão me ajudando. — Haniel Bonanno! Pare já, garoto! – ele gargalha como se estivesse em seu parque de diversão particular. — Por favor, meu filho, o senhor Sain...

Minhas palavras morrem ao ver Hunny correr de braços abertos e encontrar uma figura deslumbrante ao final da sua corrida, esperando para segurá-lo. Enquanto eu empalidecia, Haniel

arrancava o que acreditava ser um sorriso do homem de gelo à nossa frente. Foi apenas uma contração labial, quase imperceptível.

— Boa noite, Lisabeth – penso em corrigi-lo, mas meu nome ficou tão bonito em sua boca que prefiro manter-me de boca fechada. Ele continua: Eu estava indo à sua procura para saber do que gosta, para pedirmos comida.

Não sei como me comportar em sua presença. Deus! Eu sou um desastre como mulher. Não tenho vida social e nem lembro quando foi a última vez em que estive sozinha com um homem, com exceção do padre Ângelo.

— Não é necessário, senhor Saints. Preparei algo e espero que esteja ao seu gosto.

— O cheiro que estou sentindo é daqui, então. Isso é bom – ele passa por mim e entrega-me Hunny. — Vou lavar-me e já desço para jantarmos.

Jantarmos? Juntos? Será? O seu perfume fica no ambiente, me assombrando e causando tais pensamentos impuros novamente. Saio correndo do que acredito ser a biblioteca para a cozinha. Esses pensamentos e sensações só estão me atormentando porque estou há anos sem sexo, apesar de ser uma mulher que gosta da coisa. Franco matou não só minha autoestima como também minha libido até ver Ra...

Vamos ao jantar, pelo amor de Deus!

Coloco Haniel no chão da cozinha e vou para a sala de jantar organizar o serviço da melhor maneira possível. Esta noite, decidi fazer uma massa recheada ao molho pesto, receita da mãe do meu padrasto. Um prato leve para a noite, acompanhado por uma salada. Só espero que ele goste! Cozinhar massa para um italiano é como ensinar um padre a rezar a missa.

Volto à cozinha e arrumo uma comidinha para Hunny, deixando-o se lambuzar com molho, sentadinho no chão.

Distraída, não percebo o senhor Saints se aproximar e assusto-me:

— Por que o menino está comendo no chão? – ele olha ao redor e vê um pequeno prato arrumado com salada e um pouquinho de massa que eu já estava beliscando. — Por que está comendo aqui?

Hunny levanta e vai até o homem, com a sua pequena mão lambuzada, segura a mão do dono da casa e caminham em direção à sala. Eu sirvo a refeição ao senhor Saints na sala de jantar e vou até o meu filho para tirá-lo dali antes que ele suje tudo.

— Micah, mande uma cadeira de Raffaele para que Haniel possa jantar na mesa conosco, ok!? Obrigado – ele volta-se para mim. — E você, sente-se em qualquer lugar à mesa. Meus convidados compartilham a refeição no mesmo ambiente que eu, Lisabeth.

Sirvo o jantar.

— Lilly, senhor Saints. Eu realmente prefiro que me chamem de Lilly – falo com pouca paciência. — Não acho certo que a empregada sente à mesa com os seus patrões.

Coloco-me de lado onde posso ver Hunny de longe e fico à disposição do senhor da casa. Ele sai pela porta lateral e volta minutos depois com uma garrafa de vinho. Abrindo-a, ele diz:

— Um bom vinho para uma boa massa – seu olhar encontra o meu. — Eu ainda não a contratei, então ainda é somente minha convidada.

Nesse momento, o segurança-mor entra com um cadeirão, arrasta uma das cadeiras para longe e encaixa a cadeira infantil no lugar. Depois, ele assente e sai sem dizer uma palavra. O senhor Saints vai até Hunny e o pega no colo sem se preocupar em sujar sua roupa. Traz meu filho para a luxuosa sala de jantar toda em marfim e tons de cinza e o coloca no cadeirão. Volta à cozinha e traz nossos pratos, os colocando na mesa. Seu próximo passo é puxar a cadeira.

— Sente-se. Conversaremos sobre sua contratação enquanto jantamos.

Seu tom não deixa dúvidas de que é uma ordem. Assim que o faço, ele serve duas taças de vinho branco. — Esse é um Vermentino di Sardegna, uma das melhores castas para vinho branco. Combinação perfeita para o pesto – o senhor Saints vai à cozinha e volta com um copo pequeno com canudo colocando em frente a Hunny. — Esse é para você, companheiro.

Assisto-o sentar-se e experimentar a massa. Ele mastiga, mastiga, repete o processo e isso está me deixando nervosa. Tento transparecer calma, mas está ficando complicado, mais alguns segundos de reação zero da pessoa ao lado e sou capaz de estrangulá-lo. Observo-o levar a taça de vinho aos lábios e sinto-me corar. O homem é todo perfeito e faz o ato de comer uma tentação sexual.

— Está maravilhoso, Lilly. Obrigado por cozinhar para mim.

Desvio o olhar, mortificada de vergonha. Para disfarçar a minha falta de jeito, volto-me para Hunny e limpo sua boca.

— É um prazer retribuir tudo o que tem feito por nós, senhor Saints.

Comemos em um silêncio confortável... confortável até demais! Essa proximidade que parece natural chega a ser incômoda. Algum tempo depois, ele quebra o silêncio:

— Seu dia foi bom? Achou algo interessante para fazer?

— Micaylah esteve aqui e conversamos bastante e, depois, a senhora Alessia orientou-me nas tarefas da casa – respondo.

— Micah apesar daquela fachada de durona é um doce derretido.

Sorrio com a descrição que Raziel faz de Micaylah.

— Bem, acho que doce derretido é um exagero se tratando de Micaylah. Mas ela tem um coração nobre e é uma pessoa muito boa – falo em constatação.

— Ela disse-me que fez uma proposta a você e que deveria responder diretamente a mim – assinto e ele continua: Mas, antes, tenho que fazer algumas ponderações, depois, se você ainda quiser trabalhar aqui, será muito bem-vinda.

Contemplo o homem frio à minha frente enquanto ele degusta mais uma porção da comida que fiz. O seu controle me irrita. Como pode ser tão comedido em meio a uma negociação? Observo-o mastigar, tomar um pouco do vinho e limpar a boca. Seus movimentos são elegantes e seu olhar é muito... intenso.

— Vou ser direto, Lisabeth. Você poderá receber quem quiser aqui, exceto o seu marido. Para seus visitantes terem acesso ao complexo, basta colocar seus nomes na lista da segurança. Terá um motorista para seus deslocamentos e também fantasmas que a acompanharão de longe.

— Fantasmas? – pergunto curiosa.

Ele recosta-se e encara-me ao responder.

— Nossos seguranças são treinados para serem invisíveis. Sabemos que estão em algum lugar, mas não exatamente onde. Voltando ao assunto, Micah disse-me que já falou quanto será o valor do seu pagamento quinzenal e que a senhora Carmone já tem uma ajudante em mente para auxiliá-la. Terá um cartão de crédito para custear as despesas da casa. Tudo bem até aqui?

Agora é a minha vez de fazer suspense. Repito os seus movimentos ao levar a comida à boca, mastigar lentamente, provar o vinho e limpar a boca antes de responder. Acreditei que ele ficaria impaciente, mas o homem se manteve tranquilo, esperando minha resposta.

— Tudo entendido até aqui. Mas creio que devo esclarecer alguns pontos – tomo mais uma dose de coragem em forma de vinho branco. — Não tenho marido e não quero Gianfranco por perto. Mas sei que, em algum momento, ele virá atrás de mim e, quando souber que estou trabalhando para os Saints, tentará me convencer a fazer algo em seu favor. E isso me preocupa muito.

O olhar astuto do senhor Saints deixa-me ainda mais sem jeito. Ele observa-me, assim como um pai faz quando acredita que seu filho mente e isso faz-me irritada.

— Sei que os senhores acreditam que eu não denunciei meu ex-marido porque tento defendê-lo, nunca estiveram tão longe da verdade. O que faço é para manter meu filho a salvo – respiro fundo e ajeito Hunny enquanto recomponho-me. — Só tenho uma amiga a quem quero bem, o nome dela é Francesca e só podemos nos ver uma vez por mês devido ao seu novo trabalho. Mas com o que irá me pagar, poderei encontrar um lugar rapidamente para mim e Hunny, assim poderei recebê-la em minha casa, e não na sua.

— Não – nossos olhares se encontram, digladiando com a sua negativa. — Vocês não irão a lugar nenhum. Continuarão morando aqui e ocupando o quarto que estão. Talvez seja melhor preparar um quarto, para o menino, separado do seu. Não é, amigão? – Hunny para sua pequena mão cheia de massa a meio caminho da boca e sorri como se concordasse, voltando, em seguida, à sua missão de enfiar a comida na boca. — Viu? Ele concorda comigo.

— O senhor trará suas namo... – limpo a garganta. — T-trará suas visitas e Haniel é uma criança, isso não é uma boa combinação. Não queremos atrapalhar sua vida e nem sua rotina.

— Não – ele responde secamente.

— Podemos ficar na ala dos empregados – insisto.

— Não – que homem difícil!

Respiro fundo em exasperação e começo a falar:

— Não é certo, se...

Ele interrompe-me:

— É como será, Lisabeth.

Seu tom de voz não dá margem a questionamentos. Ele é acostumado a mandar e obedece quem tem juízo. Apenas assinto e continuo a fingir que estou comendo. Se antes já estava nervosa, agora estou apavorada.

— O jantar estava maravilhoso. Será muito bom tê-la conosco, Lisabeth – ele levanta-se e caminha em direção à saída da sala. Antes de sair do ambiente, Raziel vira-se o suficiente para olhar-me nos olhos. — Seja bem-vinda aos Saints, Lisabeth.

Em um impulso absurdo, falo alto demais:

— Lilly!

Vislumbro seu sorriso de canto e um arrepio percorre minha pele. Deus me ajude!



Cuidar de uma casa... não, nada de casa. Cuidar de uma mansão desse tamanho não nos permite ver os dias passarem e, assim, faz um pouco mais de quinze dias que me tornei governanta do senhor Raziel Keruvim Saints. Micaylah e a senhora Alessia têm sido boas amigas, assim como Haniel e Raffaele se identificaram com amiguinhos. Na maioria das tardes, essa duplinha dinâmica fica comigo para que Micah descanse, afinal, Eleonora está quase chegando ao mundo. Com todo o cuidado que recebo das senhoras Saints, tive que soltar todas as pregas que um dia fiz em minhas roupas. Hoje, acredito não só ter recuperado o peso que perdi, assim como encontrei um pouco mais.

Eu não sabia o que era eficiência até conhecer os Saints. Em menos de uma semana, eu já estava com os documentos da contratação nas mãos e um cartão de crédito para as despesas da casa. Todos tentam me convencer de que preciso de outra pessoa para me ajudar nos afazeres, mas com a equipe de limpeza fazendo todo o trabalho pesado duas vezes por semana, basta que eu mantenha a mansão em ordem nos outros dias.

Hunny e eu estamos muito bem adaptados, o dono da casa não parece incomodado com a nossa presença, até porque pouco o vemos. Ele trabalha muito, chega em casa tarde, geralmente quando Hunny e eu já nos recolhemos. A primeira vez que isso aconteceu, esperei-o para lhe servir o jantar e fui surpreendida ao vê-lo chegar acompanhado, fazendo da mulher a sua refeição. Ele dispensou-me e disse que não havia necessidade nenhuma de esperar sua chegada. E, por um motivo totalmente desconhecido, aquilo deixou-me triste e irritada.

Mas as imagens do casal continuam repetindo-se em minha cabeça. Ele a tinha pressionado contra a parede no hall de entrada, erguera uma das pernas da mulher e a penetrava ritmadamente. Dei um passo para trás para sair, mas apenas fiquei ali, imersa na escuridão, assistindo àquele homem devorar como um animal faminto. E Deus! Depois de tanto tempo sem sentir excitação alguma, minha libido foi às alturas e desejei estar no lugar dela naquele momento.

O ouvi dizer:

— Baixe as alças desse vestido e coloque seu seio em minha boca, pois quero mamá-los, gostosa.

Minhas pernas fraquejaram, minha calcinha umedeceu e gozei ali mesmo. É vergonhoso, eu sei. Nos dias que seguíram, o evitei o máximo que pude. Pois, cada vez que o via, minha vergonha transparecia no rubor em meu rosto.

Mas hoje não tive escapatória. O senhorio chegou para o almoço justamente quando não havia feito nada de importante. Todos os dias, faço seus pratos favoritos, segundo a senhora Carmone. Deixo-os preparados, caso ele chegue sem avisar, posso finalizar em poucos minutos. Após tantos dias sem sua presença, eu não o esperava. Então, aproveitei e desfiei a carne que assei para jogar na panela com tomate e alguns temperos, depois cortei fatias de pão italiano que não deixo faltar desde que descobri que o senhor Saints o adora.

Quando levei minha réplica de *bruschetta* e uma salada de folhas verdes, ele apreciou de tal modo que me tocou. Eu não gosto de ser negligente com as minhas obrigações, mas, infelizmente, a simplicidade é o que temos no momento.

— Desculpe, senhor Saints, e-eu não o esperava para o almoço...

— Eu que peço desculpas, Lisabeth. Deveria ter avisado – ao sentar-se, ele olha para os lados. — Cadê o Haniel?

— A senhora Gio insistiu em levá-lo, juntamente com Raffaele, para um passeio. E-eu não acho...

Raziel balança a mão no ar e completa minha frase:

— Não acha certo, blá-blá-blá – ele aponta para a cadeira à sua direita. — Sente-se e, enquanto comemos, conte-me mais sobre você. É correto que os empregadores tenham esse tipo de conversa com seus colaboradores, não?

Sorriso.

— Acho que sim – corro até a cozinha e pego um serviço de mesa para mim. Assim que volto, pergunto: — O que o senhor quer saber?

— Onde aprendeu a cozinhar tão bem? – nesse momento, ele morde a *bruschetta*. — Qualquer coisa que você faça é fantástica. Elemiah está praticamente acampando aqui a cada noite, somente para saber o que você fará de sobremesa.

— Meu padrasto cozinhava tão bem quanto a minha mãe. Finais de semana, ele abria o caderninho de receitas de sua *mamma* e cozinávamos juntos – as lembranças de um tempo feliz voltam, fazendo-me suspirar. — Meu padrasto era italiano, essas receitas que faço hoje tirei daquele caderninho. Algumas, eu adaptei; outras, não me arrisquei a alterar. Quando meus pais morreram, eu iniciei a graduação em gastronomia, mas não pude terminar.

As lembranças de dias felizes se tornam amargas e pisco para as lágrimas em meus olhos se dissiparem. Raziel, compreendendo minha angústia, muda o clima da conversa.

— Suas mãos são mágicas, senhorita Bonanno. Você deve ser fã de um daqueles chefs que tem programa na televisão – ele fala e, por um momento, me perco em seu sorriso.

— Nossa... Faz muito tempo que não assisto televisão.

— Nem quando estava de repouso após o parto? – ele pergunta visivelmente curioso.

Olho para a minha comida e balanço a cabeça.

— Franco roubou minha televisão duas semanas antes de Haniel nascer e não tive condições de comprar outra. Mas também não teria muito tempo para assisti-la. Lembro-me de voltar a trabalhar após vinte e oito dias do parto.

Ficamos em um silêncio constrangedor até que Raziel solta os talheres com mais força do que deveria, assustando-me.

— Seu marido...

Eu o corto, frisando:

— Ex-marido.

— Seu ex-marido é um filho da puta do caralho! Como pode ser chamado de homem alguém que abandona a mulher que carrega um filho seu? Porra, Lilly! – ele respira fundo e passa as mãos no cabelo. — Desculpe-me. Eu não consigo suportar tal coisa. Você e o menino não mereciam ter esse infeliz por perto – seus olhos encontram os meus e um brilho desconhecido surpreende-me. — Vocês não estão mais sozinhos, entendeu? Não faltará nada para ambos. E ai do imbecil que lhes atormentar.

A verdade em suas palavras é crua e isso me toca.

— Obrigada, Raziel – volto a olhar minha comida. — Posso perguntar também ou é muito inoportuno da parte dos empregados?

— Podemos ser amigos, Lisabeth. Não precisamos nos manter só no campo profissional, até porque moramos sob o mesmo teto há mais tempo que alguns casados que conheço.

Sorrio com a sua observação.

— Casamentos que duram menos de uma quinzena? Isso é desanimador – respondo gracejando.

— Você teve namorado depois do seu ex-marido? – sua pergunta me pega de surpresa.

— Não, não tive tempo e nem disposição. E você? – vejo seus olhos perderem o brilho, dando lugar a uma obscuridade desconcertante. — Desculpe-me, senhor. N-não tive a intenção de ser invasiva.

Raziel volta a comer e, logo após a mordida em sua última porção, ele responde:

— Você não foi invasiva, é que faz muito tempo que ninguém a menciona. E, quando o fazem, lembro-me de que um dia fui casado. Perguntou se eu tive alguém após a morte de minha esposa. Bem, tive muitas! Incontáveis mulheres desfilaram por essa casa e pela minha cama.

Quando ele fala essas coisas perversas, faz-me querer... Meu Deus! O que se passa comigo?

— Quer a sobremesa, Raziel? — sem dar-lhe a oportunidade de resposta, levanto e corro para a cozinha.

Volto com dois pedaços de torta de maçã e entrego um a ele. Pergunto sobre seus pais e quando pretendem voltar de sua viagem, fazendo a conversa mudar de rumo. Funcionou! Nossa conversa foi agradável e pude conhecer o lado humano dos Saints. Todos os conhecem pela influência e poderio, mas poucos têm a oportunidade de presenciar quando estão em família e ver que são tão simples como a gente. Raziel é sempre sério, diferente do senhor Elemiah, que é extrovertido e meio teatral. Mas nada se compara ao seu sorriso. Céus! Ele fica lindo quando ri ou geme ao mostrar satisfação com a comida. E cada gesto seu, cativa-me mais e mais.

Após garantir que o chamarei somente de Raziel, nada de senhor Raziel ou senhor Saints, ele voltou à empresa. Passo boa parte da tarde me repreendendo por ficar fascinada por ele. Sua sagacidade e bom humor o tornam formidável, mexendo com uma parte de mim há muito tempo adormecida.



— Calma, meu filho. Mamãe está aqui, querido — embalo Haniel em meus braços aos prantos.

Há dois dias, ele está aborrecido por conta de dois dentinhos seus que resolveram sair de uma vez só. A febre é baixa, mas é constante, e a massagem nas gengivas sensíveis não tem nos ajudado em nada. Graças a Deus, o Raziel ainda não chegou. Já é tarde, deve estar com alguma namorada e isso me deixa feliz... e triste. Feliz por ele não estar aqui e se incomodar com os choros de uma criança que não é sua obrigação. E triste porque... eu não deveria achar nada triste.

Depois de constatar que não há ninguém na mansão, vou até a sala e abro as cortinas que dão diretamente para a piscina e os jardins iluminados. Hunny é fascinado por essa visão, algumas vezes o fiz dormir contemplando essa bela vista. Ele deita sua cabecinha em meu ombro e cantarolo sua música preferida enquanto ele solta pequenos soluços de choro.

— (...) *Estrelas brilhando acima de você. As brisas da noite parecem sussurrar "Eu te amo". Pássaros cantando no plátano "Sonhe um pequeno sonho comigo". Diga "boa noite" e me beije. Apenas me abraçe forte e diga que você sente minha falta. Enquanto estou sozinho e tão triste quanto posso estar, sonhe um pequeno sonho comigo (...).*

Nesse momento, ouço a porta abrir e, quando penso em sair da sala, Raziel entra acompanhado por uma belíssima loira. Ambos conversam animadamente até se darem conta de que estou na sala também. Diferente da mulher, eu estou com o cabelo preso em um rabo de cavalo e um vestidinho bem batido que uso para dormir. Sinto o calor irromper pelo meu pescoço e rosto, deixando claro meu constrangimento.

A sala que estava com pouca luminosidade, por conta da iluminação exterior, clareia de imediato, fazendo todos fecharem os olhos até acostumarem com as luzes. No momento em que

Raziel nos vê ali, abro minha boca para pedir desculpas, mas Haniel levanta sua cabeça do meu ombro, estende seus bracinhos para a frente:

— Papa... papa... — e seu choro que era ameno volta a ser forte.

Em poucos passos, Raziel atravessa a sala e o tira do meu colo, e Hunny o abraça forte, sendo correspondido de imediato. Fico mais perdida que antes e começo a entrar em pânico. O que ele pensará de mim? Eu nunca dei a entender a Haniel e nem ninguém que somos alguma coisa. E, por Deus, Haniel nem tem idade para tirar esse tipo de conclusão sozinho.

— Senhor Sain... — começo a falar quando ele interrompe-me.

— O que se passa, amigão? — ele olha-me esperando a resposta.

— Os de-dentinhos... estão saindo, dois molares ao mesmo tempo, e isso deixa as crianças aborrecidas.

— Devemos chamar um médico? — Raziel pergunta olhando Hunny com preocupação.

— Não é necessário — respondo. — Esse aborrecimento é normal e logo...

— Não sabia que tinha um filho, Raziel. E nem que ele é a sua cópia. Também é novidade que hospeda suas caridades — eu tinha esquecido da mulher que o acompanhava. E, nesse momento, desejo matá-la por lembrar-nos de sua presença de um modo tão grosseiro.

Antes que eu pudesse responder que Haniel não é filho de Raziel e que não sou um caso de caridade, apesar de parecer um, Raziel fala:

— As pessoas só sabem aquilo o que eu quero que saibam — Hunny se agita em seu colo e ele o embala, sussurrando palavras de conforto. — Lilly não é um caso de caridade, ela é alguém que você deve tratar com respeito, até porque nem a conhece.

Ele chama Shaw, que aparece do nada.

— Envie a senhorita Donovan para casa em segurança.

— M-mas Raze, esperei tanto por essa noite. Não pode apenas me mandar embora — seu olhar de morte recai sobre mim e dou um passo para longe do homem que tem meu filho em seus braços.

— Como pode perceber, tenho outras prioridades no momento. Boa noite, Melissa — ele dá as costas a ela, virando-se para contemplar os jardins. Assim que Hunny está um pouco menos agitado, Raziel passa ele a mim, move uma poltrona até a grande janela e apaga as luzes como estava anteriormente. Vem até mim e retira a criança, sentando-se em seguida. — Eu não jantei ainda e, se puder arrumar algo para que eu possa comer, serei muito grato, Lisabeth.

— S-sim, se...

Ele corta-me:

— Raziel, Lisabeth. Cuidarei do menino até que ele adormeça. Não se preocupe.

De constrangida passo a irritada.

— Lilly, Raziel.

De lado, contemplo sua boca formar um sorriso de canto e um arrepio percorre meu corpo.
Deus, me ajude!



— RAZE! – volto minha atenção na direção de Gabriel. — Estamos falando há mais de quinze minutos sobre Elemiah e sua namorada maluca enquanto você fica aí, como uma estátua, olhando para o nada. O que se passa?

Passo as mãos pelo cabelo e respiro fundo.

— Estou cansado.

— A procura pela esposa perfeita tem consumido suas forças, Raze? Tem sido um desfile de beldades pelos nossos clubes. Mas agora está dedicando suas noites a cuidar da mamãe e do bebê.

Reviro os olhos.

— Idiota! Haniel não tem dormido direito por causa do nascimento dos dentes.

— Ele tem dois anos, devem ser os molares – Gabriel fala. — Raffaele ficou extremamente aborrecido quando nasceram os molares. Formou uma bolha e tivemos que levá-lo ao dentista para fazer uma pequena incisão. Depois, tudo melhorou.

Nesse momento, Elemiah faz um comentário desnecessário.

— É incrível a sua proximidade com o menino. São parecidos e o menino o olha como se fosse seu herói. Muito interessante isso, pois eles não têm ligação alguma.

Ambos encaram-me.

— O quê? Eu não sou pai daquela criança. Mas Lilly e eu moramos juntos há tempo suficiente para a criança criar um laço com quem quer que fosse. Haniel já se acostumou à presença de todos como se fossem parentes dele, isso é normal. Mas admito que há algo... diferente. Não sei... Quando se trata de Haniel, meu instinto protetor aflora com força total.

Vejo Gabriel recostar-se em sua cadeira e cruzar os braços:

— E a mãe dele aflora sua proteção também?

— Não. Lisabeth é uma boa moça e...

— E cozinha pra caralho – El fala e fecha os olhos para dar ênfase ao elogio. — Essa semana, ela fez vitela ao vinho branco e *fiori di zucca fritti*. Sou capaz de casar com ela.

Sua brincadeira idiota não me cai bem e o repreendo:

— Não chegue perto dela, Elemiah. Ou eu mesmo atirarei em você.

Ele levanta as mãos em rendição.

— Calma, garanhão.

— Falando em casamento... – Gabe interrompe com seriedade. — Onde aquela sua namorada maluca quer chegar com todas essas aparições escandalosas, El? A porra da mulher anda quase nua, fala sobre coisas da nossa vida privada para sensacionalistas e tudo isso sempre nos seus braços!

Gabriel encarna o chefe dos chefes e levanta-se em toda sua imponência, andando de um lado para outro. Lá vamos nós para um sermão.

— Antes eu pensava que sua mãe exagerava na hostilidade com a moça, mas agora tenho que dar razão a ela.

— Gabriel... – El tenta falar, mas Gabe o cala.

— Não me importo com quem vocês escolhem para serem suas esposas, se quiserem casar com uma prostituta do caralho, o façam! Mas escolham uma que saiba se comportar. Somos responsáveis pela segurança de centenas de vidas, não vamos as expor com um casamento maldito. Já basta a cadela falecida.

Fico tenso com a menção de Phoebe. Ninguém toca nesse assunto, se Gabriel o fez, é porque a noiva de Elemiah passou de todos os limites.

— Inferno! Já não bastam todos os nossos problemas, agora temos que suportar os rompantes espalhafatosos da sua mulher. Será meu último aviso, Elemiah, coloque coleira e focinheira em Amelie ou não estará vivo no dia do seu casamento.

Ele vira-se para mim.

— Seu prazo está esgotando, Raze.

— Eu sei – digo com exasperação.

— Porra, Gabe! Por que simplesmente não acabamos com essa lei ridícula de ter que se casar obrigatoriamente e com prazo determinado?

— É uma tradição e vamos segui-la à risca – Gabriel senta-se.

Depois de alguns minutos de silêncio, El fala:

— Posso me rebelar.

A minha risada escapa e, por fim, Gabriel acompanha-me na gargalhada enquanto Elemiah

nos encara sério.

— Cara, sua mãe nunca permitirá que você fuja ou qualquer coisa do tipo. Casará à força, primo. Sendo assim, é melhor que você pelo menos escolha a noiva – falo ainda rindo. — A conversa está boa, mas alguém tem que trabalhar.

Volto à minha sala e abro o arquivo à minha frente. As letras e números estão em ordem, mas o pensamento de Elemiah casar com Lilly não sai da minha cabeça. Ela seria uma boa esposa, não?

Nas últimas semanas, desenvolvemos um laço de amizade importante. Essa ligação inexplicável que tenho com Haniel é um bônus por me unir a ela. Há algo naquela criança que mexe comigo. Não sei dizer se é por nossa semelhança, ou pelo fato de saber que seu pai o rejeitou e que voltar para maltratá-lo. Não sei mesmo o motivo. Mas todos os meus instintos entram em alerta quando ambos estão por perto. Desde aquela noite em que ele me chamou de papai, os sentimentos só aumentaram. Hoje, tenho grande carinho, assim como tenho por Raffaele.

Não me achava um cara solitário até ver minha casa com vida. A risada de Haniel e a melodiosa voz de Lisabeth cantarolando pelo ambiente faz sentir-me muito bem. É como se, enfim, a minha casa fosse um lar. Eu desejei ter tudo isso com Phoebe, depois forcei-me a acreditar que estava satisfeito com a solidão. Mas agora... agora não mais.

Estaria mentindo se dissesse que Lisabeth não me atrai. A mulher é linda, seus grandes olhos azuis, seus lábios rosados e seu sorriso cativantemente doce a fazem perigosa. Quando a vi pela primeira vez, fiquei assustado. Se via que era uma bela mulher, mas sua beleza estava escondida sob sua magreza e seus hematomas. Suas roupas eram velhas e largas, não combinavam com o ser frágil que as vestia. Com o passar dos dias, a mulher desabrochou e seu corpo voltou à forma normal.

Apesar dela andar somente com roupas que não marquem seu corpo, pode-se ver que ela é deliciosa. Os vislumbres que tive de sua bunda moldada naqueles jeans justos fizeram meu pau endurecer de imediato. Mas ela não é só bonita, Lisabeth possui senso de humor e uma inteligência impressionante. O que chama a minha atenção é que a mulher é uma batalhadora. Lilly não tem medo de trabalhar e não desgosta de servir, o que é problema para muitas pessoas. Sua simplicidade é tão encantadora quanto estar ruborizada.

Sim, ela seria uma excelente esposa. Ela possui elegância natural para ser mulher de um chefe Saints. Seu histórico de vida emocional é tão turbulento quanto o meu, duvido de que ela queira amor depois de descobrir o tamanho dos pesadelos que esse sentimento traz consigo. Nós podemos nos dar muito bem na cama, Lisabeth não precisa de muito para me excitar. Ela e Haniel estarão protegidos sob o nome Saints que carregarão.

Eu não acredito em destino, mas algo maior fez com que eu encontrasse aquele menino e, de mim, ele terá tudo. Haniel será um Saints e desfrutará de todas as oportunidades que quiser. Boa educação, excelentes festas e uma vida luxuosa. Com esse pensamento, levanto e deixo todo o trabalho para trás. Gabriel e Elemiah podem se encarregar das reuniões que restam. Saio do complexo e encontro Shaw esperando-me no carro com os outros seguranças.

— Para casa – ordeno.

Enquanto o carro percorre as ruas movimentadas da cidade, meus pensamentos vão se tornando certeza. Meu telefone toca nesse momento, tirando-me da divagação.

— Raziel falando.

— Como está, meu filho?

— Muito bem, mãe. Você e o papai, como estão?

— Tirando o cansaço da viagem, estamos ótimos. Raze, liguei para falar sobre seu casamento – afrouxo a gravata e abro um botão da camisa para poder respirar. Estava demorando...

— No domingo, celebraremos o aniversário de Elemiah e achamos conveniente que você anuncie seu noivado. Quero saber se devo convidar Valentina Accorsi para se juntar a nós ou não.

— Não, *mamma*. Não será necessário. Domingo, a senhora conhecerá sua futura nora.

— Por favor, não me diga que é uma daquelas *troie*^[3] que El cisma em conviver. Porque meu coração não aguentará, Raziel... – sua voz de choro fingido toma conta do fone. — Sempre esperei por uma nova filha que soubesse desempenhar o seu papel, mas se for uma *puttana* como Phoebe?

Mais uma vez e em menos de duas horas ouço sobre a minha ex-mulher. Trazer meu passado à tona faz as minhas cicatrizes arderem, não pelos sentimentos não correspondidos por Phoebe, mas pela traição daquela que, um dia, disse amar-me. Não há pior traição do que aquela que vem de quem guardamos no coração!

— Acredito que a senhora vá gostar da minha escolha. Nos falamos mais tarde, tudo bem? – desligo antes que ela possa responder.

Eu sou um homem endurecido, mas não revoltado. Fui traído pelo meu próprio instinto, que não detectou a farsa da minha ex-mulher. Sou ciente de que o coração é um órgão inescrupuloso e masoquista, ele não se importa com o quanto já sofreu. Sempre que baixamos a guarda, ele se entregará à primeira que piscar. Só que eu, como um homem inteligente, mantenho-me sempre em guarda. Não quero ter que passar por uma situação parecida com a que já passei.

Casar com a Lisabeth me dará isso. Ela não se importará com as minhas saídas e nem minhas indiscrições fora do casamento. Garantirei que ela nunca passe vergonha e nem sofra, mas fidelidade não está no cardápio desse compromisso. Se ela terá o mesmo direito? Não! Não enquanto não gerar o herdeiro. Depois disso, ela estará livre, desde que não exponha o clã à vergonha.

Assim que o carro para em frente à mansão, saio mais apressado do que eu mesmo gostaria. Mas hoje é quinta-feira, domingo está logo ali, e eu queria ter tempo de formar um plano B se o A der errado. Entro em casa e sou recebido pelo silêncio. Subo as escadas e não encontro ninguém lá em cima também. Volto para baixo e procuro na cozinha, que está vazia. Ao sair, no jardim interno, ouço Lilly cantar e a risadinha de Haniel, não contendo o sorriso.

Vou até a sala e, entre as cortinas, assisto Lisabeth e Haniel na piscina. Ele acaricia o rosto de sua mãe enquanto ela cantarola *Angel* do Massive Attack – *Você é meu anjo... Veio de maneira superior para me trazer amor. Seus olhos... em seus olhos está o lado escuro... que neutraliza*

todo homem à vista. Amo você! Pois és o meu anjo(...) Essa música tem uma batida sexy, a usam nos clubes para a apresentação das meninas nas gaiolas. Só que Lilly a deixa como uma canção de ninar.

Caminhando em direção ao ambiente em que eles se encontram, tiro a gravata e abro mais alguns botões da minha camisa. Sento-me uma das cadeiras e assisto-os em silêncio até que Haniel grita:

— Papa.

— Não, Hunny. Não há papai, querido. O senhor Saints não é seu pai.

Suas palavras são verdadeiras, mas não gostei de ouvi-las. Não sou pai, mas sou responsável por sua vida e proteção. O menino faz cara de choro e tenta se afastar de sua mãe, esticando um de seus bracinhos para mim.

— Papa... papa...

Lilly olha para trás e se dá conta de que estou ali. Apressadamente, ela o coloca na beirada da piscina e ele vem correndo para mim. Coloco-o no colo e assisto sua mãe sair da piscina. Dio Santo! Já imaginava que era gostosa, mas assim, nesse pequeno biquíni, acabei de ter certeza de que a mulher é um espetáculo.

Envergonhada, Lilly corre até a toalha e enrola-se nela.

— Desculpa, senhor. Hunny estava impaciente e viemos dar um mergulho.

— Já falei para ficar à vontade – volto-me para a criança em meu colo. — E você, grandão? Gostou de pular na piscina?

— Pixina xim...

Rindo, o devolvo para sua mãe antes que tenha uma hipotermia. A piscina é aquecida, mas o ambiente não. Lisabeth vira-se para sair e a chamo:

— Lilly? – ela volta-se para mim. — Você está gostando de morar aqui?

Seu olhar é questionador e um pouco temeroso. Sorrio para que ela saiba que é somente uma curiosidade.

— Gosto muito, Raziél. Você nos proporciona o conforto que eu sempre sonhei dar a Haniel e lhe sou muito grata por isso.

— Gosto de tê-los aqui – falo com sinceridade. — Vocês sempre terão um lugar aqui.

— Logo esta casa terá uma senhora e não vejo motivos para desfrutar de toda comodidade que temos hoje, senhor. O correto é estar na ala dos empregados que é enorme, e Hunny em uma escolinha em tempo integral. Sua esposa não gostará da empregada com o seu filho vivendo aqui como se fossem da família. Sei qual é o meu lugar, senhor Saints. Não se preocupe.

Cadê a doçura que exaltei até agora? Mulherzinha petulante. A passividade e submissão

passaram longe dali. Talvez deva pensar melhor antes de levá-la ao altar.

— Falaremos disso mais tarde. Estarei em meu escritório trabalhando – passo por ela e entro, indo diretamente para o meu escritório. Tranco a porta e ligo para os meus primos.

— Quem devemos matar? – Elemiah pergunta sem um pinga de humor. — Raramente chamamos para uma conferência.

— Diga, Raze – Gabe o corta.

— Desde a nossa conversa mais cedo, não paro de pensar que Lisabeth é a melhor opção para casamento.

Aguardo a reação negativa de ambos, mas surpreendem-me.

— Acho uma excelente ideia – Gabriel começa a falar.

— Roubando a minha noiva? – El questiona, rindo.

Aperto a ponta do nariz e respiro fundo.

— Não. Mas vocês hão de concordar de que é uma excelente escolha. E desde que coloquei meus olhos naquele menino, algo aconteceu. Mesmo que eu não me case com sua mãe ou eles fiquem por perto, vou colocá-lo sob o sobrenome Saints e dar-lhe uma vida digna.

— Por que isso, Raziel? – Gabriel pergunta.

— Não sei se é senso de justiça por saber que a mãe apanha para que o filho da puta não coloque as mãos na criança ou porque se parece fisicamente comigo. Ainda assim, é uma criança brilhante e merece a chance de uma vida tranquila. Eu posso dar isso a ele.

— E de bônus ainda ganha uma *mamma sensuale* – abro a boca para xingá-lo, mas ele continua: Antes que me repreenda, saiba que você deverá consumir essa união e trazer um herdeiro. Então, não venha com o papo furado de que não transará com ela.

— El tem razão, Raze. Mas não acredito que seja difícil, não é? Lilly é linda e uma pessoa nobre. Só deixe tudo esclarecido para não machucá-la no final – ele baixa seu tom de voz. — E se lá na frente você me disser que não pode mais suportar estar com alguém, pois teme uma traição, lhe concederei o direito de divórcio, primo.

Suas palavras nos pegam de surpresa.

— Obrigado, Gabe.

Elemiah bufa.

— Eu tenho a promessa de morte e Raze, do divórcio. Muito justa essa tríade!

— Minha mãe disse que comemoraremos seu aniversário no domingo, onde será anunciado o meu casamento – falo. — Será anunciado o seu também, El?

Ele ri.

— Sim, será. Preparem-se para o escândalo.

Gabriel amaldiçoa e ameaça.

— Não nos traga problemas, Elemiah. Estamos com um novo presidente louco para controlar e um cenário de crise para gerenciar. Precisamos estar focados em nosso trabalho, e não nas esposas malucas que contraímos.

— Falou o cara que tem uma *capo* assassina como esposa – Elemiah fala com sarcasmo.

— Antes *capo* que uma *puttana*. E é bom lembrar-se da minha *capo* assassina quando for apresentar Amelie à família.

Interrompo os dois:

— El, o que você tem sobre a Lilly? – pergunto.

— Pouca coisa, Raze. A ficha da mulher é transparente, não há nada. Não há registro de seu casamento, pois somente moraram juntos. Quando o bandido vendeu os bens dela, não assinou nem como testemunha. Sendo assim, eles não possuem vínculo nenhum. O filho da puta nem reconheceu o próprio filho!

— Sabemos pelo menos o nome do infeliz? – questiono.

Ouçõ Elemiah respirar fundo e falar algo ininteligível.

— Tem certeza que quer saber? Merda, Raze! O nome dele é Gianfranco Viaderllo. Ele é bandido raso, com vínculos com a família Bonanno de Nova Jersey.

— Quer dizer que o padrasto da Lisabeth era da máfia? – isso me intriga, pois ela nunca comentou sobre o assunto.

— O padrasto, Ulisses Bonanno, era primo de segundo grau do chefe da família. Pelo que eu me informei, Viaderllo não o conhecia até o dia do funeral.

— Deve ter cortejado a Lilly logo depois que a viu – completa Gabriel. — Seja como for, Raze, ele não é nada dela. Tem a nossa benção. Apenas a faça feliz, não há necessidade de casar por conveniência e ser infeliz. Basta ter a cabeça no lugar e saber que há pessoas que dependem de você.

— Terei isso em mente. Até mais – desligo o telefone com a minha decisão já tomada. Agora, é direcionar o trabalho e manter-me ocupado até o jantar, então, farei minha proposta a ela. Caso ela não aceite, tenho meus meios para fazê-la aceitar o que for. Sou Raziel Saints!



Logo que desliguei o telefone, tive a ideia de convidar Lilly para jantar fora. Assim, poderemos conversar tranquilamente sem parecer uma questão empregador/empregado. Procuro-a pela casa e a encontro na cozinha tirando biscoitos do forno. Desde que essa mulher veio morar aqui, todos nós engordamos. Quando digo todos nós, incluo não só a mim, mas também Gabriel, Elemiah, Raffaele e até Shaw.

— Quer um biscoito, senhor?

Aproximo-me dela.

— Quero convidá-la para jantar comigo esta noite.

Seus olhos ficam ainda maiores e a fôrma de biscoitos vai para o chão.

— A-ai, meu Deus! – Lilly abaixa para juntar, mas a seguro.

— Lilly, olhe para mim.

Assim que ela o faz, sorrio.

— Quer jantar comigo?

— M-mas... jantar? E-eu? Não posso... não podemos – ela balança a cabeça. — Não é certo. E tem o Hunny.

Tiro o celular do bolso e ligo para Micaylah.

— O que você fez, Raziel? – ela atende com a amabilidade de final de gravidez.

— Estou bem e acredito que você também esteja, Micah.

— Tenha uma bolsa de quatro quilos pendurada em seu corpo durante oito meses e depois venha conversar comigo – ela resmunga. — Mas qual é a honra dessa ligação?

— Gostaria de levar a Lisabeth para jantar esta noite. E como você tem ajudantes aí, acredito que não seja um incômodo ficar com o Haniel – questiono.

— Que maravilha! Saiba que fiquei muito feliz em saber da sua escolha, querido. Traga Hunny para passar a noite aqui. E, por favor, faça esse pedido direito.

— Obrigado, senhora Saints – desligo e falo: Haniel ficará na casa do Gabriel e nós dois jantaremos em um lugar especial. Sairemos às sete, aconselho arrumar Haniel e levá-lo para Micah.

— Eu não tenho roupa, Raziel.

Pisco para ela.

— Você terá!

Enquanto subo as escadas, envio uma mensagem a Micah pedindo para resolver a questão do vestido. Tenho que ponderar como conduzirei essa negociação. Porque isso é uma negociação. Terei que deixar claro todos pontos positivos e não focar nos negativos, senão perderei antes mesmo de começar.

Sob a ducha de água quente, revejo a imagem de Lisabeth saindo da piscina com aquele biquíni azul. Meu pau endurece em resposta aos meus pensamentos. Como será o cheiro de sua pele que parece ser cremosa? Qual será o gosto de seus lábios? Balanço a cabeça para desfazer esses pensamentos eróticos e termino meu banho. Não vou me masturbar como um adolescente entrando na puberdade.

Visto-me com esmero e desço à procura da minha futura noiva. Como não a encontro na sala e nem na cozinha, deduzo que ainda está a se arrumar. Sirvo-me de uma dose de conhaque e passo uma mensagem a Shaw para que deixe meu carro particular pronto para sair. Hoje será somente Lilly e eu, pelo menos, dentro daquele carro.

Olho ao redor e sorrio com a nova disposição dos móveis. Naqueles dias em que Haniel estava aborrecido, pedi a minha decoradora para reorganizar aquele ambiente. Ela fez um serviço incrível montando uma pequena área de leitura ao invés de mudar tudo. Agora, em frente à janela, ficam duas poltronas ladeadas por luminárias individuais e uma pequena mesa de vidro entre elas. O pequeno e eu passamos horas a contemplar a vista.

Um doce perfume chega até mim e viro-me para ver a fonte de tal exalação. Dou de cara com uma mulher linda, sexy e com carinha de boneca. *Cazzo di inferni!* Seu cabelo solto, caindo em ondas pelos ombros e aquele decote aberto entre os seios fartos que fariam um sacerdote matar só para vê-la baixar um pouquinho. O vestido vermelho contrasta com sua pele cremosa, fazendo-a ficar deliciosamente inocente.

Caminho até ela, alcanço sua mão e a beijo.

— Você está linda, Lisabeth.

— Obrigada, se... Raziel.

— Quer beber algo antes de irmos? – ofereço um drinque para ver se ela para de mexer suas mãos, sei que está nervosa sem saber o que a aguarda. Eu também estaria.

— Não, obrigada. É melhor me manter sóbria.

Rio da sua expressão e estendo meu braço a ela.

— Vamos?

Ela assente, então ajudo-a a vestir seu casaco e saímos. Já no trajeto, ligo o som e a *Por una cabeza* soa pelos altos falantes. Acreditando que ela não gosta deste estilo, procuro uma música adequada na playlist, mas Lisabeth surpreende-me:

— *Por una cabeza* de Carlos Gardel – ela presenteia-me com o maior sorriso que já vi em seu rosto. Isso me deixa deslumbrado.

— Você gosta? – pergunto querendo saber qual o motivo daquele sorriso.

— Sim. Ouvi essa música a primeira vez quando assisti o filme *Perfume de Mulher*. E o tango tem essa coisa sexy, não? – a paixão em sua voz cativa. — Quando ouço esse tango, imagino-me em um jogo de sedução no salão de baile, como na antiguidade.

Ela para de falar e olho-a, dando-me conta de seu rubor.

— Algum problema, Lilly?

Ela balança a cabeça.

— Você deve estar me achando uma boba – sua voz é baixa.

— Não. Eu acho absolutamente incrível. Ouvi você, muitas vezes, cantar para Haniel e, em algumas delas, invejo-o. Você estudou música ou algo assim?

— A minha mãe também era apaixonada por música. Cresci ouvindo-a dizer que a música tem o poder de curar até mesmo a alma mais quebrada. Tive preguiça de aprender algum instrumento, mas cantar é o que mais gosto – desabafa.

— Já pensou em cantar profissionalmente?

— Nunca nem passou pela minha cabeça, prefiro cozinhar. A música é somente um tempero. Entende? Gosto de cantar para Hunny dormir, para cozinhar, para tudo. Mas só isso.

Estaciono o carro em frente ao restaurante e dou a volta para abrir a porta para Lisabeth. Ajudo-a a sair e entrego as chaves para o manobrista. A recepcionista me reconhece logo que me vê e, sem demora, nos leva até uma mesa reservada. Puxo a cadeira para que minha bela acompanhante acomode-se e sento-me na cadeira à frente dela. Mal nos ambientamos e o *maitre* aparece para entregar-nos os cardápios. Peço um vinho de uma safra especificamente especial e, enquanto isso, estudamos o menu.

— Você deve ser um cliente assíduo – ela fala sorrindo.

— Sou um dos donos, *cara mia*. Adquirimos esse restaurante há pouco tempo e gostaríamos da sua opinião como expert em gastronomia.

Ela abre a boca.

— N-não. Eu não sou ninguém, apenas uma cozinheira.

Eu a interrompo:

— A melhor por sinal! – pisco para ela e retiro o menu de suas mãos. — Pediremos uma degustação do menu.

Assim que servem o vinho e se retiram, experimentamos a bebida e Lilly geme em satisfação. Ah, inferno! Esse som me faz pensar nessa mulher nua sob mim, gemendo de prazer e pedindo mais de mim. Não é ruim desejar foder como um louco a mulher com que casará, é? Pode ser que não tenha amor, mas haverá luxúria de sobra!

— Além da música, algo mais lhe fascina? – pergunto curioso.

Ela bebe seu vinho antes de responder.

— Você não quer ouvir meus delírios infantis.

Encaro-a:

— Quero conhecer cada um deles – percebo seu leve estremecimento e a satisfação faz-me sorrir perigosamente. — Conte-me seus sonhos, Lilly.

— O circo é algo que me encanta de uma forma inexplicável. Tanto quanto a música.

Os primeiros pratos do menu chegam e experimentamos cada um em meio a uma conversa extrovertida. Há quanto tempo não saio com uma mulher e presto atenção ao que fala? Lisabeth é uma agradável companhia. Seu bom humor contagia e seu riso a deixa irresistível. Ela elogia cada prato e, com verdadeira paixão, me explica as origens e as histórias dos alimentos em cada um deles.

Encorajada pela bebida, Lilly questiona-me logo depois do segundo menu.

— Qual o verdadeiro motivo desse convite, Raziél?

Deposito minha taça sobre a mesa e aproximo-me da mulher à minha frente:

— Porque quero pedi-la em casamento – pensei que ela engasgaria, gaguejaria ou mesmo arregalaria seus lindos olhos, que são suas reações costumeiras. Mas não, a mulher à minha frente simplesmente arqueia sua sobrancelha e aguarda uma explicação. — Quero casar com você.

— Isso eu entendi, senhor Saints. O que quero realmente saber é: por que eu? Assisti as beldades desfilarem por sua casa, mulheres elegantes, e todas pareceram solícitas a deitarem em sua cama. Então, por que eu, a empregada?

— Além de você ser uma belíssima mulher, também é inteligente e, assim como eu, passou por uma experiência desastrosa em seu primeiro casamento. Não acredito que você esteja procurando amor. Está? – sirvo mais vinho em nossas taças e a observo negar com a cabeça. — Nem eu, doce Lilly. Essa união pode ser boa para ambos. Eu terei uma bela esposa que, por sinal,

já mora em minha casa e você terá tudo o que quiser.

Ela abre a boca, mas eu levanto a mão, impedindo-a:

— Quero dar meu sobrenome a Haniel. Darei a ele tudo o que puder dar e ele quiser. As melhores escolas, universidades, viagens, festas...

— Não...

Sem pensar solto:

— Haniel ocupará minha cadeira na tríade, pois será meu primogênito.

Ela vira a taça e toma todo o restante da bebida de uma vez.

— Nem pensar! – ela encara-me com fogo nos olhos. — Acha que pode me comprar usando o meu filho? Acredita mesmo que deixarei ele assumir uma cadeira que não o pertence? Hunny e eu podemos ser pobres, não temos nada a não ser um ao outro, senhor Saints. Mas uma coisa lhe digo, caráter e dignidade tenho de sobra para mim e para meu filho.

Não está saindo como eu esperava.

— Seja coerente, Lisabeth. Pelo menos, pense – melhor arrumar um plano B, rápido! — Pense em tudo o que Haniel pode ter, tudo o que você pode ter...

Ela corta-me:

— E o que eu terei, Raziel? Um casamento por conveniência em que meu marido e eu nem compartilhamos a mesma cama, em que ele desfila com suas belas amantes enquanto eu, por pudor, mantenho a fachada de bela esposa trancada dentro do complexo. Um dia, nós nos odiaremos, porque eu não suportaria tal vida e jogaria meu sofrimento na sua cara. Aí você me odiaria e me daria um tiro no meio da testa.

As pessoas ao redor soltam seus talheres assustadas e outras tantas exclamaram “oh”. Lilly fica da cor de seu vestido, levanta-se e sai apressada do restaurante. Ignoro a todos, porque nenhum deles tem nada a ver com a nossa vida e a sigo. Assim que saio, vejo-a na beirada da calçada, levantando o braço para chamar um táxi quando se desequilibra. Por um milagre, chego nela antes que vá ao chão. Em segundos, Shaw e alguns seguranças nos alcançam preocupados.

Seguro-a firme contra o meu corpo e peço o meu carro. Envergonhada, ela esconde seu rosto em meu peito e segura meu terno como se fosse sua tábua de salvação. Falo rapidamente com os homens, explicando que Lilly só bebeu um pouco a mais. Assim que o carro encosta, ajudo-a entrar e fecho a porta. Dou uma gorjeta generosa ao manobrista e peço que avise ao *maitre* para enviar a fatura para a Worldwide. Entro no carro e percebo que Lisabeth chora. Ligo o carro, e seguimos para casa.

— Como posso ser uma senhora Saints se nem ao menos sei me comportar? – ela funga.

— Eu gostei do seu pequeno show – alcanço sua mão e a trago até meus lábios. Dou-lhe um beijo molhado e sinto sua pele arrepiar sob minha boca. — Drama digno de uma senhora Saints.

Ela ri e funga ao mesmo tempo, parecendo ainda mais com uma menina. Fazemos o trajeto em um silêncio confortável. E, nesse tempo, idealizei meu próximo passo, seduzi-la. Mostrar a ela o que a espera caso aceite ser minha esposa. Se é tango que a senhorita doçura quer, é tango que ela terá!

Paro o carro em frente à mansão e desço. Ajudo Lisabeth a sair e entramos juntos em casa, que está mergulhada na escuridão. A única coisa que ilumina são as luzes azuis da piscina. Enquanto tiro meu terno, Lilly caminha até a janela. Ligo o som e a música *Asi se Baila il Tango* preenche a sala. Coloco-me atrás dela e acaricio as laterais de seu corpo, a trago para mais perto e inalo o perfume de seus cabelos.

— Raze...

Deitando sua cabeça em meu ombro, calo-a traçando meus dedos pelos seus lábios.

— Shhh... *principessa. Io la insegnerà al tango* – desço uma das minhas mãos na frente de seu vestido até que ela repousa sobre o seu púbis e a pressiono, encaixando sua bunda sobre a minha ereção. — Solte-se... – minha outra mão pousa sobre um de seus seios e remexo-nos no compasso da música. — Renda-se, Lilly.

Viro-a e tomo sua boca em um beijo frenético. Minha confiança aumenta quando ela geme em minha boca. Pressiono-a contra o vidro da janela e, com uma de minhas mãos, seguro as suas sobre a sua cabeça e a que fica livre vai ao decote para libertar seus seios lindos.

— R-raze...

Mordo o lóbulo de sua orelha, e seu estremecimento provoca o meu riso.

— Diga, Lisabeth. Diga-me o que quer, *cara mia*.

— E-eu...

Nesse exato momento, meu telefone toca. Mas nem se o inferno congelasse, sairia daqui. Todo esse jogo de sedução era para conquistá-la, mas nem em outra vida imaginaria que eu cairia em minha própria armadilha. Sua boca quente recebe-me com avidez. Seu corpo se molda ao meu tão perfeitamente que parece ter sido feito para mim. Eu preciso entrar nessa mulher e estancar essa veia de desejo que se rompeu em mim.

Mas o maldito telefone continua a tocar e logo batidas na porta acabam de vez com o clima. Amaldiçoando, afasto-me de Lilly e vou até a porta expulsar o cretino que ousa me atrapalhar. Assim que abro a porta, vejo Elemiah com Haniel e Raffaele em seu colo. Hunny se joga para os meus braços e ambas as crianças batem palmas.

— Micah entrou em trabalho de parto há uma hora – Elemiah avisa.

Lisabeth, que a essa altura já está ao meu lado, o repreende.

— E por que diabos você não nos avisou antes?

Ele olha para mim de boca aberta e dou de ombros.

— Mal entrou para a família e já surtou como uma *mamma* Saints? Deus nos proteja dessas loucas.

— Se eu fosse você, teria mais cuidado ao falar com uma mulher frustrada – falo com deboche.

— Vamos ficar batendo papo ou correremos para o hospital? – Lilly pergunta. Ela pega Raffaele, vai em direção aos carros que nos aguardam em frente à casa. — Vamos conhecer sua irmãzinha, querido?

Elemiah olha Lisabeth de longe e fala:

— Tenho a vaga impressão que a próxima tríade Saints não será composta por homens – encaramo-nos: — Que Deus tenha piedade dos nossos filhos.

Em uma crise de riso, alcanço Lisabeth e partimos para conhecer Eleonora LeaPerla Saints.



Sentados na sala de espera do hospital, penso no que aconteceu há pouco tempo na casa do Raziel. Tudo culpa da bebida! Quem quero enganar, aquele homem lindo mexe comigo desde o dia em que o vi pela primeira vez. E com aquela vista, a música e falando no meu ouvido...

— Lilly? – assusto-me com a voz da senhora Cecilia Saints. — Está tudo bem, querida? Você ofegou com dificuldade. Está com falta de ar?

Abra-se, chão! Meus olhos encontram os de Raziel que está do outro lado da sala conversando com o seu pai, tios e primo. Ele está com aquele sorriso de canto que faz qualquer mulher ficar sem ar.

— Estou bem – ajeito Hunny, que está adormecido em meu colo. — Só preocupada com Micah.

A senhora acaricia a cabeça do meu filho com carinho.

— Eu não vejo a hora de Raziel me dar netos. Suas irmãs já estão no segundo ou terceiro filho e Raze, até agora, nada.

— Logo ele se casará, senhora Cecil. Não demorará muito para que ele dê um neto para a senhora.

Com aquele jeito perverso, minha senhora, seu filho conceberá a criança tão esperada logo após a cerimônia de casamento. Não vá por esse caminho, Lilly. Nada de carência. Volto minha atenção à senhora que ainda fala:

— Domingo, ele anunciará sua noiva e, se não aprovarmos ou mesmo se ele não apresentar alguém, buscarei Valentina Accorsi para oficializar o seu noivado.

Encaro-a de boca aberta:

— A-a senhora o obrigará a casar com quem ele não quer? – ela encara-me, avaliando meu choque e sinto-me na obrigação de me desculpar — Desculpe, senhora. Não tive a intenção de ser invasiva.

— Raziel é um dos chefes Saints, sendo assim, ele tem deveres a cumprir. Uma das leis que regem a tríade diz que eles têm até o dia em que completam o trigésimo terceiro ano de vida para estarem casados ou anunciarem suas noivas. Mas há um porém, se algum deles conceber um herdeiro antes disso, os outros dois terão, por obrigação, que adiantar seus matrimônios – então, eles estão meio atrasados, não? Penso comigo. E a mulher responde como se lesse meus pensamentos. — Raziel e Elemiah ganharam um salvo conduto por causa de Micaylah e seu casamento. Mas eles têm até o próximo domingo para fazer o anúncio.

Nesse momento, o senhor Gabriel Saints sai com Raffaele adormecido em seus braços. Quando chegamos aqui, Eleonora já tinha nascido e, enquanto eles preparavam mamãe e bebê para receberem visitas, Gabriel veio buscar seu filho para dar as boas-vindas à sua irmãzinha. Ato que os Saints levam muito a sério e que aqueceu meu coração.

Devo ir para a casa, sinto-me uma estrangeira aqui. Todos estão absortos com alguma coisa, parece até o nascimento de alguém da família real. Muitos seguranças, o chefe da assessoria de imprensa, algumas pessoas muito próximas à família do chefe Saints. Aqui sou só a empregada que veio por impulso, pois sua amiga deu à luz. Só que já está na hora de ir para casa.

Com dificuldade por causa do meu menino pesado, levanto e vou até o senhor Gabriel.

— Senhor? – ele volta-se para mim com um sorriso deslumbrante e o brilho de felicidade no ar. — Estou indo para o complexo, quer que eu leve Raffaele? Cuidarei dele com muito carinho.

Ele olha para Hunny e franze a testa. Então vira-se para onde os homens estão.

— Onde está o cavalheirismo de vocês? Não perceberam que a mulher está com uma criança em seu colo e ninguém se oferece para segurá-lo? Já tentaram carregar um fardo de mais de dez quilos por horas seguidas?

— N-não é necessário, senhor – sinto meu rosto esquentar e baixo a cabeça de vergonha. Agora, pode abrir de verdade, chão! Estou aguardando.

Raziel se aproxima e leva Hunny dos meus braços. O chefe vira-se para mim novamente:

— Ficarei muito grato se levar Raffaele contigo. Elemiah acabou dispensando as ajudantes e a senhora Carmone saiu daqui não faz muito tempo. Micah deve sair amanhã no final da manhã e pediu que fosse a ver. Tudo bem?

Olho-o com descrença:

— Como assim, sai amanhã no final da manhã? Ela não deveria ficar pelo menos vinte e quatro horas aqui.

Ele sorri sem jeito:

— Vamos dizer que Micaylah tem facilidade de recuperação. Quando ela começa a sentir as contrações é porque a criança já está... – ele procura a palavra. — Já está quase... – ele faz gestos com a mão livre na tentativa desesperada de me explicar que Raffaele e Eleonora quase nasceram no meio do caminho. Micah deve ser uma daquelas mulheres que tem facilidade de dilatação e não

como eu, que sofri por horas antes de Hunny resolver sair.

— Entendi, senhor – conforto-o.

— Também não correremos o risco de deixá-la exposta. Aqui é complicado de manter a segurança como deve ser. Mas, por favor, Lilly, nada de senhor. Seremos uma família... você e Haniel já são da família. Gabriel ou Gabe. Haniel já me chama de “tigobe”.

Despeço-me das senhoras Saints e saio com Gabriel, Raziel e seus respectivos exércitos de seguranças. Dois carros grandes param na nossa frente e abrem a porta para que eu me ajeite da melhor maneira para levar as crianças. Antes de ir, Raze entra e fala só para que eu ouça:

— Tenho algumas coisas para fazer e não tenho hora para chegar – ele traça meus lábios com o seu polegar. — Ainda espero uma resposta, doce Lilly.

Antes que eu pudesse lembrá-lo de que a minha resposta é “não”, ele fecha a porta e Shaw cai no tráfego. Distraio-me com as palavras da senhora Cecil. Eu sempre soube que eles tinham um tempo determinado para casarem, mas nunca imaginei que fosse algo tão rigoroso. Por um momento, penso em aceitar a proposta de Raziel, não é justo que sua mãe escolha sua futura esposa. E, afinal, como a outra morreu?

Eu sei o que todos sabem, a mulher morreu em uma tentativa de sequestro. Mas lembro-me da história ser rapidamente abafada e, desde então, não se ouviu mais nada. Aí é que está a questão: Por quê? Ela morreu tentando salvar o marido? Ele a matou por engano? Ou não houve sequestro algum e os Saints só estavam fazendo uma limpeza? Um calafrio percorre meu corpo, gelando todas as minhas veias.

O mundo conhece o Saints, sabe que eles não são os mocinhos das histórias. Sou ciente de que conheço somente o lado família deles, coisa muito importante, se não a mais importante da vida deles. Só que a fama os precede. Dizem por aí que eles são mercenários, que se bem pagos, fazem o que pedirem. Outros preferem a teoria de que são os chefes supremos da máfia. E há aqueles que levantam a hipótese de serem os poderosos que comandam o Iluminatis. Isso é fantasioso, eu sei.

Eles não são abertos. O mundo só conhece as informações que eles querem que o mundo saiba, nem uma vírgula a mais. São poderosos. Em alguns encontros em que cozinhei para as senhoras Saints, pude ver políticos poderosos e chefes religiosos circulando pelas mansões. Será que eu me casaria com alguém de que não sei absolutamente nada? Não. Não posso nem cogitar tal ideia. Não sou boa o suficiente para ser uma senhora Saints. E para ser bem sincera, nem quero ser boa para isso.

Quando a senhora Cecil falou sobre a Valentina Accorsi, meu coração falhou uma batida. Não gostei de saber que outra terá aquilo que só tive uma amostra hoje. Impulsionada pela curiosidade, falo com o “segurança-barra-motorista-barra-porteiro-barra-assistente-barra-etc”.

— Shaw, a mãe do senhor Raziel disse-me que se ele não apresentar uma noiva até domingo, ela buscará uma das Accorsi para ocupar a vaga – ele assente. — Eles namoraram ou alguma coisa assim, para que a senhora tome tal atitude?

— Acredito que eles nem se conheçam – ele pondera suas palavras antes de voltar a falar.

— As moças Accorsi são conhecidas por sua criação. Elas foram educadas sob rigorosas leis da Itália para serem boas esposas, submissas aos seus maridos e satisfazerem-se com que lhes derem. Seus pais vislumbram status e as criaram para serem modelos do que eles acreditam ser o correto.

— Submissas aos seus maridos... – repito. Será que é isso o que Raziel quer? Uma mulher que apenas diga amém a cada migalha que ele der? – Micaylah nem de longe é submissa – falo sem pensar.

Shaw ri e fala:

— Não há nada naquela mulher que remeta a isso. Mas, quer saber... – nossos olhos se encontram pelo retrovisor por alguns instantes. — Mulheres submissas não iriam longe na tríade. Esses homens precisam de mulheres tão fortes quanto eles.

Seguimos em silêncio até em casa, meus pensamentos começaram a voar em uma velocidade estrondosa desde que a mãe de Raziel disse que traria outra mulher para casar com o seu filho. Isso levantou algumas questões, como: a família Saints é unida, não se ouve falar de atritos e nem nada do tipo. Também vê-se muito amor entre eles. Então, por que a mãe imporia um casamento a seu filho? Será que ser um chefe Saints não é como penso ser? Na minha pobre concepção, a vantagem de ser rico é justamente ter a liberdade de fazer o que quiser, até mesmo comprar o mundo se assim desejar.

Se os chefes Saints não podem nem mesmo escolher quando casar, qual o tamanho de seus deveres? Será que são realmente livres como penso? De qualquer forma, não devo cair na tentação de aceitar ser sua esposa. Não sei o que caberá a mim ser nessa família e também não posso permitir que Hunny sente naquela cadeira sabendo que sua vida já estará traçada e não terá escolhas. Talvez seja melhor para o Raziel ter uma esposa submissa, que acate seus caprichos e decisões sem reclamar. Porque eu não seria assim, afinal, também seria uma parte de dois e minha decisão deverá ter tanto peso quanto a dele.

Assim que o carro para, volto para a realidade. Os seguranças ajudam-me a colocar os garotos na cama. Antes de sair, Shaw entrega-me um celular.

— O senhor Raziel pediu para entregar-lhe esse telefone. Nos contatos, estão os telefones importantes, como o dele, o meu, o de Gregory, dos outros dois chefes e da senhora Micaylah. O botão com o número cinco, esse com relevo, é o botão do pânico. Pressionou por mais de três segundos, disparará mensagens para a central e irão ao seu auxílio – ele encara-me. — Só aperte se realmente se ver em maus lençóis, porque eles deslocarão um batalhão para o seu resgate.

— Tudo bem. Entendido. Obrigada, Shaw.

Ele assente e sai. Eu fico parada, olhando para o nada e pensando em tudo. Por fim, desisto de me preocupar com assuntos que não são meus e subo para dormir. O cansaço toma conta do meu corpo e a minha cama me chama.



A manhã começou agitada. Acordei com Raffaele pedindo por sua mãe, demorou, mas

consegui distraí-lo. Em meio ao café da manhã das crianças, a babá de Raffaele aparece e leva ambas as crianças para brincar em um dos cômodos da casa. Quando terminei de assar os pãezinhos de canela, pensando em sentar para tomar café, a equipe de limpeza bateu à porta. Como Micaylah volta hoje, achei melhor limpar a casa dela.

Como é a senhora Carmone quem comanda a todos nesse departamento doméstico, achei bom acompanhar a equipe e conversar com a senhora. Por fim, ela ficou feliz da vida por eu ter enviado a equipe de limpeza. Assim, ela poderia se concentrar somente nos detalhes do quarto do bebê e na alimentação dos seus patrões. Voltei para a casa com a esperança de ainda comer pães quentinhos e a minha ideia foi frustrada pela visita inesperada de Elemiah, querendo saber se tudo correu bem durante a noite e se a babá já tinha chegado. O homem sentiu cheiro do pão e pediu que eu embalasse alguns para ele poder levar. Feito tudo isso, sento para apreciar o café da manhã com calma.

Nesse momento, Raziel entra na cozinha com a mesma roupa de ontem e o cansaço estampado em seu rosto.

— Bom dia, Lisabeth.

— Bom dia, Raziel. Tudo bem? Achei que estava dormindo.

Ele tira o seu terno e abre os botões da camisa.

— Passei a noite no hospital e, ao amanhecer, fui para a Worldwide passar algumas ordens...

O homem é bonito demais para o bem dele mesmo. Paro de ouvir o que fala em ordens, sei que sua boca continua a movimentar, mas não faço a menor ideia do que fala. Meus olhos só conseguem focar em seus lábios.

— Lilly?

— Oi? – respondo assustada por ter me desligado. — Hum... quer me pegar? Quer dizer... pegar o pão? – vergonhoso.

Sorrindo, ele morde o pão que seguro em sua direção.

— Vou tomar um banho e trocar de roupa. Depois, venho pegá-la – o brilho em seus olhos cintila perigo. — Quer dizer, pegar o pão.

Raziel pisca e sai da cozinha. Eu não estou bem da cabeça, só pode ser. Desde que botei os olhos nesse homem, tenho esses pensamentos devassos. E como se não me faltasse mais nada, agora os coloco para fora.



Preparo o café para o senhor Saints. Como seu banho não deve demorar, ao invés de assar mais pão, farei panquecas. Raziel gosta muito de panquecas com xarope de bordo. Também faço omelete e separo frutas da maneira que ele gosta. O homem gosta de variedade em suas refeições e tento servi-lo da melhor maneira que posso.

Distraio-me olhando para o nada através da janela, não percebo a presença de outra pessoa na cozinha. Mas logo sinto uma mão em minha cintura e um respiro quente em minha orelha.

— Venha tomar café comigo, Lisabeth – falando com essa voz grave em meu ouvido, derreto-me como uma tola.

Sigo-o para a sala de jantar em silêncio, não confiando no que sairia da minha boca grande, pois há um homem extraordinariamente lindo à minha frente, vestido apenas com uma calça de pijama e todo o seu torso nu. Seus músculos bem esculpidos à mostra e sua bunda redon... Jesus Cristo! O que há comigo? Sento-me ao seu lado esquerdo e enfio um pedaço de panqueca na boca para manter-me em silêncio. Está quase na hora do almoço e eu ainda não comi, então concentro-me nisso.

— Está tudo bem, Lisabeth? – assinto com vigor e enfio outro pedaço de panqueca na boca.
— Algum problema? – ele insiste, e eu nego apenas balançando a cabeça. — Pensou melhor na minha proposta?

Fodeu! Engasgo-me mais pela palavra que pensei do que pela pergunta. Raziel levanta e dá batidinhas em minhas costas até que eu paro de tossir. Ele espera pacientemente que eu me recomponha e fale:

— A minha resposta continua a ser não, Raziel – vejo seu olhar verde cáldo se transformar em tempestade. — Eu não sirvo para esse posto de senhora Saints e mais, eu não sei nada de você ou de sua família. Não posso simplesmente dizer sim a qualquer homem bonito que me peça em casamento. Já cometi esse erro uma vez e não correrei o risco de arriscar em outro. Como está Micaylah?

Ele passa a mão no cabelo, exasperado.

— Ela e Eleonora passaram a noite muito bem. Estarão em casa do meio da tarde em diante. O que você quer saber de mim e da minha família, Lisabeth? Pergunte-me e responderei.

— Eu vou perguntar, mas a minha resposta continua a ser negativa. Só que eu acho que ganhei o direito de conhecer um pouco mais dos Saints – ele assente e decido começar com perguntas sobre seu trabalho. — Vocês realmente trabalham com segurança?

Ele arqueia sua sobrancelha, e me explico:

— Todo mundo sabe que você, Elemiah e Gabriel são presidentes da Worldwide, uma empresa especializada em segurança privada. Vocês exportam mão de obra especializada e prestam consultorias para governos e empresas. Mas eu sei que são mais importantes que isso. Vocês três sentam em tronos e comandam um clã poderoso, vi chefes de estado desfilarem nas casas de seus pais. O que quero saber é: todo esse poder vem só de comercializar segurança?

Ele coloca uma uva na boca, a mastiga e engole antes de me responder:

— Nós nos tornamos necessários a pessoas poderosas e trabalhamos duro para sermos os melhores. E, para ter o melhor, deve-se pagar muito bem. Com isso, vem a afinidade comercial que nos aproxima de clientes poderosos que contam com a nossa ajuda para alguns impasses. Esses dias, passei dois dias fora – enquanto ele mastiga mais uma uva, assinto. — Estávamos em reunião com o presidente da Rússia. Mês passado, estive com um ditador africano que o ego era maior que seu pau.

Nossos olhares se encontram, e ele fala sério:

— Somos poderosos, sim! Mas esse poder só nos dá mais responsabilidades. As pessoas aproveitam seu mundo de luxo, e nosso papel é permitir que desfrutem desse mundo em paz.

Em um impulso, falo sem pensar:

— O que me faz voltar na questão de que não sirvo para ser uma senhora Saints!

— Pare de dizer isso, Lisabeth. Já está ficando chato.

Irritada, continuo:

— Por que você não pode decidir quando vai casar?

Pacientemente, ele espalha xarope de bordo sobre as panquecas restantes em meu prato e as corta.

— Porque é uma das leis do clã Saints. Até completar trinta e três anos posso escolher o dia e a esposa. Depois disso, cabe aos nossos pais tomarem a frente.

— Você e o Elemiah tem trinta e quatro. Estão meio atrasados, não? – continuo a investigar.

— Devido aos compromissos de Micaylah, adiamos o inevitável por um ano – aguardo ele falar mais sobre os compromissos de Micah. — Essa história não é minha para contar, ela deve dizer isso a você a qualquer momento, já que acredita que iremos nos casar.

— Agora quero saber de você, Raziel. Quero saber sobre a sua falecida esposa.

Ele fica tenso e seu olhar de aço não desvia do meu. Vejo uma veia saliente em seu pescoço e sua mandíbula rígida. Acho que fui longe demais, mas não vou me desculpar por isso.

— O nome dela era Phoebe e morreu em um sequestro.

Fico ereta em minha cadeira, posição de quem está interessada na história.

— Eu sei que morreu em um sequestro, isso era o que os jornais diziam. Mas quanto disso é realmente verdade? Quem a matou?

Seu tom de voz é cortante.

— Acredite no que quiser, Lisabeth – ele se levanta empurrando a cadeira para trás com força. — Tudo o que queria saber já foi respondido...

— Não. Você não respondeu a última pergunta. Como quer que eu me case com você sem saber o que verdadeiramente aconteceu, Raziel?

Ele vem em minha direção, coloca-se atrás de mim e debruça, colocando suas mãos na mesa, aprisionando-me entre seus braços fortes. Sua voz grave parece uma faca afiada, dando-me certeza do perigo que esse homem é.

— E você, doce Lilly, vai casar comigo depois que eu responder suas perguntas invasivas? – abro a boca para responder, mas ele não me dá chance. — Claro que não! Você não me quer, e eu entendo. Eu também temeria me casar com um cara que, muito provavelmente, matou sua esposa – um calafrio percorre meu corpo, fazendo-me estremecer. Ele ri, o que me deixa à beira de uma síncope. — Faz muito bem, doce Lilly. Mas, como você não será minha esposa, não há por que saber dos meus segredos.

Ele sai, deixando-me assustada, excitada, gelada, amedrontada e muito molhada. Faço o sinal da cruz várias vezes ao comparar aquela voz docemente letal com a voz do diabo quando tentou Jesus. Deus me proteja!

Passei o dia com a cabeça na lua, me chutando por tocar em um assunto tão delicado de um modo grosseiro. Mas ele me tirou do sério e, quando vi, já tinha saído. Não sou impulsiva e nem descontrolada, é só que... estou encantada pelo mistério que é esse homem. Essa tríade é inexplicável, há momentos em que esses homens aterrorizam quem está ao redor e em outros, simplesmente são encantadores.

Não vi Raziel pelo resto do dia, nem mesmo quando fui ao andar superior para juntar as coisinhas de Raffaele. Micah chegou no meio da tarde, mas preferi não incomodá-la. Enviei uma mensagem a ela dizendo que estava feliz com o nascimento da princesa Saints e que, assim que ela puder receber visitas, irei vê-la. Sua resposta chegou quase de imediato: Espero por você no fim da tarde.

Bom, agora que já é final da tarde, debato se devo ir ou não. O celular alerta para uma mensagem recebida, abro-a e vejo em letras maiúsculas: Estou esperando. Certo. Agora não restam

mais dúvidas. Pego Hunny, e caminhamos em direção à casa do chefe Saints, que deve estar cheia de visitas para conhecer a bebê. Como já é de costume, entro pela porta de serviço da mansão. Todos na cozinha me cumprimentam, e a senhora Carmone me acompanha até a sala onde estão Gabriel, Micaylah, seus filhos e... Raziel.

Ele está de calça jeans e suéter preto, bem ajustado ao seu corpo, molda cada pedaço daquele peitoral. Subindo meu olhar, encontro com os seus olhos e dou um passo para trás em autodefesa. Ele não faz questão nenhuma de esconder sua raiva.

— Lilly, venha aqui e traga Hunny para conhecer sua priminha.

Caminho em direção a ela e a abraço, parabenizando-a por Eleonora que, por sinal, é uma princesa mesmo. Cumprimento o senhor Gabriel timidamente, ignorando com sucesso o outro ocupante do ambiente.

— Sente-se aqui, senhorita Lisabeth, e me conte por que meu primo está com essa cara de quem comeu e não gostou.

— N-não sei do que está falando – respondo enquanto coloco Hunny no chão ao lado de Raffaele. Quando me recosto para trás, encontro seu olhar analítico sobre mim. Faço-me de desentendida e pergunto: O quê? Eu não sei por que o senhor Raziel está assim.

Ela bufa.

— Senhor Raziel, sério? Acho que já passaram desse ponto, não? – sinto meu pescoço e meu rosto esquentarem, estou corando de vergonha. Será que ele contou sobre o que aconteceu ou quase aconteceu naquela noite? — Ele nos contou que você o rejeitou. Só queria saber o porquê, Lilly.

Respiro fundo e ajeito o cabelo.

— Eu não sirvo para ser uma senhora Saints. Talvez a Valentina Accorsi seja a melhor opção para ele.

Micah faz uma cara de desgosto.

— Você não sabe o que fala, por isso, te perdoo – ela mexe nos botões da sua camisa e volta a falar: Ser uma senhora Saints não é fácil, admito que, às vezes, as responsabilidades pesam muito. Mas sabe por que é suportável? Porque divido com o meu marido e assim ele o faz comigo. No dia do aniversário de Gabriel, a tia Gio anunciou o noivado dele com uma das meninas Accorsi. Fiquei impressionada com a timidez e submissão da garota. Eu a humilhei na frente de todos, ela aceitou e agradeceu. Ela não serviria para um chefe Saints, ela não seria forte o suficiente para repartir o peso do mundo com ele.

Micaylah se cala por algum tempo e depois volta ao seu discurso:

— Quando Gabriel disse que Raze a tinha escolhido como esposa, eu tive esperança de que, de algum modo, vocês tivessem se entendido... – ela olha para mim com diversão. — Achei que vocês estavam transando. Afinal, vocês são lindos e não são cegos, enfim... A lei de que eles devem se casar em breve não foi feita à toa. Esses homens carregam o peso do mundo em suas

costas, precisam de mulheres fortes para compartilhar isso e uma Accorsi não entra nem em questão aqui. Raze acabou de nos dizer que não discutirá mais com a sua mãe e que casará com a Valentina. Ele poderia escolher entre milhares, mas escolheu você.

Eu a interrompo:

— Eu não posso me jogar em um casamento às cegas com a promessa de que meu filho terá tudo o que quiser, Micaylah. Me senti suja por ele ter feito a proposta daquela maneira. Eu não o conheço, não conheço nenhum de vocês, como poderia assinar um contrato vitalício com os Saints? Porque isso eu sei, um casamento só é desfeito pela morte de um dos cônjuges.

Ela encara-me.

— Entendo. O almoço de celebração, no domingo, será aqui...

Eu a corto:

— Como assim, será aqui? Você acabou de sair do hospital! – falo veementemente.

— Esse é um dos ônus de ser uma senhora Saints. Como mulher do chefe dos chefes, tenho que abrir as portas da minha casa. O que para mim é mais fácil, pois posso me recolher a qualquer momento. Mas quero pedir um favor, poderia fazer as sobremesas para mim? A senhora Carmone trará o pessoal do restaurante para cozinhar, servir e limpar. Só terei o trabalho de confraternizar.

— Farei as sobremesas e virei para ajudar na co...

— Não! – ela me interrompe e levanta o dedo. — Não. Você será convidada. Na verdade, eu gostaria que você fosse uma das noivas, porque a outra, já tenho vontade de dar um tiro no meio da testa.

Rio da sua expressão de atiradora e seu olhar escuro volta-se para mim.

— Eu sou chefe de uma família envolvida com a máfia. Bom, abdiquei do trono para alguém mais capacitado, o atual marido da minha tia. Mas sou a filha de mafiosos que herdou o trono de *principessa de la famiglia*.

Sorrio, compartilhando da piada, mas Micaylah se mantém séria, e meu sorriso desaparece.

— Está falando sério, não é? – ela assente.

— Eu nunca quis ter nada a ver com a máfia, com a violência, nada disso. Na verdade, depois que meus pais faleceram, eu tinha nojo dessa vida. Mas como podemos fugir do destino? Eu descobri que estava grávida de Raffaele em meio ao meu noivado forçado com um homem de setenta anos, para salvar Martina, a irmã de Gabriel. Naquele dia, eu soube que estava grávida, que o meu tio matou meus pais e, por pouco, não matou o homem da minha vida.

Seu olhar tempestuoso fixa-se em mim.

— Eu matei o meu tio e metade dos homens daquela sala a sangue frio, motivada pelo terror de quase perder Gabriel. Você sobreviveu a um casamento ruim e a um marido cruel. Lutou e foi chutada pela vida quando perdeu seus pais, assim como eu. Hoje, você faz tudo para dar o seu

melhor a Hunny. Você é guerreira e durona, apanhava sem chorar. E, mesmo frequentando as casas de alguns dos mais poderosos, nunca abriu a boca para pedir-lhes nada. Você é forte e seria uma senhora Saints impecável. Mas, acima de tudo, Raziel seria feliz por compartilhar a vida com alguém que é tão forte quanto ele. Agora terá que se contentar com uma insossa que não abre a boca nem para chupar um pau.

Tento controlar o riso, mas o meu nervoso é maior e acaba escapando. Olhamos os meninos brincarem no chão por algum tempo. A senhora Alessia aparece para perguntar se gostaríamos de algo e logo se vai também. Por fim, quebro o silêncio:

— Eu tenho que pensar em Hunny em primeiro lugar.

— Você não se deu conta de que Raziel a quer por causa de Haniel? Passei dias tentando entender a ligação de ambos – ela fala enquanto observa o meu filho. — Fisicamente, eles são muito parecidos, como pai e filho – sua atenção volta-se a mim. — Ele ama Haniel como se fosse dele. Raze fala sobre esse menino como se tivesse o concebido.

— Eu sei e é inexplicável. Hunny o chama de papai e parece que quanto mais eu o corrijo, mais ele fala.

Ela alcança a minha mão.

— Então, dê a chance a Haniel de saber como é ter um pai que o ama incondicionalmente. Permita-se ter uma vida boa, Lilly. E não deixe que o meu primo seja infeliz para o resto da vida.

Meus olhos ardem com o indício de lágrimas.

— E-eu não sei se posso, Micah... – então meus olhos transbordam. — Eu já fui tão infeliz, hoje tenho medo.

Ela aproxima-se com dificuldade no movimentar e me abraça.

— Eu sei, querida. Desculpe-me por encher você de informações desnecessárias. Você não aceitou, tudo bem. Só não leve Hunny para longe de Raze, por favor. Nós não o víamos sorrir tanto assim desde que casou com aquela cadela traidora.

Fico tensa com a menção da ex-mulher de Raziel. Afasto-me e seco minhas lágrimas.

— Ela o traiu? – Micaylah assente e se mantém quieta. — Já entendi. Essa não é a sua história para contar, não é?

— Não é. A única coisa que posso dizer é que ela teve o que mereceu.

Bufo com deboche.

— Falou a mulher que matou homens a sangue frio em seu noivado.

Encaramo-nos e caímos na risada. Bem, eu poderia me dar bem com a família. Pelo menos, é o que parece.



Meu sono agitado é dissipado no instante em que ouço resmungos altos. Não tinha percebido que cochilava no sofá do quarto. Olho ao redor atordoado e levanto para ver de onde está vindo o barulho. Passo pelo quarto de Lilly e ouço Haniel reclamar. Bato à porta, mas ninguém atende. Preocupado, tento abrir a porta que, felizmente, está destrancada.

À meia-luz, percebo que o menino está falando meio sonolento e que não há ninguém com ele. Assim que ele abre seus olhinhos e foca em mim, estica seus braços e me chama de papai. Esse pequeno manipulador sabe o quanto me cativa e que não resisto ao chamado quando pronuncia papai. Há poucos dias, entendi que Haniel é a minha missão de vida.

Minha mãe sempre pregou que ninguém vem à Terra por acaso, todos temos uma missão especial. E, geralmente, essas missões são coisas que lutamos para nos afastar. Quando casei com Phoebe, o que eu mais queria era um fruto do nosso amor. Clichê, não é? Mas olhando Haniel, percebo que gosto muito de clichês. Apesar de Haniel e eu não termos laços de sangue, há algo que compartilhamos que vai além. Não saberei explicar, talvez seja um daqueles mistérios da vida.

Eu terei filhos com a minha futura esposa Accorsi, mas Haniel ainda ocupará um lugar especial em minha família. Ao pegá-lo no colo, sinto que está molhado.

— Ah, criança! Você está molhado, por isso, o choro. O problema, cara, é que eu não sei o que fazer.

Olho ao redor e vejo uma toalha pendurada na poltrona e a coloco no local da cama que está molhado. Depois, tiro seu pijama encharcado e, no desespero, arranco minha camiseta e visto nele.

— Não é minha melhor ideia, mas é o que temos no momento, Haniel Saints – ele olha sério para mim. Não sei se entende, mas seus pequenos olhos estão fixos nos meus. — Você será um Saints, amigo. Um dia convencerei sua mãe a deixar que isso aconteça.

— Pa... papaa..

Forma-se um nó em minha garganta.

— Sim, carinha. Eu sou o seu papai – ele sorri e, automaticamente, retribuo. — Você está me

transformando em uma mulherzinha. Sabia?

Pego-o no colo e ele deita sua cabeça em meu ombro. E em questão de minutos, percebo que sua respiração está amena. Assim que o coloco na cama sobre a toalha, Lilly sai do banheiro enrolada em uma pequena toalha, pele úmida e corada de seu banho quente.

Percorro seu corpo com os olhos, desejando que aquela pequena toalha caia e faça a minha alegria. Não, inferno! Alegria seria estar dentro dela, fazendo-a gemer e clamar por mim em meio ao seu orgasmo. Ela é a primeira a falar:

— Aconteceu alguma coisa?

Aponto para Haniel dormindo com a minha camiseta.

— Acordei com os resmungos do carinha ali. Bati à porta, você não respondeu e me preocupei. Entrei, e ele estava reclamando por estar molhado. Coloquei a roupa que estava a mão no momento – faço uma careta. — E coloquei a toalha para que ele não durma sobre o seu próprio xixi. Isso arreventa com a dignidade de um macho alfa como nós.

— O-obrigada. E-eu não o ouvi. Estava concentrada em outra coisa.

Mesmo à meia-luz, pude ver a mulher corar vivamente. Então me dei conta de que ela estava se masturbando. Sem pensar, diminuo o espaço entre nós, passo meus lábios em seu pescoço exposto, e ela geme. Mordo aquele espaço entre o pescoço e ombro, em seguida, chupo o lóbulo de sua orelha e beijo logo abaixo antes de perguntar:

— Estava pensando em mim enquanto se tocava, senhorita Lisabeth? – acaricio seu pescoço com as pontas dos dedos. — Imaginando como seria cavalgar no meu pau enquanto chupo seus seios?

Totalmente entregue, ela geme em resposta:

— S-sim...

O dia nos presenteia com os primeiros raios e me dou conta de que ela me rejeitou. Daqui a algumas horas anunciarão que Valentina Accorsi será minha noiva. Afasto-me de Lilly e vou em direção à porta. Sem olhá-la, digo:

— Uma pena não poder realizar seus desejos, *cara mia*. Como você se negou a ser minha esposa, permiti que me escolhessem uma noiva. Pretendo fazer as coisas direito com a minha futura esposa, não quero começar uma vida a dois mantendo segredos sob o teto em que moraremos.

Saio sem dar chance de resposta. Bato a porta do meu quarto e vou direto ao banheiro. Dispo-me do restante de roupa e ligo o chuveiro, estremecendo com o contato com a água fria. Soco a parede pela pura frustração sexual, não sou do tipo que se masturba como um garoto de quinze anos. Mas a imagem vívida daquela mulher de toalha está gravada em minha mente. Seguro o meu pau duro e toco-me com força, com raiva e com muito tesão.

Após o rompante adolescente, caio na cama e levo meus pensamentos na direção da minha futura mulher. Valentina é bonita, longos cabelos loiros e olhos castanhos, corpo exuberante e um

doce. Tão doce que chega a ser apagado. Seu recato é meio irritante, a mulher não conversa olhando nos olhos e isso realmente me tira do sério. Mas isso é bom para mim, pois não terei uma esposa que me encherá a paciência com reclamações. Não se preocupará se tiver amantes, não me questionará a cada maldito segundo e não terá pele úmida cheirando a maçãs recém colhidas...

Inferno! Inferno! Inferno!



— Senhor? – assusto-me com o chamado.

— Que porra é essa, Shaw? – falo irritado. — O que é tão importante que fez você invadir meu quarto?

— Estão lhe esperando na casa do chefe – abro um olho e vejo o mal-estar do meu homem de confiança. — A Lilly esteve aqui mais cedo e o chamou, mas o senhor devia estar em um sono pesado que não a ouviu.

— A Lilly – resmungo, repetindo as palavras do homem. — Estarei lá em breve.

Que se fodam! Estou a caminho de enterrar minha vida em um casamento nada desejado e ainda querem pontualidade? Que se fodam! Levanto e vou para o banheiro tomar um banho e despertar desse sono maldito. Pouco tempo depois, já estava pronto e descendo as escadas a caminho da força. No último degrau, vejo Lilly, está linda com um vestido azul e segurando um Haniel muito sorridente.

Paro de frente para ambos e o menino joga-se para os meus braços. O seguro com carinho e volto-me para a sua mãe.

— Algum problema?

— Não. Será que você tem um minuto para mim antes de ir? – seus olhos tinham um brilho diferente.

— Claro. Não é como se eu tivesse ansioso para conversar com a noiva arranjada.

— Vamos até a cozinha – ela caminha à minha frente. Sei que lá é seu lugar seguro, por isso não contesto. Ela deve se sentir bem com tantas fâcas ao redor para atirar em alguém. — Assim, você come alguma coisa antes de ir.

Coloco Haniel em sua cadeira e sento-me na banquetta ao lado. Lilly coloca um prato com frutas à minha frente.

— Frutas são leves – assinto e levo um morango à boca. Ela acompanha cada movimento meu e isso faz-me desconfiar.

— Diga, Lisabeth.

— Ah, sim. Desculpe-me pela distração – ela fica do outro lado da ilha e com as mãos cruzadas em frente à sua saia. Percebo que os nós dos seus dedos estão brancos, e ela não para de

se balançar. Arqueio uma sobancelha, esperando. — Você gosta dessa tal Valentina?

Estreito meu olhar.

— Nem a conheço direito.

— E-eu quero me casar com você, Raze. Você ainda quer se casar co-comigo? – a cor de seu rosto e pescoço assemelham-se a um tomate.

— Não vai me dizer que decidiu casar só porque não a fo...

— Não! – ela corre e coloca as mãos sobre as orelhas de Haniel, que tenta desesperadamente tirá-las. — Nada de palavras feias, por favor – mordo outro morango. Ela continua: Não foi por causa daquilo... – olho-a divertido. — Tudo bem, talvez um pouquinho. É por Hunny.

Cruzo os braços.

— Não foi justamente por causa dele que você se negou?

— Essa noite, quando você cuidou dele... E-eu não sei qual é a ligação entre vocês, talvez seja a carência dele por uma figura paterna. Não sei. Mas devo isso ao meu filho – ela aproxima-se de mim. — Só me prometa que não o fará sofrer, Raziell – vejo o desespero em seus olhos em forma de lágrimas. — Prometa que nunca retirará o amor e a dedicação que você lhe der.

Olho para o menino, que está com carinha séria olhando sua mãe. Ele sabe que ela não está feliz. Estico-me e o pego.

— Acha que devo aceitar o pedido de casamento de sua mãe, amigo? – Lilly ri e Haniel abre um grande sorriso. — Você não é muito imparcial – volto minha atenção à mulher à minha frente. — Se eu a tivesse em minha vida, também não seria. Eu já fiz essa promessa para mim mesmo, Lisabeth. Haniel terá em mim o pai que quer, e eu tentarei ser o pai que ele espera.

— Obrigada mais uma... não, duas... Espera – ela limpa a garganta e se empertiga como uma mulher altiva. — Serei uma boa esposa ou, pelo menos, tentarei. Mas terei um voto nessa relação a dois. Quero seu respeito e sua fidelidade, eu não conseguiria viver sabendo que, além de não me amar, você ainda me trai. Será um prazer compartilhar uma vida com você e também a c-cama – sorrio. — Só que não quero depender de você financeiramente e também quero ter liberdade.

Percorro seu corpo e paro meu olhar em seus seios grandes.

— Será um prazer ter filhos com você. E quanto a liberdade, você a tem, mas é obrigação de uma senhora Saints ser discreta e ter um comportamento elegante. Não poder esbravejar como uma típica italiana, quase matou Micah – falo, rindo. — Você terá uma mesada generosa...

Ela levanta a mão interrompendo-me:

— Nada de mesadas. Quero trabalhar no que eu gosto. Tenho clientes que gostam das minhas comidas e é daí que eu quero tirar meu dinheiro.

— Tudo bem. Mas você não poderá mais ir de casa em casa cozinhar – falo.

— Eu faço e envio daqui. Não são muitas pessoas, mas qualquer dinheiro que entre será bem-vindo. Sobre Hunny...

— Eu me encarrego sobre o futuro de Haniel – finalizo, e ela assente. — Você precisará de um guarda-roupa novo, principalmente lingerie, que adquirirá com o cartão que lhe dei.

— Não vou negar isso, porque adoro compras e não faço isso há muitos anos. Será um prazer deixar de ser uma gata borralheira e virar a cinderela – ela se perde em pensamentos.

— O que foi, Lisabeth?

— Queria que a minha Francesca estivesse aqui. Além de Micaylah, é a única amiga que tenho. Ela é quase minha irmã.

Levanto e passo meu braço livre pelos seus ombros e a puxo para mim.

— Providenciarei um jantar de noivado por esses dias e mandarei que a busquem. Tudo bem? – inalo o perfume de seus cabelos.

Somos interrompidos por uma voz muito estridente que vem da sala.

— Raziel Saints!

Olho para Lilly.

— Sua futura sogra, querida. Boa sorte – ela arregala os olhos no exato momento em que a minha mãe entra na cozinha.

— Onde já se viu fazer toda a família esperar... – seu tom de voz diminui quando ela nos vê abraçados. — Oh, meu Deus!

É impossível saber se a senhora Saints gosta ou não do que vê. A mulher faz tantas caretas que não sabemos se está rindo, chorando ou tendo um ataque do coração.

— Quero apresentar a futura senhora Raziel Saints. E esse em meu colo é seu neto, *mamma*.

— Oh, meu Deus! – ela coloca a mão na boca e Lilly não para de tremer.

Acaricio o seu braço, confortando-a.

— Senhora Cecil, eu...

Minha mãe corre até Lilly e a abraça.

— Fico tão feliz com essa notícia – ela beija a face da minha noiva. — Você é tão linda, tão doce. Meus netos serão tão lindos e inteligentes como Hunny, que já amo desde que o vi. Meu filho precisava de alguém forte assim, aquelas sonsas seriam engolidas pela rabugice dele. Faremos um lindo casamento... – a mulher abriu a torneira.

— Mãe... – ela continua a falar. — Mãe! Mãe, calma. Há pessoas nos esperando, não é? Então, vamos. Depois você poderá passar o resto da vida falando com a Lisabeth.

Caminhamos para a casa de Gabriel e nos juntamos ao exército que estava lá. Vejo Elemiah rindo demais e Gabe encara-me com um olhar sombrio. Assim que tiram Haniel dos meus braços, vou em direção a ele.

— O que se passa? – pergunto a Gabriel.

Ele acena com a cabeça para Elemiah.

— Nas últimas semanas, ele tem bebido demais e se exposto demais.

— Sim. Por esse motivo, ando alternando as rondas nos clubes com ele. Mês passado, me ligaram no meio da noite para ir ao The Triad. Quando cheguei lá, ele estava completamente bêbado e fodendo com três mulheres no sofá do escritório.

Gabriel volta sua atenção a Elemiah, que conversa animadamente, com um copo de bebida em sua mão. Se não o conhecêssemos, diríamos que está feliz por se casar. Mas nós nos comunicamos somente com olhares e sabemos o que o outro pensa. Elemiah vem em uma linha de autodestruição, de nós três, ele era o que bebia menos, se mantinha sempre em alerta, nossa segurança era impecável. Mas agora não.

— Ele está se rebelando – Gabriel diz.

Bufo.

— Nós não temos o direito nem de morrer, quem dirá de nos rebelar.

— O problema é que ele transformará nossos dias em um inferno com isso. Nossos pais cobrarão de nós, e ele piorará mais e mais.

— Está na hora dos anúncios, Gabriel. Estamos famintos e Micaylah quer descansar – tio Ítalo fala.

Gabriel assente e, antes de se afastar, volta-se para mim:

— Prometa-me que não terei que guardar uma bala para você também.

Sorrio, sabendo que ele guardaria mesmo. Não é uma ameaça em vão.

— Não, chefe. Eu estou muito bem acompanhado.

Gabriel vai até o meio da grande sala que abrigava os muitos convidados que são somente família. Só minhas irmãs e seus filhos já são um exército e tanto. Todos ficam em silêncio para ouvir as palavras do chefe dos chefes.

— É com alegria que abro as portas da minha casa para a confraternização da família. Temos tantos motivos para comemorar e agradecer – seus olhos vão para a sua esposa e seus filhos. — O nascimento da minha filha Eleonora, o aniversário do meu primo Elemiah e o anúncio de seus casamentos. Iniciando pelo Raziel que, pelo modo com que olha para a senhorita Lilly, deduzo que não esperaram para consumir o casamento, antes mesmo de anunciá-lo.

Todos riem e sua mãe o repreende. Junto-me a Lilly e Haniel, olhando ao redor em busca de

alguma mulher diferente que venha a ser a possível noiva do primo, não encontro nada. Cadê a noiva maluca do Ele...

— Cheguei, família!

Aí está! Amalie desfila pelo lugar como se a casa fosse dela. Sua roupa é extravagante demais até para o gosto de Micaylah, que a olha com ódio descarado. Isso não é bom. Encontro o olhar de Gabe. Isso não é nada bom! Elemiah vai até ela e a beija grosseiramente na frente de todos. Onde está o velho El? Ele sempre foi meio teatral, mas nunca vulgar.

— Quero lhes apresentar a futura senhora Elemiah Saints, Amalie Samson. Uma das atrizes de cinema mais badaladas do momento e a mais bonita também.

Gabriel continua:

— Como estava dizendo, temos motivos para agradecer e outros, para lamentar. Enfim, o anúncio do casamento está feito e a data final para a cerimônia é daqui a trinta dias. Agora convido-os para acompanhar-me até o jardim, onde o almoço será servido.

— Mas não tiveram aplausos e nem ovação? Que decepcionante! – a noiva de Elemiah reclama justamente na hora em que Micaylah passa por ela.

A mulher do chefe olha, descaradamente, a nova integrante da família, dos pés à cabeça, com cara de desgosto.

— Quer aplausos e ovação? Vá no circo, querida. Aqui não.



Os dias que se seguiram ao anúncio do noivado foram agitados. Estou me adaptando ao fato de que sou uma futura senhora Saints. Devido a insistência da Micaylah e da senhora Alessia, aceitei mais uma ajudante e uma babá na mansão, já que, hoje em dia, somente administro a casa. Francesca não conseguiu folga para ir às compras comigo, e Micah ainda não está liberada para saídas. Então, minha futura sogra se ofereceu, e me surpreendi com o seu afeto.

A senhora Cecil sempre foi muito carinhosa comigo e com Hunny, mas antes era sua cozinheira esporádica. As mães querem sempre o melhor para os seus filhos e eles são ricos, nunca pensei que ela ficaria feliz que o seu filho se envolvesse com uma mãe solteira pobre.

— Ouvimos muito isso, que nossos filhos devem se casar com mulheres de sua classe. E é o que fazemos, casamos nossos bebês com mulheres de suas classes. Mulheres fortes, que não têm medo de arregaçar as mangas e trabalhar quando necessário. Mulheres que são verdadeiras leas, que matam e morrem por suas famílias. Essa é a classe que queremos para aqueles meninos. Apenas sinto muito por Piah, que está enlouquecida com a atriz descabeçada.

Depois do que ela disse, parei de me sentir inferiorizada. Eles nunca se importaram se eu tinha dinheiro ou não. Não olharam para quem eu era, apenas ajudaram-me, nos resgatando daquele inferno. E, por dias, até esqueci a existência de Gianfranco. Gianfranco... Tenho que conversar com Raziel sobre ele, mas, desde o anúncio do noivado de El na mídia, mal vejo meu futuro marido.

Amalie não esperou nem vinte e quatro horas para divulgar seu compromisso na mídia internacional. Segundo Elemiah, que está muito arrependido, ele estava bêbado e ela o convenceu de ir a première de um badalado filme para comemorar. Eles realmente formam um casal magnífico, pois Amalie sabe como ser mulher, tem elegância nata para desfilas e seu sorriso conquista o mais frio dos homens. A mulher é uma predadora e sabe do seu poder.

Além de um vestido que, apesar de longo, a deixava quase nua, a mulher movimentava a mão só para pegarem o reflexo do anel que cegaria qualquer um. Isso deixou a imprensa em polvorosa e, como se isso não bastasse, fotos do almoço na casa de Gabriel vazaram, expondo sua família, principalmente Eleonora, além de imagens minhas e de Hunny juntamente com Raziel. Difícil não foi controlar a imprensa, e sim Gabriel. Ele teria matado Elemiah com suas próprias mãos.

Desde então, Raziel sai muito cedo e volta muito tarde. Muitas vezes, ele envia mensagens dizendo que está viajando para uma reunião. Ele se esforça para fazermos pelo menos uma refeição juntos, mas, nessa semana, tem mesmo sido complicado. E eu continuo esperando ele invadir meu quarto e me possuir. Tenho até sonhado, mas nada tem acontecido.

Os preparativos do meu casamento estão indo de vento em popa. A senhora Cecil me disse que a organização é um ritual para a família, que aos noivos só cabe comparecer. Repeti inúmeras vezes que gostaria de uma cerimônia pequena e singela, mas as *mammas* Saints riram da minha cara e deram-me as costas. As únicas coisas em que palpitarei serão o vestido e a comida, que elas fizeram questão que eu escolhesse o melhor buffet. Os Saints exercem uma fascinação sobre os de fora. O amor, a cumplicidade e o companheirismo são peças fundamentais na relação dessa grande família.

O meu vestido de noiva é um sonho que nunca imaginei poder realizar. Raziel, empenhado em realizar meus sonhos, enviou uma estilista designada para fazer um vestido de princesa. O corpete que é todo bordado a mão com pedrarias, como pérolas e cristais, é tomara que caia, mas a estilista colocou um tule transparente nas mangas e colo, também com bordados. A saia é ENORME! Camadas e camadas de tule branco. Ainda não fiz a prova final, mas não tenho dúvidas de que ficará lindo.

— Senhora? – assusto-me.

— Já falei para parar com essa coisa de senhora, Shaw. Ainda sou Lilly.

Ele sorri.

— Agora você é a senhora da casa. Podemos ir? Ainda temos que pegar o senhor Saints na Worldwide.

— Sim. Só vou me despedir de Hunny.

Antes eu estava apenas ansiosa, agora estou entrando em pânico. Raziel ligou-me hoje pela manhã dizendo que temos um compromisso essa noite. Uma reunião com o novo presidente de um país. Geralmente é Micaylah e Gabriel que vão, mas, como agora sou a “segunda dama”, devo cumprir meu dever. Na hora, fiquei em choque, mas Micah disse-me que bastava fazer cara de paisagem e sorrir. Tudo bem, isso é fácil.

Ela também disse que eu não deveria ficar com a carinha de boneca que tenho. Vai entender! Indicou que usasse um vestido de coquetel sexy, prendesse o cabelo e preparasse uma maquiagem forte, nada do tipo pinup, pois ressaltaria a “carinha de boneca”. Pois, para esses lugares, devemos nos vestir mais agressivas, a docilidade pode parecer um ponto de fraqueza. Por falar em ponto, chegando nesse ponto, eu já não sabia mais o que esperar da reunião. Há muitas regras de etiqueta e os Saints tem um modo peculiar de agir nessas horas. Elemiah foi proibido de falar qualquer coisa sobre o clã e a empresa para a sua futura esposa.

Decidi pôr um vestido azul marinho tomara que caia. O corpete de seda coberto por uma delicada renda em estilo *peplum* e a saia lápis que vai até um pouco abaixo do joelho. Para os pés, me arrisquei em um *scarpin* vermelho-vinho e uma delicada bolsa em um tom mais escuro, não faço

ideia do nome desse tom de vermelho. No cabelo, fiz um coque tipo Audrey Hepburn para dar a impressão de glamour, já que não tenho nenhuma joia para combinar. Não tinha pensado nisso até agora. Tenho apenas um conjunto de pulseira e anel em ouro que a minha mãe herdou da vovó. É o que tenho no momento e, ainda assim, estou me sentindo muito bonita com essa maquiagem carregada, preta nos olhos e vermelha na boca.

Alcanço minha estola em veludo negro e sigo Shaw até o carro. Pelas ruas da cidade, vou perdida em pensamentos e ansiosa com o que me aguarda. Na verdade, a ansiedade tem me feito muita companhia nesses dias. Depois que anunciamos o bendito casamento, não houve oportunidade para que Raziél e eu conversássemos sobre como seria nossa relação. Eu o desejo e sei que é recíproco, mas até onde um matrimônio pode ir quando os cônjuges só têm o desejo para compartilhar?

E-eu não sinto apenas desejo... é mais.

Raziél sempre foi muito amável comigo, mas com Hunny ele sempre foi... mais. É engraçado voltar no tempo e ver que, desde o primeiro momento, Haniel se encantou por aquele homem sisudo. E se Raziél tentou lutar contra essa estranha ligação, não demonstrou, pois sempre abriu os braços para o meu filho. Agora, Deus meu, como eu não me apaixonaria pelo homem que cuida do meu filho sem ter a obrigação disso? Cuida daquilo que é mais precioso para mim, mesmo o seu próprio pai o tendo rejeitado.

É impossível um coração não bater por Raziél Saints, mesmo o homem sendo um enigma. Ainda me pergunto como sua ex-mulher morreu, porque ele não se abre, o que há em sua história para querer um casamento de conveniência e não um por amor. Será que ele ainda ama aquela mulher e não permitirá que ninguém ocupe o lugar dela em seu coração? O que aconteceu com você para que prefira viver nas sombras do passado?

Não me dei conta de que o carro tinha parado em frente à Worldwide até Shaw abrir a porta:

— O senhor pediu que a senhora o espere em sua sala, pois ele se atrasou e ainda está se arrumando.

Saio do carro e sou escoltada por seguranças até o prédio. Detesto isso, mesmo sabendo que é necessário. Shaw conduz-me até o escritório do meu noivo e fico impressionada com o tanto de pessoas que ainda trabalha a essa hora. As portas duplas estavam abertas quando cheguei e a cena à minha frente fez com que um sentimento estranho tomasse conta de mim. Uma bela mulher estava no processo de dar o nó na gravata de Raziél.

Impulsivamente, entro na sala chamando a atenção de todos. Tiro minha estola e a coloco juntamente com a minha bolsa sobre a mesa, voltando-me para a moça, seja ela quem for.

— Pode deixar, querida, eu assumo daqui – termino de arrumar sua gravata, aliso a camisa e o ajudo com o terno. — Sua assistente é muito prestativa.

Falo mais alto do que gostaria e sem me dar conta de que ainda tínhamos plateia. Raziél sorri e acaricia meu pescoço.

— Ela é a secretária da presidência, anjo. Ele é o meu assistente – Raziél aponta para um

rapaz que está ao lado de Shaw na porta. — É um pecado que uma mulher linda não use joias para adorná-la. Você está magnífica, Lilly.

Ruborizo com o seu elogio.

— Eu não tenho joias, Raziél – passo a mão pela fina pulseira em meu pulso. — O que tenho está comigo.

Ele olha para além de mim e acena para que se retirem. Quando ouço a porta se fechar, observo Raziél passar por uma porta e voltar minutos depois com uma caixa de veludo preto nas mãos. Raze puxa-me até uma sala adjacente onde há um grande espelho. E, pela nossa imagem refletida, assisto-o acariciar meu pescoço, beijando minha nuca e ambos os ombros.

— Linda... – nossos olhos se encontram no espelho. — Por mim, eu deixaria esse compromisso de lado e tiraria esse seu vestido aqui e agora, a colocaria sobre a minha mesa, abriria suas pernas e, colocando sua calcinha de lado, a chuparia até que gozasse em minha boca – ofego com as suas palavras e excito-me com a verdade em cada uma delas. — Depois, eu chuparia seus mamilos até que estivessem vermelhos e rijos. Beijaria cada centímetro do seu corpo e entraria em sua boceta macia e molhada.

Seu sorriso de canto aparece.

— Infelizmente, a nossa realidade não permite – logo ele coloca um colar delicado em meu pescoço. Dá a impressão de que são folhas interligadas a ramos que parecem ser de prata. — São esmeraldas e safiras em forma de folhas, presas em ramos de ouro branco. Minha avó ganhou de um homem que tentava conquistá-la, mesmo já casada com o vovô. Ela quis devolver a seu pretendente e meu avô disse que iria fazê-lo pessoalmente – ele sorri com a lembrança. — Ela conta que ele voltou uma hora depois com a caixa de joias sob o braço, dizendo que ela usaria aquilo como uma lembrança de quem realmente lhe possui. Meu avô o matou, pois era uma questão de honra.

Meus olhos se tonam ainda maiores.

— Não pode enviar presentes para a mulher de um gângster sem sofrer as consequências – ele fala. Suas mãos percorrem as laterais do meu corpo e pressiona-me contra ele. — Você aceitou ser minha, Lisabeth. Não haverá outro em sua vida.

Seu tom possessivo reacende a mesma raiva que senti quando entrei e vi uma mulher pendurada sobre ele. Ergo meu queixo e o encaro, mesmo estando aterrorizada. — E você, Raziél Saints? Serei a única em sua vida? – inclino a cabeça e finalizo. — Serei a única em sua cama?

Ele entra entre mim e o espelho, ficando a uma respiração de distância.

— Dependerá de você, *cara mia*.

Uma ousadia que eu nem sabia que existia se apossa de mim e o enfrento.

— Dependerá única e exclusivamente de você, senhor Saints. Ou você é fiel ou não é. Fidelidade e lealdade são coisas que damos sem esperar reciprocidade. Ser fiel ou não independe da decisão de terceiros.

Há fogo em seus olhos.

— E se eu não for fiel, Lisabeth, o que você fará?

— Nada. A mim não cabe fazer nada. Ser infiel a suas promessas é mais prejudicial a você do que a qualquer outro. Você é que terá uma esposa ressentida, triste, magoada. Seus filhos verão isso e não ficarão ao seu lado, e sim ao lado daquela que não errou. Se a sua preocupação é que eu o traia, fique tranquilo. Não sou pessoa de devolver na mesma moeda ou trair meus próprios princípios.

Em fração de segundos, sua boca está sobre a minha, devorando-me. Respondo na mesma ferocidade com que sua luxúria me ataca. Ele chupa meu lábio inferior e o lambe em seguida. Nossas respirações e gemidos se misturam, assim como nossas bocas se fundem. Não sei quanto tempo passou, mas o beijo foi se tornando doce, carinhoso, até que Raziel separou sua boca da minha. Ele passa seu polegar pelos meus lábios inchados e todo borrado de batom.

— Nossa relação é recíproca, Lilly – seu olhar é ameaçador. — Mas lembre-se de que agora você pertence a um homem de sangue mafioso que não aceita compartilhar o que é seu. A única coisa que nos separa é a morte – ele acaricia meus lábios com os seus. Ao romper esse contato, Raziel alcança o estojo e entrega-me um par de brincos que faz conjunto com o colar. — Termine se arrumar enquanto tiro seu batom da minha boca.

Fico ali, em frente ao espelho, contemplando a imagem de uma mulher ofegante, lábios inchados e nem um fio de cabelo fora do lugar. Spray poderoso aquele que usei. Coloco os brincos e depois vou até o banheiro para limpar minha boca e retocar a maquiagem. Assim que fico pronta, Raziel estende o braço.

— Vamos, querida?

— Não me chame de querida – falo sem humor enquanto entramos no elevador.

— Qual o problema, Lisabeth?

— É a segunda vez que me frustra, Saints. Isso não é legal.

Ele ri descaradamente e leva minha mão a boca, beijando-a.

— Prometo compensar em breve na nossa lua de mel.

Bufo com desgosto.

— Da mesma maneira que fez no jantar de noivado?

Nesse momento, ouve-se tosses e espirros disfarçados ao nosso redor. Afinal, raramente estamos sozinhos para discutir alguma coisa. Assim que as portas se abrem, adianto-me, deixando todos para trás, correndo ao meu redor para me alcançar. Eu sou doce e de personalidade afável, mas isso não quer dizer que não tenho garras e nem que elas não arranham.



— Raziel Saints, é um prazer tê-lo conosco. Geralmente é o Gabriel e o...

— Sentindo saudades, senhor presidente?

Como em um passe de mágica, Elemiah se materializa ao nosso lado.

— Pensei que, com uma noiva tão... vivaz, você não nos daria a honra de sua presença, Elemiah.

El balança a cabeça.

— De forma alguma, senhor. O trabalho vem em primeiro lugar. Tradição dos Saints – o tom sarcástico não passou despercebido por ninguém.

O homem à nossa frente volta-se para Lilly.

— Essa deve ser a sua futura esposa, Raziel – ele estende a sua mão na direção dela, que retribui sem hesitação, e ele beija. — É um prazer conhecê-la, senhorita.

— Lisabeth. O prazer é todo meu, senhor.

Um de seus assessores aproxima-se e fala algo em seu ouvido. O homem volta-se para nós.

— Desculpem-me, tenho que receber o novo cordeiro. Nos falamos depois. Sintam-se à vontade, senhores. A casa é de vocês, como já sabem.

Lilly vira-se para Elemiah e arrebatada a taça de champanhe de sua mão, virando-a e engolindo a bebida de uma vez só. El e eu nos entreolhamos surpresos.

— Preciso de mais coragem líquida – ela fala.

— O que se passa, doce Lilly? – Elemiah pergunta.

— Pergunte a seu primo – ela responde enquanto alcança outra taça de champanhe da bandeja de um garçom.

— Frustração sexual – digo sem que precisem me perguntar. — E a futura senhora Raziel Saints não é tão doce quanto pensam.

— Quem era aquele homem? – Lilly pergunta.

— O presidente da organização mais poderosa do mundo – respondo.

— ONU? FMI? – ela pergunta curiosa. — Eu não conheço, não lembro de ter visto em algum lugar.

— Nenhuma dessas. Eles são aqueles que comandam o mundo por detrás das cortinas. Vamos dizer que são eles que decidem como será o seu amanhã – Elemiah responde a ela. — Ao seu redor, estão os homens, e as mulheres sentam uma vez a cada quinze dias para decidir por qual rota o mundo deve girar.

— Isso é sério? Tipo os Iluminatis? Não é um pouco fantasioso? – fala, encorajada pela sua segunda taça de champanhe. — Se isso é verdade, por que não acabam com as guerras e a fome da humanidade?

— Quem nos dera ser fantasia, *mio angelo* – falo enquanto acaricio suas costas. — Não interessa a eles acabarem com isso, porque a paz não lhes rende o poder e o dinheiro que o mal faz. Hoje estamos aqui para assistir como o novo eleito se sairá diante da comissão. O fato dele ser presidente de um dos países mais fortes do mundo não dá o direito de participar das reuniões. Será uma espécie de sabatina.

Vendo o choque e a palidez no rosto da minha noiva, El troca a taça vazia por uma cheia e a coloca nas mãos dela.

— Beba, princesa. Você vai precisar.

— O que inferno vocês são afinal? – ela questiona. — Os donos da porra toda?

As pessoas que estão perto ouvem e riem de sua expressão enquanto o rosto de Lisabeth se torna escarlate. El e eu rimos e bebemos antes de responder.

— Somos quase isso – respondo.

— Quase o caralho. Nós somos os donos da porra toda – Elemiah fala para que todos em volta possam ouvir. — Eles só são quem são porque nós existimos e permitimos fazerem o que desejam.

— Procurem a palavra modéstia no dicionário e encontrarão em seu significado, Saints – Lilly debocha. — Falando em modéstia, cadê a sua noiva nada discreta?

Nesse momento, uma bela mulher aproxima-se e nos cumprimenta, mas seus olhos são somente para Elemiah. Ela é a esposa de um importante negociador que pode complicar a nossa vida. Mas, ainda assim, Gabe e eu não deixamos de virá-la de quatro e fodê-la sem sentido. Sua presa agora é Elemiah Saints que cede com prazer em acompanhá-la a algum lugar enquanto seu marido trata de negócios.

— Que puta! – Lilly fala assim que o casal vira as costas.

Retiro a taça de sua mão.

— Já chega de champanhe por hoje, Lisabeth.

— Agora vai restringir minha bebida também? Não basta só o sexo?

Rio alto e aceno para que Shaw se aproxime. Pedi a ele que trouxesse uma bandeja de canapés para que Lilly coma antes que desmaie de bêbada. A noite transcorre como deveria ser. Lisabeth, impulsionada pela sua coragem líquida, encantou a todos, mesmo as esposas mais exigentes. Ela estava impecável e, quando sua verdadeira personalidade aflora, ela fica irresistível.

Nos últimos dias, tenho trabalhado muito, mas, acima de tudo, estou tentando ser um cavalheiro. A minha vontade é fodê-la a cada vez que tenho a oportunidade, só que não é certo. Nossas mães nos educaram para sermos cavalheiros, cortejarmos nossas pretendentes com flores e bombons. Agora isso me impede de ser um boçal. Lilly merece mais. Ele sofreu muito e está se sacrificando por Haniel, sinto-me na obrigação de dar-lhe mais. Dar-lhe o meu melhor.

De longe, assisto-a interagir com outros convidados com uma postura impecável. Sorrindo com moderação, assentindo quando necessário e séria em suas respostas. Lembro da primeira reunião de Micaylah, ela queria sair com menos de dez minutos, dizendo que, se não for para ser quem é na frente dos outros, nem deveria estar ali e que Gabriel deveria ter casado com a menina Accorsi se quisesse um animal treinado. Foi uma das noites mais divertidas da minha vida. Agora contemplo minha futura esposa, que é elegante por natureza e bonita por criação divina. Melhor trabalhar, Razel. Pare de ficar babando sobre a sua futura mulher.



Eu sei que deveria parar de babar sobre a minha mulher. Na verdade, cheguei a pensar em ficar um pouco mais distante. O problema é que descobri ser uma missão impossível. Para cada coisa que ela faz por mim, sinto-me na obrigação de retribuir. Por isso, pedi a Micaylah que organizasse um jantar de noivado em minha casa, somente para os nossos familiares. Se eu pedisse a Lilly, ela iria querer cozinhar e o dia deveria ser dela, não?

— Farei com muito prazer, Raze. Mas você deveria dar mais a ela, não acha? – Micah questiona.

— Mais o quê?

— Você já conversou com ela? Já conheceu a sua futura esposa? – encaro-a vendo aonde aquela conversa irá. Ela revira os olhos ante o meu silêncio. — Homens! Se o soberano Saints já conversou com ela, deve saber de algo que ela goste ou um lugar que ela queira muito conhecer. Leve-a e a peça em casamento com um lindo anel. Faça isso especial para ela...

— E garanto que será especial para você também – Gabe entra na sala e beija a sua esposa. — Depois de atos românticos, até a mais bruta das mulheres se derrete. Aí é você quem sai

ganhando.

— Grande conselho, Gabriel – Micah o repreende.

— Falei com o presidente hoje, eles ficaram impressionados com a sua noiva, Raziel. Você fez uma boa escolha, cara – ele volta-se para a sua esposa. — Assim como eu.

Micah se derrete perante o olhar apaixonado de Gabriel.

— Oh, Gabe!

Ele olha para mim.

— Viu? Elas se derretem! – o homem mal termina de falar e sua esposa taca seu cotovelo nele, fazendo faltar ar.

— Oh, você está com falta de ar? Respire, querido. Você está ficando com um tom de vermelho nada bom – ela fala com fingida inocência. A mulher é louca de desafiar seu marido dessa maneira. Mas eles se completam, é o que importa.

Despeço-me do casal nada convencional e saio com o pensamento de encontrar um circo. Mas um circo não é romântico, só que ela gosta. Preciso de ajuda nessa coisa de romantismo. Caminho em direção à minha casa enquanto penso onde levar Lilly para pedi-la em casamento. Assim que entro em casa, encontro minha noiva conversando com o meu chefe de segurança, como amigos antigos. Não, eu não gostei!

— Shaw.

Ele acena para mim e explica-se:

— A Lilly pe...

— Senhora Saints – corrijo-o.

Shaw assente.

— A senhora Saints pediu para que localizássemos sua amiga Francesca. E vim lhe entregar o seu novo endereço.

— Ela foi demitida, e eu tinha perdido o contato. Pedi a Shaw que, gentilmente, conseguiu a informação para mim – ela levanta-se. — Agora quero ir até ela. Francesca tem uma vida difícil, e eu tenho que saber se ela está bem.

— Amanhã podemos...

Ela me interrompe:

— Hoje, Raziel.

— Faremos o seguinte: vamos ver a sua amiga e depois jantaremos em um lugar legal – a convido. — Tudo bem?

Ela sorri.

— Tudo bem – Lisabeth se aproxima, passa seus braços ao redor do meu pescoço e beija o meu rosto. — Obrigada, *mio angelo*.

— Agradeça mais tarde, nua de preferência – digo enquanto caminho para o escritório. Preciso fazer a reserva em um bom restaurante.

Uma hora depois, estávamos saindo de casa, indo em direção a um bairro nos arredores da cidade que era predominantemente indiano. Algumas ruas estavam fechadas devido a alguma festa e isso fez com que demorássemos mais do que queria. O carro parou em frente a um prédio antigo e que parece estar em bom estado.

Por medida de segurança, Shaw faz uma rápida inspeção antes de subirmos. Assim que tudo está certo, acompanho Lilly até a porta de onde sua amiga mora. Lisabeth bate à porta até que uma loira com cara de sono a abre.

— Lilly? – ela termina de escancarar a porta e agarra minha noiva em um abraço de urso. A mulher é voluptuosa, curvas exuberantes... ela é o tipo que chamam de *plus size*. — Oh, Deus! Eu a procurei tanto, minha amiga. E Hunny, onde está o nosso menino? Estava desesperada, ainda mais quando vi Franco rondando aquele prédio assombrado.

A menção do ex-marido de Lisabeth a deixa tensa. Talvez esteja na hora de investigar a fundo e ir bater um papo com o homem que um dia ousou machucar uma mulher.

— Chesca, quero lhe apresentar Raziel Saints.

A loira volta-se para mim e tenho a oportunidade de ver como é bonita. Estendo minha mão a ela, que demora alguns segundos para retribuir.

— Muito prazer, senhorita?

— Chesca... não! Francesca Cordopatri. O prazer é todo meu, senhor Saints.

— Raziel é meu no-noivo, Chesca.

— *Cazzo di inferni!* – ela arregala os olhos e coloca as mãos na boca. — Me desculpem. Mas um Saints, Lilly Bonanno? Esses caras são lendas.

Lisabeth ruboriza, mas abre um bonito sorriso em minha direção.

— Viemos convidá-la para o nosso jantar de noivado – Lilly fala.

— E-eu não sei se poderei ir, Lilly – a bela loira olha entre mim e minha noiva e continua a falar receosa. — Tenho que procurar um emprego e achar outro lugar para ficar. Fui demitida e...

Lisabeth olha para mim esperando que eu dê permissão para ajudar a amiga. Ela disse que Francesca é como se fosse sua irmã, é a única pessoa que tem por família, não seria justo deixá-la em apuros, e eu estou impaciente para sair daqui.

— Nossa casa é grande, e você ficará conosco o tempo que precisar. Lilly a ajudará no que

precisar. Um carro estará aqui na primeira hora da manhã para levá-la até o complexo.

— Agora é a minha vez de fazer algo por você, Chesca.

— Vocês têm certeza? Eu não estou em condições de negar, mas não quero incomodar ninguém.

— Você será muito bem-vinda conosco, Francesca – digo com sinceridade. — Podemos ir, Lilly?

As mulheres se despedem e saímos em seguida. As ruas estavam cheias de imigrantes indianos com roupas típicas, dançando como lhes convinha. Alguns estavam sujos de tintas e algumas mulheres com muitas flores. Lisabeth olhava encantada pela janela. Como se lesse meus pensamentos, Shaw liga para um dos seguranças que é indiano.

— Karan, o que acontece em seu bairro?

— É a comemoração do Holi Festival ou festival das cores, senhor. É uma tradição hindu para receber a primavera, comemorando simbolicamente a vitória do bem sobre o mal. Na Índia, nos vestimos de branco e saímos às ruas brincando com tintas e pós coloridos.

— Guie-nos para fora daqui, Karan – Shaw ordena. Ele volta-se para o motorista. — Pare e deixe que Beppe siga à frente.

— Eu vou descer, Shaw – Lisabeth fala, já descendo do carro.

Enquanto eu corro para alcançá-la, amaldiçoando o mundo por ter escolhido uma mulher tão impulsiva, a segurança se organiza para a nossa proteção. Ah, pelo amor de Deus! Temos um protocolo a ser seguido, não podemos nos dar ao luxo de sair do carro em meio a uma multidão desconhecida. Não sabemos o perigo que nos cerca.

Lilly olha tudo ao seu redor fascinada. Logo à frente, uma mulher coloca flores em seus cabelos. Shaw adianta-se para afastá-la da minha noiva, mas ela o dispensa e aceita as flores com carinho. Em seguida, mais mulheres se juntam à primeira e colocam um ponto vermelho entre suas sobrancelhas. Karan conversa com as mulheres, que sorriem e batem palmas para a Lilly. Outra, surge com um tecido vermelho e passa ao redor dela.

— O ponto vermelho chamamos de Bindi – Karan explica-me. — Eu disse às mulheres que a senhora está noiva, prestes a se casar, por isso a presentearam com um bom sári.

Com uma comitiva de segurança no encalço de Lisabeth, caminhamos em meio à multidão de foliões. Há contorcionistas, acrobatas, mulheres arrumando cabelos, outras tantas se maquiando. Grupos dançando e cantando, muitas comidas, cheiros, uma verdadeira Little India na Big Apple. Em um dado momento, observo Lilly sob arcos de flores coloridas, rindo como uma menina e aquilo mexeu comigo.

De repente, canhões de flores explodem sobre nós, tendo, ao fundo, o Coldplay cantando *Hymn For The Weekend*. Nesse exato momento, encontro os olhos brilhantes de Lisabeth, e meu coração falha uma batida – (...) *Ah, anjo enviado lá de cima, sabe que faz meu mundo brilhar?*

Quando eu estava para baixo, quando estava machucado, você veio para me levantar. A vida é uma bebida e o amor é uma droga. Ah, agora estou eu há milhas de distância da Terra. Quando eu era um rio seco, você veio fazer chover, me inundou. E disse "beba de mim, beba de mim" quando estou sedento. Somos uma sinfonia. Agora, acho que nunca terei o bastante(...)

Sentimentos confusos e sensações loucas se juntam dentro de mim. É como se eu estivesse em algum lugar longe daqui, onde só existisse nós dois. Como se ela fosse uma miragem no deserto, chamando-me para me perder nela. Em poucos passos, a alcanço e a puxo para os meus braços. Beijo Lisabeth como se ela fosse a única coisa que eu preciso para respirar.

— Vamos sair daqui – caminhamos rapidamente para o carro e partimos. — Leve-nos para o Plaza.

Vejo desejo e confusão nos olhos da minha mulher. Não confiando em mim, apenas alcanço sua mão e a beijo. Volto minha atenção para a janela, onde as coisas passam em uma velocidade assustadoramente lentas. Estou tenso, excitado demais e fodido demais por envolver sentimentos nesse relacionamento. Mas como não me apaixonar por esse ser que tem cara de boneca, corpo de uma deusa e a força de um tigre?

Passo a mão pelo meu terno para ver se o anel está ali. Há dias o guardo para entregar em um momento propício, só que a vida e Elemiah nos testam a cada minuto, deixando-me ocupado demais para desfrutar da minha noiva. Saio antes que Haniel e sua mãe acordem e volto quando já estão dormindo. E, com isso, adquiri um hábito: quando chego, sento-me na beirada da cama de Lisabeth e contemplo ambos dormirem por algum tempo.

Eu já sofri antes por amar uma mulher que me traiu, não deveria me permitir, arriscar me apaixonar outra vez. Eu não amo, Lilly. Só que estou à beira de cair no penhasco das emoções. Há como combater o inesperado sem romper o casamento? Eu não serei idiota de fazê-la infeliz só porque é um casamento de conveniência. Ambos desfrutamos de um tenso desejo um pelo outro e pode ser que não baste. Mas, até lá, aproveitarei cada momento.

Paramos em frente ao hotel e, sem demora, levo Lilly na direção dos elevadores. Shaw estranha o fato de eu não passar orientação alguma, mas, no momento, estou mais preocupado com outras coisas. Seguimos para a cobertura onde possuo um flat com vista panorâmica de parte da cidade. Enquanto Lisabeth contempla as luzes sob nós, tiro meu terno e a camisa, jogando-os no sofá. Vou até a varanda e coloco-me atrás dela.

— A cidade daqui é estupenda.

— Eu não estou aqui para ver a cidade ou quanto ela é bonita – viro-a para que me encare. — Sinto fome de você, a desejo cada vez que contemplo esses seus grandes olhos azuis e imagino como será sua expressão a hora que eu estiver dentro de você. Já perdi noites me perguntando como será o seu gosto? – passo minhas mãos pelos seus seios, descendo pela barriga e pressionando o “v” entre suas pernas. — Será que você é tão doce aqui... – minha mão volta aos seus lábios. — Como é aqui?

Ela tira o sári que a cobre.

— Eu... — ela começa, mas perde a coragem. — Eu espero você invadir o meu quarto todas as noites — seu rosto cora.

— Eu assisto você e Hunny todas as noites.

Lilly passa a mão pelo meu peito.

— Às vezes, dá água na boca só de pensar em experimentar seu corpo.

— Então, possua-me, Lisabeth.



Quando ele disse “possua-me”, qualquer timidez que eu tinha evaporou. Emolduro o seu rosto entre minhas mãos e trago sua boca para minha. Eu o desejo tanto que chega a ser pecado. Sua mão forte segura-me pela nuca enquanto a outra que está em minha cintura pressiona nossos corpos um contra o outro. Ao romper o beijo, ele afasta-se com um sorriso perigosamente sexy.

— Venha, *principessa*. Vamos fazer as coisas direito.

Ótimo! Com roupa é difícil transar mesmo. Nesse instante, a insegurança me pega em suas garras. Desde que tive Hunny, eu não tive mais um homem e eu até aparo os pelos, mas todo homem gosta de totalmente depilada. Agora não sei se me preocupo com a depilação ou com o fato de doer quando ele me penetrar.

— Lilly? — Raziel acaricia meu rosto. — O que passa aí dentro que fez essa ruga aparecer em sua testa?

Dou o meu melhor sorriso sem graça.

— Na-nada. Vamos para a cama?

Ele ri e beija-me.

— Eu quero. Muito. Só que, se deitarmos agora, eu a devorarei sem me preocupar em ser gentil – um gemido estrangulado escapa de mim. — Eu sinto o mesmo, anjo. Reservei um restaurante onde tem uma pista de dança para continuarmos a nossa lição sobre o tango. Mas, infelizmente, perdemos nossa reserva.

— Você fez isso por mim? Q-quer dizer... o tango. Faria um papel bobo assim só para realizar um desejo meu? – os batimentos do meu coração aceleram a tal ponto que ele pode sair pela minha boca a qualquer momento.

— Seus desejos são ordens, minha querida. Dê-me alguns minutos e logo lhe darei uma importante lição.

Raziel afasta-se e fala no celular enquanto olha o menu do hotel. Caminho pelo ambiente

luxuoso. Além da sala, há um quarto com uma cama grande, muito bem decorado. O banheiro anexo é ainda mais luxuoso que o quarto. A banheira parece ter sido projetada para mais de duas pessoas. Tudo de muito bom gosto.

Observo-me diante do grande espelho. Não pareço mais com aquela menina assustada que até pouco tempo vivia em mim. Aos poucos, recuperei minha autoconfiança e estima, passei a sorrir mais vezes e a pensar menos no passado. O passado... Franco deve estar à minha procura. A essa altura ele já sabe sobre o meu casamento com um Saints. Quanto tempo levará para ele me encontrar? E o pior, o que ele fará quando isso acontecer? Sei que tenho que conversar com Raziel sobre isso, mas, ultimamente, não temos a oportunidade. Poderíamos conversar hoje e tenho certeza que estragaria esse momento, que talvez seja único!

Suaves notas soam pelo ambiente e, quando volto à sala, Raziel segura-me pela nuca e traz-me para ele. De frente um para o outro, Raze abaixa conforme desliza sua mão pelo meu corpo. Em seus olhos, contemplo promessas de pecados e perigos como o ritmo que nos cerca. Ele levanta-se, enlaça minha cintura com um braço e estende o outro para dançarmos.

— Vamos só brincar com o *Heart Tango*, tudo bem? Apenas solte-se – ele me conduz conforme a batida da música. Não há lugar para sorrisos, apenas olhares. Ele me faz rodopiar e quando me para, me pressiona contra a parede, trazendo uma de minhas pernas até sua cintura. Seu membro duro acaricia entre minhas pernas, que perdem as forças. — *Asi, preciosa.*

Afastando-nos da parede, Raziel faz com que eu rode mais uma vez e para em minhas costas. Agora, esfregando sua ereção em minha bunda, ele induz-me a rebolar e colocar um braço em seu pescoço. Sua mão solta a minha e desce, deslizando pelo meu braço até chegar ao meu seio e acaricia meu mamilo.

— Raze... – sua mão continua a exploração, indo para a minha calcinha sob o vestido. — Eu o quero.

Ficando de frente para mim, ele coloca ambas as mãos em meus ombros, forçando-me a abaixar. Fico de frente para a protuberância em suas calças, ansiosa para abri-la e o degustar. Sem me dar chance de qualquer coisa, ele levanta-me e curva-me para trás exatamente ao final da música. Sua boca encontra a minha e, quando voltamos à postura normal, enrolo minhas pernas em sua cintura, esfregando-me em sua excitação.

— Faminta, Lisabeth? – ele pergunta enquanto me leva para o quarto.

— Por você.

Raziel coloca-me no chão, abre o zíper lateral do meu vestido, retirando-o em seguida. Enquanto me beija, retira o sutiã e segura ambos os seios juntos. Separando sua boca da minha, ele suga um mamilo enquanto estimula o outro.

— Ah... mais, Raziel... mais...

Ele faz um caminho de beijos, passando pela minha barriga e parando sobre o meu púbis. Tira a minha calcinha e força-me para trás até que eu sente na cama. Raze abre minhas pernas, a vergonha e a insegurança fazem com que eu as feche ou, pelo menos, tente, pois ele não deixa.

— Abra-se para mim, *princesa* – enquanto fala, um dedo desliza para cima e para baixo em minha fenda.

— Eu queria, não sei se posso. Não sou... não estou preparada – falo em um sussurro.

— Não é o que o seu corpo diz, querida – ele provoca-me. Então ordena: Abra-se para mim, Lilly.

— Raziel, eu não estou depilada da maneira que você deve gostar. E-e faz muito tempo desde a minha última vez.

— Quanto tempo? – ele desliza um dedo para dentro. SANTO CÉU AZUL!

— De-desde que eu confirmei a gravidez. Daí vem o pa-parto... – seu dedo entra e sai, entra e sai... — Aaahhh... – respiro fundo e fecho ainda mais as pernas. — Logo após o parto, o médico deu alguns pontos, fechando ainda mais. E, desde então... nada... e pode doer. Vai doer, eu sei. Já tive uma primeira vez e...

Raziel silencia-me com um beijo.

— Chega de falar. Agora é hora de comer. Eu comer.

— Oi? – foi aí que eu entendi a expressão “hora de comer”. Ele abre as minhas pernas e enfia seu rosto entre elas. Sua língua maldita só pode estar possuída e faz c-com... — Aaahhh! Oh, por favor, Raze!

Dedos se juntam à língua e aos lábios, penetrando, sugando, lambendo.

— Tão doce quanto imaginei – ele fala e faz meu corpo vibrar em resposta. Ele ri, e eu o xingo.

Puxo seus cabelos, pedindo sei lá o que e o xingando, completamente atooooorrrddoaada... aquela sensação de desespero que vai preenchendo o nosso corpo começa a se tornar mais violenta, até que o mundo explode em mil cores. E, mesmo estando uma gelatina, toda trêmula, seus dedos não me dão descanso.

A campainha toca e eu fico ali, quase inconsciente por causa do orgasmo. Raziel retira os dedos de mim e sai porta afora, os saboreando e gemendo.

— Esse homem acabará me matando se me der mais orgasmos assim.

Ouçó a risada do infeliz vindo do outro cômodo e, morrendo de vergonha, me enterro entre as cobertas da cama. Pouco tempo depois, sinto a cama baixar e um corpo quente encostar no meu. Mãos fortes apertam a minha bunda e colocam uma de minhas pernas para frente, separando-as. Raziel aproxima-se ainda mais e enfia sua ereção entre elas.

Ele beija meu pescoço e minhas costas. Logo vira-me e toma um seio em sua boca. Uma de suas mãos leva a minha para tocá-lo.

— Toque-me, anjo.

Fecho minha mão ao redor de seu membro e o acaricio. Seu gemido me deixa ainda mais molhada e desejosa. Seus dedos descem por entre as minhas pernas e me penetram novamente, no ritmo em que eu o masturbo. Sua boca ávida e sua língua maldita provocam-me com igual intensidade.

Rompo o nosso contato, empurro-o de costas e subo sobre seu corpo. Beijo sua boca e desço para os seus mamilos, mordendo-os. Sugo cada um e continuo a trilhar seu corpo com a língua. Beijo a cabeça de seu pau e o chupo até onde posso, o que não é muito e, realmente, não estou afim de aprender agora. Só quero que esse homem me foda de uma vez.

Como se lesse meus pensamentos, Raziel troca de lugar comigo e se coloca entre as minhas pernas.

— Eu estou enlouquecendo de tesão, Lilly. Se não estiver preparada, deve me avisar agora.

— Pare de perguntar e me coma, Raziel.

Ele esfrega seu pau na minha entrada e, aos poucos, entra em mim.

— Tem certeza, Lisabeth? – ele continua a tortura. — Tem certeza de que quer meu pau dentro de você?

— SIM! – estremeço assim que a parte mais larga de seu membro passa, mas logo não sinto mais nada. — Raziel! Mais... mais... aaahhhh... mais!

— Você é apertada pra diabo, mulher! Ah, boceta gulosa que gostou de me ordenhar. Aahh, inferno! Eu não durarei muito.

O homem se move em um ritmo lento demais para o meu gosto. Enrolo minhas pernas ao redor de sua cintura para forçar o ritmo, mas ele continua irreduzível até que eu levo minha mão onde nossos corpos se encontram e seguro seu pau. Ele se perde... Eu me acho! Raziel aumenta o ritmo e suga o meu mamilo ao mesmo tempo.

— Seu corpo é o paraíso, querida.

Ele vira-me de quatro e torna a penetrar. Puxando-me pelo o ombro, minhas costas encontram com o seu peito e sua mão vai em meu clitóris. Meus gritos de prazer se misturam aos gemidos dele e, mais uma vez, me perco em um orgasmo. Raze coloca a mão nas minhas costas deitando-me, meus peitos pressionados contra o colchão e a minha bunda no ar. Um dedo perdido acaricia a entrada da minha bunda.

— Já teve alguém aqui, Lilly?

— Nã-nãoo...

O infeliz ri.

— Vou lhe mostrar como sua bunda pode ser tão excitante quanto o seu clitóris – antes mesmo de terminar a fala, Raziel começa a me penetrar com o dedo. Como já não estou mais nesse universo, perco-me em sensações, gritando e estremecendo com o orgasmo. Logo ele aumenta suas

estocadas e goza dentro de mim, repetindo “anjo” como se fosse um mantra.

Ele deita e puxando-me para ele. Ficamos em silêncio até nos recuperarmos.

— Acha que esse é um bom momento para lhe pedir em casamento?

Apoio meu queixo em seu peito, assim posso olhá-lo.

— Achei que já tinha feito – respondo.

— Não como deveria – contornando meu rosto com os nós dos dedos, ele fala: Linda, inteligente e forte. Você é a mulher perfeita, Lisabeth. Eu não sou digno de você e nem de Haniel, mas, sinceramente, eu não estou nem aí. Eu os quero em minha vida.

Raziel se declara sem tirar seus olhos dos meus, que já estão ardendo com lágrimas não caídas. Ele vira-se e alcança um pequeno estojo e de lá, um belo solitário. — Ele não é o mais belo dos anéis, mas é muito valioso para a minha família. Pertenceu à minha bisavó, que passou para a vovó, depois para a minha mãe e agora a você – o anel se encaixou perfeitamente em meu dedo. — Você me faria o homem mais sortudo do mundo, se me aceitasse como marido e pai de Hunny. Aceita ser minha esposa, Lisabeth Bonanno?

— Sim, Raziel Saints. Eu o aceito como marido e pai do meu filho.

Ele beija minha mão, meu braço, meus seios... Sua boca encontra a minha. O centro do seu prazer novamente encontra o meu e nos fundimos em um só. Não precisávamos de palavras, ele me deu ali sua promessa de ser meu. Pode ser que seu coração nunca me pertença, mas não pararei de lutar até que eu o tenha.



Chegando na mansão de manhã cedo, depois uma intensa noite de sexo, Raze e eu paramos na porta ao ouvir vozes exaltadas.

— Então você achou que poderia vir me procurar aqui no complexo? E como entrou, afinal? — essa é a voz de El.

— Acredita que estou aqui por sua causa? Sonha, baby! — Chesca?

Raziel e eu nos entreolhamos surpresos. Quando me movimento para interferir, ele segura-me no lugar, fazendo sinal de silêncio.

— Então me explica porque caralho está aqui, garota? — ele insiste.

— Não sou uma de suas vadias, amigo. Eu tenho nome, Francesca. E você deve se referir a mim com respeito — ela revida. *Eles se conhecem de onde?* — Seu primo, que por sinal é muito educado, me convidou para ficar uns dias até que eu me reestabeleça. Ele, gentilmente, fez isso porque a minha melhor amiga é a sua noiva. E eu sou madrinha de Hunny. E, por favor, não me diga que o seu primo é grosseiro como você. Tiraria Lilly e Hunny daqui em um piscar de olhos.

— Deixe de ser ridícula...

Nesse instante, Micah aparece atrás de nós.

— O que está acontecendo? — ela sussurra.

— Assistindo um *déjà vu* — Raziel responde. Olhamos para ele, que explica: Gabriel e Micayah tentavam se matar constantemente. Ela se safou de uma bala no meio da testa por muito pouco.

Meus olhos quase caem do rosto com esse fato. Viro-me para Micah que está sorrindo.

— Bons tempos.

Voltamos nossa atenção ao casal que segue discutindo.

— Por isso, não suporto esse sangue quente italiano. Falam alto, são espalhafatosas...

— Aham. Porque a Amalie Samson é muito discreta. Me diz uma coisa: sua família não liberou a mesada para você comprar um vestidinho melhor para ela ir a *première*? — Francesca o provoca.

Elemiah está vermelho de raiva e, mesmo daqui, podemos ver ódio em seus olhos. E se ele tentar atirar na minha amiga como Gabriel fez com Micaylah. Sem pensar, dou um passo e agora ambos me barram.

— Francesca não é uma pessoa fácil de lidar, e Elemiah está perdendo a paciência.

Micah e Raze sorriem.

— Isso é tensão sexual, querida. Ninguém vai se matar. Vão foder, mas não matar — Micaylah responde, me deixando ainda mais chocada.

O casal que discutia à nossa frente percebe a nossa presença e se recompõe. Micaylah aproxima-se de Chesca e inicia as apresentações.

— Eu sou Micaylah Saints, esposa do Gabriel, primo de Elemiah — ela estende a mão à espera da retribuição.

Francesca a cumprimenta com um sorriso.

— Prazer em conhecê-la, senhora Saints. Eu sou Francesca Cordopatri, ao seu dispor — ela volta-se para mim. — Bom dia, casal. Acho que cheguei cedo demais. É que o carro me buscou a essa hora e... se quiserem, posso ir.

Raziel adianta-se e segura sua mão.

— Você é muito bem-vinda, Francesca. Já vi que conhece o meu primo, Elemiah.

Os dois se olham antes dela responder:

— Nós nos esbarramos em um de seus clubes noturnos.

Uma mulher das que trabalham aqui anuncia que o café da manhã foi servido. Sentamos todos à mesa em um silêncio cômico. Raziel, como um bom anfitrião, puxa conversa com a minha amiga para fazê-la se sentir confortável. Micaylah se diverte com o mal-estar de Elemiah, que permanece em silêncio ou apenas assente com a cabeça.

Após o café, os homens vão para a Worldwide. Micaylah e Francesca se acham quando o assunto é o meu casamento, se tornam amigas de infância. Eu fui atender Hunny, de quem eu estava morrendo de saudades. Depois de Micah partir, ajudo minha amiga a se instalar em um dos quartos de hóspedes. Conversamos sobre como Raziel Saints entrou em minha vida e por que estou me casando com ele.

— Agora me conte tudo sobre Elemiah, Chesca.

— Eu o detesto! É arrogante, egocêntrico e um idiota — ela senta ao meu lado. — Eu fui naquele clube para acompanhar a neta da minha empregadora, suas amigas eram umas riquinhas esnobes e magras. Aí já viu, não é? Circulando pelo lugar, eu esbarro naquele homem gostoso... Ele

é gostoso de boca fechada. Ele estava meio chateado por alguma coisa e eu, por causa das amigas da garota, conversamos, rimos e nos beijamos até alguém entrar em seu escritório.

Encaro-a:

— Só? – questiono.

— Ele é um *stronzo*! Ele ficou com vergonha de falar que estava comigo e disse à pessoa que entrou que estava me confortando porque eu me sentia mal por ser...

— Gorda? – eu a corto. — Vou matar Elemiah!

Já presenciei situações em que a trataram mal por ser um pouco acima do peso. Francesca é uma administradora formada, muito inteligente e linda. Mas as empresas contratam por padrão estético hoje em dia e não por sua capacidade. Ela me contou que, na Itália, era ainda pior. Não há nada de errado, mas quando alguém a trata diferente é por ser acima do peso.

— Senta aí, senhora Saints justiceira – ela fala, rindo. — Por ser italiana.

— O quê? – balanço a cabeça. — Que loucura é essa? Ele é italiano.

— Acho que o seu noivo deve levar o primo para uma consulta com um psiquiatra – ela debocha.

Eu a abraço.

— Senti falta desse bom humor e das nossas conversas.



Minha cabeça dói com tantas puxadas para escová-lo. Micah e Chesca insistiram que eu deveria vir ao salão para ir a um evento beneficente representando as senhoras Saints. O vestido já foi uma saga, Micah chamou uma *personal* alguma coisa que levou várias roupas para que eu escolhesse e fizeram-me provar cada uma delas.

Depois de fazer as unhas, me depilar e, por fim, essa puxação de cabelo, dirijo-me para a sala privada que designaram para o meu conforto. Depois que se carrega o nome Saints sobre a cabeça, as portas se abrem, as montanhas se movem e você passa a ser a pessoa mais interessante do mundo.

Com a aproximação do casamento, esses compromissos têm se tornado cada vez mais rotineiros. Micaylah e Gabriel podem tirar folga para desfrutarem de mais tempo em família. Elemiah até comparece, mas sua noiva está vetada de qualquer coisa que envolva os negócios. Há também o fato dele ignorar nossa casa, provavelmente fugindo da possibilidade de encontrar Francesca.

Entrando na sala, alguém fecha a porta e tapa a minha boca. O pânico se instaura em mim.

— Senti saudades, querida? – Gianfranco... — Achou que desfrutaria sozinha desse dinheiro todo, cadela?

Ele me solta, e eu vou até a minha bolsa, preciso acionar aquele maldito telefone para virem tirá-lo daqui. Mas o homem é mais rápido e o arranca da minha mão.

— Devolva o meu telefone, Franco — peço.

— Devolver para você apertar o cinco e fazer a sua guarda armada vir me tirar daqui? — ele debocha ao ver a minha expressão de surpresa. — Eu sei de mais coisas do que você imagina. E é por isso que estou aqui. Quero vinte mil dólares.

— Eu não tenho o dinheiro e, mesmo que tivesse, não daria — viro-me de costas para ele e de frente para o espelho. Nesse momento, ele aponta o celular para mim. — Ninguém é louco o suficiente para ir contra os Saints.

— Você vai! Porque eu tirarei o bastardinho de você e mandarei essa foto linda para o seu noivo — ele mostra-me uma imagem nossa ali naquele ambiente íntimo. Ele se aproxima e se coloca atrás de mim. — Você já perguntou ao seu marido o que aconteceu com a falecida? Eu respondo, querida. Ele a matou.

Senhor Jesus!

— Não. Raziel jamais faria isso — falo convicta.

O maldito ri, e eu me afasto.

— Estamos falando dos Saints, eles são capazes de tudo. Mas como sou seu amigo, seu ex-marido... — seu olhar percorre meu corpo e sinto-me suja. — Você está gostosa, baby. Voltando ao assunto, o seu Raziel matou sua ex-mulher porque ele a viu com outro. Imagina o que ele e os outros farão com uma qualquer que está aplicando o mesmo golpe?

Ergo meu queixo e tento parecer tranquila.

— Raziel e sua família sabem quem sou, eles sabem que eu jamais o trairia.

— Tão ingênua. Acorda, cadela. Eles terão uma foto vindo das mãos de alguém que trabalha para eles há anos. Você é apenas uma puta que ele comprou para se casar — isso foi um verdadeiro tapa na cara. — Eu sei que o Saints dará o seu sobrenome ao bastardinho e se casará com você, porque senão sua mamãe iria obrigá-lo a casar-se com outra. Você não é nada para eles, Lilly. É apenas um bem adquirido para um fim específico.

— Não! Recuso-me a acreditar nisso. Raziel não me ama, mas gosta de mim e o principal, ele se importa com Hunny.

Coloco a minha bolsa no ombro e me ajeito da melhor maneira possível para sair daquele lugar. Franco segura o meu braço.

— Eu tenho gente dentro daquele complexo, retiro o seu filho de lá sem que ninguém perceba e nunca mais você o verá — um nó forma-se em minha garganta. — Farei isso no mesmo instante em que entregarem essa imagem para o seu noivo. Você terá sorte se ficar viva para tentar encontrar o bastardinho. Então, é melhor você me entregar vinte mil dólares em três dias.

— De onde acha que tirarei esse dinheiro, homem? – falo em desespero.

— Você sabe como fazer um homem feliz na cama, cadela. Basta chupar o pau de ouro do cara, como fazia com o meu, e ele dará o que quiser.

Bato em seu rosto impecável.

— Maldito! Nojento! Eu te odeio! EU.TE.ODEIO!

Ele sorri, e meu estômago revira. Gianfranco devolve o telefone e vou em direção à porta quando o ouço dizer:

— Quem disse que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar?

Sem querer entender suas palavras, saio daquele lugar praticamente correndo e esbarro em um dos seguranças que me detém. Desesperada, grito para me soltar e afasto-me para o meio da rua. Atordoada, em meios a buzinas e gritos, corro sem destino. Chorando e sem ar, encosto-me na parede de algum prédio desconhecido e deslizo para o chão.

O que farei agora? Se eu contar a Raziél ou a alguém, ele levará o meu filho e, se eu não contar, os Saints me matarão quando descobrirem. O que eu faço? Mande-me um sinal dos céus, por favor! Fico imersa em meus pesadelos sem ver o tempo passar.

— Lilly?

Levanto o meu rosto para olhar aquele por quem meu coração bate. Lágrimas voltam a turvar minha visão e baixo a cabeça novamente. Sinto-me suja, envergonhada, indigna de qualquer coisa vinda dele. Percebo uma leve carícia em meus cabelos.

— Fale comigo, *angelo mio*. Diga-me o que fazer para acalmar seu coração.

Balanço a cabeça.

— E-eu não nasci para ser f-feliz – outra onda de choro incontrolável toma conta de mim.

— Diga-me o que fazer, Lilly. Deixe-me entrar.

Encaro Raziél.

— Salve-me da dor. Tire de mim toda essa sujeira – arranho os meus braços e puxo minhas roupas.

Ele puxa-me para os seus braços e aperta-me próximo ao seu coração. Ouço-o conversar, mas não quero abrir os olhos. Só percebo que estou dentro do carro porque ouço as portas se fecharem. Ele acaricia minhas costas e, aos poucos, meu corpo vai relaxando.

Mas como será a minha vida? Posso fugir com Hunny, ninguém nos encontrará... Os Saints nos encontrarão e me matarão por acharem que trai Raziél. Agarro sua roupa e me pressiono mais contra ele. Seu calor me cerca e apago sentindo-me protegida.



O que anda acontecendo com Lisabeth? Nos últimos dois dias, ela não saiu do quarto para nada e só permitiu que alguns entrassem. Haniel teve que ficar com a sua mãe, já que ela não o deixava em paz. Francesca me disse que nunca viu tal momento de sua amiga e Micaylah insistiu em chamarmos o médico. Assim o fiz. Depois de duas noites de sono, ela parece estar melhor. Mas há algo de errado.

Nenhum dos seguranças viu algo de estranho nas redondezas. Também não aconteceu nada de estranho no salão onde se encontrava. Ela simplesmente surtou. Minha mãe cogitou a ideia de que são os nervos, com o casamento se aproximando, Lilly talvez tenha se sentido oprimida. Mas eu a conheço, sei o quanto a minha mulher é equilibrada. O que me leva a pensar que algo grave a aflige. Será que é o seu ex-marido?

Saio da biblioteca e procuro minha noiva pela casa, a encontro na sala brincando com Haniel e conversando com Francesca. Seu sorriso voltou, mas ainda não é aquele que ilumina todo o ambiente. Durante a noite, tem tido pesadelos, mesmo estando dopada de tranquilizante. *O que acontece com você, amore mio?*

Essa mulher e essa criança entraram em minha vida trazendo sentimentos que há muito estavam escondidos aqui dentro. É como se pertencêssemos uns aos outros em outras vidas. Não sou romântico, desaprendi a sorrir por qualquer coisa, sou extremamente exigente a ponto de ser chato. Ainda assim, um menininho de dois anos viu algo em mim que merecia sua confiança. Haniel me adotou como seu pai quando eu não servia para ser modelo de ninguém.

Aí tem a sua mãe, uma mulher linda e muito forte. Lisabeth não faz ideia da força que tem. Não faz ideia da sua beleza e nem se dá conta de que sua simplicidade é encantadora. Os homens mais poderosos do mundo se renderam aos seus pés e suas mulheres são deslumbradas com a sua franqueza. Levei menos de duas semanas para me apaixonar e agora peço a Deus que dê-me longos anos para desfrutar a vida com a minha família.

Nos papéis, Haniel já é um Saints e fiz de ambos meus herdeiros. Lilly saberá disso no dia do nosso casamento quando estivermos dançando a valsa. Eu a amo, amo Haniel, mas não vou até o altar daqui a três dias sabendo que a minha futura esposa esconde algo de mim. Eu já passei por uma situação complicada antes, não vou me fingir de cego agora. Não agora.

Seus grandes olhos azuis me detectam, e ela sorri. Aproximo-me deles e abaixo próximo ao menino. Faço cócegas nele, que gargalha, fazendo sua mãe rir junto. Olho para Francesca e aceno para ela, que sorri em retribuição.

— Pode olhar Haniel para mim? Quero levar Lilly em um passeio pelos jardins – acaricio o rosto dela, que se curva para a minha mão. — Acho que merecemos um tempinho antes da correria dos preparativos.

— Claro! Vão aproveitar! Quem sabe uma transa no meio dos jardins faz com que a nossa doce Lilly sintam-se revigorada.

Levanto e estendo minha mão a Lisabeth, que aceita de bom grado. Saímos em direção ao jardim coberto e sentamos em um banco em frente ao pomar.

— Nos casaremos daqui a três dias e a minha noiva não parece muito feliz – inicio a conversa.

Ela alcança a minha mão e a beija.

— Estou feliz porque é com você. M-mas há coisas acontecendo q-que eu não tenho controle.

Viro-me para encará-la.

— Então compartilhe comigo para que eu lhe ajude, Lilly. Eu preciso daquela mulher doce e de sorriso fácil ansiosa para me encontrar no altar – levanto e caminho para não deixar minhas emoções fugirem do controle. — Eu não posso me casar sabendo que há segredos entre nós, Lilly.

— Eu não quero esconder nada de você, Raziel. Só que eu não posso lhe contar tudo.

Encaro-a para ver em seus olhos a resposta que procuro, mas ela desvia o olhar. Uma luz de alerta pisca em minha mente.

— Quer dizer que eu não sou digno de compartilhar nada seu. Muito bem, era isso que eu deveria esperar de um acordo comercial – cada palavra de constatação é uma faca que me fere.

— Raziel, eu... – Lisabeth volta a falar, e eu a interrompo.

— Não se dê ao trabalho de explicar com belas palavras. É melhor já deixarmos tudo esclarecido de antemão. Gabriel e Elemiah a chamarão para assinar um acordo pré-nupcial – retiro do bolso um cartão de crédito. — Esse é seu, nesse papel estão a senha e os detalhes da conta vinculada, que, por sinal, já está recheada, poderá gastar o dinheiro como quiser. Também receberá uma boa mesada mensal para as suas necessidades e, como já havíamos falado antes, eu me encarrego das despesas de Haniel.

Ela se levanta e vem até mim, mas desvio de sua mão ao tentar tocar-me.

— Você será obrigada a me dar filhos, sendo assim, é melhor se acostumar a me ter dentro de você. Talvez você tenha sorte e já esteja grávida de um herdeiro meu. Para cada criança que vingue, você receberá um bônus e, assim que você assinar o meu sobrenome, automaticamente duas

propriedades irão para o seu nome. Acredito que chegará uma hora em que não vá querer estar perto de mim, poderá recorrer a uma de suas casas, mas meus filhos ficarão. Qualquer indiscrição de sua parte será punida com multas milionárias. Acho que esclarecemos tudo.

— Olhe para mim, Raziel — me arrependo no segundo que o faço. Porque eu amo essa mulher, e ela me esconde algo. O dia do casamento se aproxima e ela se afasta. Phoebe pelo menos teve a perspicácia de fazer isso após assinar Saints. — Assinarei o acordo com prazer, só que eu não quero nada disso. Nada de bônus por filhos ou propriedades. Eu quero estar aqui com você até quando permitir, quero ser a mãe de seus filhos e oxalá que já estivesse grávida. Eu não quero um casamento comercial, eu não quero essa frieza, eu só quero você e a nossa família.

— Então me conte os seus segredos, Lisabeth — a desafio.

Ela sorri, mas o gesto não chega a seus olhos.

— Então me conte como a sua ex-esposa morreu.

Inclino a cabeça e tento lê-la. Descobrir o porquê de tudo isso. Conhecer os seus segredos.

— Um segredo pelo o outro, Lisabeth. Conte-me o seu e lhe contarei o meu.

— E se eu lhe disser que a chave do segredo que você diz que tenho é justamente o seu? — ela diz firmemente.

Eu respondo:

— Então, direi que teremos segredos pelo resto das nossas vidas. Você disse que lealdade é algo que se dá sem esperar reciprocidade. Decepciona-me saber o quão hipócrita foram as suas palavras, Lisabeth.

Viro-me e saio de perto dela antes que eu acabe com essa porra de casamento. Tenho que colocar a família acima da minha própria liberdade. A felicidade do clã é a minha felicidade. O resto apenas tenho que digerir e tirar o melhor proveito.

Caminho para o carro e envio mensagem para Gabriel e Elemiah, dizendo para me encontrarem no The Triad assim que possível. Shaw me encontrou já chegando no carro, passo a ele minhas desconfianças e ordeno que ele siga Lilly discretamente, ninguém pode saber e reportará cada passo dela somente a mim. Ele assente e sai, ficando Karan como seu segundo em comando.

Seguimos para o clube e, como chego antes dos outros, sirvo-me de uma bebida e caminho pelo lugar ainda vazio. Está difícil até mesmo cogitar a ideia de que Lisabeth me trai. Não, nem sempre a traição envolve uma terceira pessoa. Às vezes, é somente o trapacear para levar vantagem, isso também é traição. Nenhuma hipótese está descartada até que tragam provas.

Questiono-me se ela nunca foi a pessoa que apresenta ser ou se a mulher se perdeu em algum momento em meio a esse mundo de poder, onde o cinismo é maquiagem e a falsidade é tão comum como os peitos de atrizes pornôs. Também há a possibilidade de ser seu ex-marido. Lilly dizia que queria distância, que não queria que nos envolvêssemos para não sujarmos as mãos com quem não vale a pena. Mas e se a verdade for outra? E se ela só o protegeu porque ainda o ama? E se a doce

Lisabeth viu o ouro brilhar quando veio para cá? Se isso for verdade, o tolo aqui abriu a arca do tesouro para o bandido.

— O que houve, Raze? – Gabriel pergunta, seguido de perto por El.

— A Lisabeth está me traindo – falo sem emoção. — Talvez ser traído pela esposa seja um carma que tenho que carregar.

— Como você soube? – Elemiah pergunta.

Dou de ombros.

— Desde aquele ataque de pânico, ela não foi mais a mesma, se fechou em seu mundinho. E, pouco antes de vir, nós conversamos, e ela me deu a certeza de que tem segredos.

— Todos temos segredos, Raziel... – Gabriel inicia seu sermão, mas o corto.

— Eu coloquei o mundo aos pés dela, Gabriel. Que diabos de segredo é esse que não pode compartilhar? O que no mundo faria uma mulher em sã consciência esconder algo dos Saints? Eu mesmo respondo, chefe – cuspo cada palavra com desgosto. — Traição.

Elemiah insiste em questionar:

— Ela não seria capaz de enganar a nós três. Ela é transparente demais, teríamos percebido algo.

Rio com amargura e jogo o copo na parede com toda a minha força.

— É a porra de um casamento de conveniência. Lilly não me ama e nem pretende. Fez todo aquele discurso de fidelidade, mas não passa de uma cadela traiçoeira.

— Vou dar algumas ordens para a equipe de averiguação. Em pouco tempo, saberemos se há algo de errado. Se ela o trai, nós saberemos e a pegaremos.

Elemiah se afasta e Gabe coloca uma mão em meu ombro.

— Se isso se confirmar, adiaremos seu casamento pelo tempo necessário.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não adiaremos nada! Vou casar com ela e fazer da sua vida um inferno. Uma morreu antes de eu ter o prazer de me vingar, a outra não terá tanta sorte. O acordo pré-nupcial é exatamente como o de Elemiah?

— Não. Você disse que não queria fazer a Lilly se sentir comprada, então redigi um mais ameno – Gabe fala. — E como ficará Haniel nisso?

— Haniel é intocável! Oficialmente, ele já é meu filho e assim o será para sempre. Quanto a mãe dele, amarre-a ao nosso compromisso, eliminando todas as brechas possíveis. Falei a ela que vocês a chamariam para assinar essa noite.

Sento-me em uma das poltronas e Gabriel vai até o bar se servir de algo. Fico enterrado em

meus pensamentos, tentando desvendar esse quebra-cabeça. Respiro fundo para controlar a raiva e tento controlar os pensamentos malignos que insistem em rodar em minha mente. Talvez eu seja uma daquelas pessoas que não nascem para serem felizes. Simplesmente existem para que os outros fodam com as suas vidas.

Elemiah se aproxima com uma cara nada boa.

— Há poucos minutos, Lilly fez uma retirada de vinte mil dólares. Você sabe de alguma coisa em que ela poderia usar esse dinheiro, Raze? Quem sabe pagar o vestido de noiva.

Minha respiração fica difícil e uma dor lancinante atravessa meu peito.

— Não é para o vestido, e não faço a menor ideia... – nesse exato momento, meu celular alerta para mensagens recebidas. Ao abrir, deparo-me com imagens de Lisabeth com... Levanto meu olhar para El e Gabe. — Quem é o ex-marido dela?

Eles se entreolham e de imediato sei a resposta. Elemiah tira o telefone da minha mão e xinga ao ver as fotos enviadas por Shaw. O aparelho troca de mãos enquanto eu ando de um lado para outro, desesperado. *Como, Dio Santo? Como pode acontecer isso comigo novamente?*

— Ela está entregando uma bolsa para o ex-marido dela – Gabriel confirma.

Então, Elemiah solta a bomba:

— O nome dele é Gianfranco Viardelli, conhecido como Franco ou Gianno, o ex-amante de Phoebe.

Como pode um raio cair duas vezes no mesmo lugar?



Assim que entro em casa, sou recebida pelas risadas de Hunny, Raffaele, Micah e Francesca. Meu peito ainda está apertado e minha cabeça parece que explodirá. Essas últimas horas vem sendo uma tortura para mim e não sei até onde posso ir. Sei que foi errado ceder à chantagem de Gianfranco, mas o que eu poderia fazer quando enviaram-me uma imagem de Hunny brincando no jardim? Eu me desesperei!

O pior de toda essa situação é saber que há traidores aqui dentro desse complexo, mas não saber exatamente quem. Tenho dormido à base de remédios desde o dia em que aquele monstro me cercou no salão. Suas palavras ficam rodando e rodando em minha cabeça, deixando-me com pavor do que poderá acontecer. Se eu não cedesse, Franco pegaria meu filho. Se Raziell descobrir, estarei morta. Mas não terei dúvidas de que ele cuidará do meu bebê. Por isso, cedi a Franco.

Encontrar-me sozinha com ele não foi fácil. Seu contato disse-me que eu deveria entregar a bolsa em frente a uma cafeteria no centro da cidade. E como se Deus tivesse se compadecido do meu desespero, Raziell apareceu com aquele bendito cartão com todo o dinheiro que eu precisava. Eu não tive dúvidas de que caminho tomar, se eu me for, Haniel ainda terá um pai que o ama. Conheço Raziell, ele jamais deixaria meu filho de lado, pois ele prometeu e suas promessas são cumpridas.

Sinto-me suja e indigna de pisar nessa casa, não mereço nada do que essas pessoas me deram. Meu coração dói com a ideia de perder o homem que amo, pois ele não perdoará a minha escolha e encarará como uma traição. E não deixa de ser. Voltei para o complexo motivada a descobrir o contato de Franco, assim eu poderia entregá-lo e contar a todos o que se passa. Deus me ajude, pois estou apostando todas as minhas fichas nisso. Mas se algo sair errado, pegarei meu filho e fugirei.

Sento para conversar com as minhas amigas e, logo em seguida, os homens chegam. Ao ver Raziell, meu coração bate aceleradamente, eu o amo tanto que chega a doer. Mas entre o bem-estar do meu filho e o meu amor, ainda fico com o meu filho. Desvio o olhar e concentro-me na conversa.

— Boa noite, senhoras e... Francesca — El fala fazendo uma careta. — Há algo comestível na cozinha? Estou faminto.

Faço o papel da boa anfitriã.

— Há sim, Elemiah. Chesca, poderia fazer o favor de acompanhá-lo? – peço, já sabendo que poderei desencadear a próxima guerra.

— Eu até poderia, mas não estou muito convencida de que deveria – Francesca responde com o mesmo desgosto que ele.

— Vamos terminar o trabalho e depois estaremos livres para comer – Gabriel fala secamente. — Lilly, pode nos acompanhar até o escritório?

— Claro! Posso apenas dar instruções na cozinha para servirem o jantar após a reunião? – pergunto com um sorriso, tentando mascarar o meu medo.

— Fique à vontade, a casa é sua! – Gabe fala já indo em direção ao escritório.

Vou à cozinha e oriento as meninas para servirem o jantar assim que sairmos do escritório. Vou em direção ao ambiente em que me esperam. Eu sei que falarão sobre o acordo pré-nupcial e, sinceramente, pouco me importo com isso. O que está me matando é a culpa por esconder a situação de Raziel e a dor de saber que um dia ele me odiará ou até mesmo me matará. Mas foi a escolha que eu fiz, agora é levantar a cabeça e seguir em frente.

Ao chegar em frente à porta, respiro fundo e entro. Eles se calam no momento em que olham para mim e dou um passo para trás por defesa. Seus olhares são letais! Elemiah aponta a cadeira para mim e Raze continua em silêncio, apenas olhando pela janela. Acredito que ele esteja assim por causa da nossa conversa mais cedo. Ele não sabe o quanto lamento por tudo isso.

— O advogado chegará a qualquer momento para auxiliá-la na assinatura do acordo. Enquanto isso, vou lhe adiantando as condições – Gabriel fala enquanto estende alguns papéis para mim. — Como esposa de Raziel, você adquire o direito de herança, sendo assim, temos que fazer com que ambas as partes não sejam lesadas de alguma forma. Você terá direito...

Levanto a mão o interrompendo.

— Raziel já me deixou ciente de tudo isso mais cedo, Gabriel. Mas eu não quero nada de propriedades e nem mesada alguma, muito menos bônus por filhos – encaro-o. — Eu não sou uma vaca parideira de bezerros premiados e não quero ser tratada como tal. Seu primo entregou a mim o cartão vinculado a uma conta com um montante suficiente para mim. Não preciso de mais. O que me importa são os cuidados de Haniel. Ele não é um Saints e não tem herança alguma, disso eu sei. Só quero que garantam uma vida modesta, em que ele possa estudar e ter uma carreira profissional.

Elemiah se aproxima.

— Lilly, Raze só quer garantir que você tenha meios para viver bem se...

Rio sem emoção.

— Sobrevivi anos sem nada, senhor Elemiah. Não acredito que começarei a precisar de mais agora – minha atenção vai para Raziel, que, somente agora, se importou em entrar na conversa. — Só quero que você garanta o futuro do meu filho. Se não o quiserem por perto, só o

enviem para longe, só deem a ele algo para que possa sobreviver e construir o seu caminho.

Há algo diferente nos olhos de Raze, algo que eu não consigo identificar. Ainda assim, tomo ciência de que as minhas palavras foram gravadas por ele quando o mesmo assente. Nesse momento, o advogado entra e Gabriel repassa tudo o que falei. Eles insistem que eu assine aquele que já está pronto, mas eu bato o pé dizendo que não. O advogado explica que, dessa forma, não poderemos assinar antes do casamento, pois o documento deve ser refeito.

— Na verdade, não, doutor – falo enquanto rasgo as páginas que listam meus “benefícios”.
— Pronto, agora é só grampear e assinar.

Gabriel respira fundo, provavelmente para não atirar em mim, e explica sobre os meus deveres como a senhora Raziel Saints. Detalha cada ponto de indiscrição, adultério, exposição desnecessária de problemas internos e etc.

— Resumindo: se eu for louca o suficiente para trair meu marido, vocês me processarão, tirarão tudo, até o meu rim saudável e, depois, me matarão. Entendido!

Alcanço a caneta e assino na linha marcada.

— Tem ideia do que acabou de assinar, Lisabeth? – o advogado pergunta.

Encaro Raziel e respondo:

— Sim, senhor. Acabei de entregar o meu destino nas mãos dele.

Gabriel e Elemiah trocam olhares estranhos, mas estou de saco cheio de tudo isso. Além de suja, agora sinto-me uma prostituta comprada e marcada como propriedade dos Saints. Se era isso que Raziel queria com esse casamento de conveniência, então conseguiu seu prêmio.

Pergunto se estou dispensada, e eles assentem, então saio em direção à cozinha para mandar servirem o jantar. Estou no piloto automático, tudo se desenrola ao meu redor sem a minha atenção. Minha cabeça está naquele encontro com Franco para entregar aquele maldito dinheiro. Foi algo muito rápido, mas a cena continua a me atormentar. Será que o Gianfranco sempre foi assim? Como nunca percebi? Ele ignora a existência de Hunny, ignora o risco de morte que Haniel e eu corremos com os seus caprichos para ter dinheiro.

Sinto-me cada vez mais sozinha. Olho para Chesca, que conversa e ri com Micaylah, elas realmente se gostaram à primeira vista. Não é justo envolver a minha amiga nessa sujeira, ela pode ter o apoio de Micah quando tudo desmoronar. Raziel, que até poucos minutos atrás não falava nada, resolveu fazer o papel do bom anfitrião, e eu fiquei ainda mais encantada com o seu sorriso.

Nossos olhares voltam a se encontrar e o desejo que vi passar pelos seus olhos fez minha carne tremer em antecipação. Imagens dele nu surgem em minha cabeça, fazendo minha calcinha molhar. Corpo esculpido pelos deuses e uma tatuagem de cruz para confirmar que é um presente dos céus. Seus olhos não são mornos, neles você não verá medo ou indecisão. Não! Neles você tem noção de homem que há por trás. Com ele, as coisas são quentes ou geladas, nada de meio termo, e eu fui queimada da melhor maneira possível.

Assim que todos se despedem, vou à cozinha agradecer as mulheres por terem ficado até mais tarde e lhes avisar que há um carro esperando-as. Por algum motivo, os chefes Saints não gostam de ter empregados dormindo no complexo. Micah disse que é para baixar os riscos de um ataque. Ouço o som de música vindo do escritório de Raziel e, em um impulso, caminho para dentro de seu covil.

As luzes estavam apagadas, mas o ambiente era iluminado pela luz da noite que entrava pela grande janela. Raziel estava de pé, reluzindo perigo e sedução enquanto contemplava a parte lateral do jardim. Reconheci a obra musical de imediato, é *Lacrimosa* de Mozart. Um réquiem triste, lamentoso, mas muito intenso.

— Algum problema, Raziel?

Ele não se dá ao trabalho de virar.

— Eu não. E você, Lisabeth, tem alguma coisa que queira dividir?

— N-não. Está tarde, vamos deitar? – o convito.

Raziel coloca o copo sobre a mesa e caminha até a porta, fechando-a em seguida. Nesse instante, a música muda para um som melancólico que ecoa pelo lugar e faz um calafrio de temor percorrer meu corpo. Raze coloca-se atrás de mim e fala em meu ouvido:

— Essa é uma peça de Richard Wagner que conta a história de Tristão e Isolda. Você conhece esse romance trágico, Lisabeth?

— S-sim. Tristão foi designado por seu tio para trazer a princesa Isolda para casar-se com ele, o-o rei. Durante a viagem de volta, os dois bebem uma poção de amor mágica acidentalmente e apaixonam-se perdidamente. Mas eles não puderam ficar juntos, Isolda teve que se casar com o rei Marcos e manteve Tristão como seu a-amante...

Raziel assopra a minha nuca, fazendo-me estremecer. Continuo:

— Tristão foi expulso do reino e se casou com outra Isolda, a das Mãos Brancas, mesmo ainda amando sua primeira Isolda. Em meio a suas desventuras, Tristão é f-ferido por uma lança e manda que busquem a sua amada Isolda para curá-lo de suas feridas. Mas a Isolda das Mãos Brancas e-engana-o, dizendo que a outra não viria. E-le morre e, quando sua amada chega e o vê morto, morre também, mas de tristeza – minhas últimas palavras foram meros sussurros.

Raziel fala em meu outro ouvido, assustando-me:

— Pode perceber as nuances dessa história de terror, Lisabeth?

Com o coração acelerado, respondo, tentando controlar essa mistura de sensações.

— História de amor. Tristão amou, e ambas as mulheres o amaram.

Ele abre a minha camisa com um puxão, fazendo todos os botões voarem. Baixa as taças do meu sutiã e acaricia meus seios.

— Tsc tsc tsc. Nada disso, querida. Tristão amou uma mulher que preferiu casar com o mais

poderoso – Raziel fica de frente para mim e toma um mamilo meu em sua boca, sugando forte. Em seguida, continua. — Depois, a cadela o subjugou e o envergou, até que o imbecil foi expulso de sua própria casa. Ele tentou seguir a sua vida, mas seu tio era rancoroso e, por causa dessa amada, aferiu a morte a um de seu próprio sangue.

Sua boca suga o outro mamilo e minhas pernas fraquejam. O que esse homem está fazendo comigo?

— Tristão casou-se com outra Isolda que, para se vingar, o traiu. Não vê? Ambas as mulheres o traem de alguma forma – enquanto ele fala, suas hábeis mãos abrem minha calça, a retirando juntamente com a calcinha.

— O-o que você quer dizer com isso? – já não faço ideia do que estou falando.

— Quero dizer que o preço da traição é a morte ou o remorso.

Sua língua nervosa brinca em minha entrada enquanto ele me segura pelos quadris. Então, nesse momento, a minha ficha cai: ele sabe! Quando esse pensamento floresce em mim, ele suga o meu clitóris quase me fazendo cair.

— Aaahhh... Raze! P-por favor... – tento me desvencilhar de seu ataque, mas minhas tentativas são vãs.

Raziel penetra-me com dois dedos e suga-me ao mesmo tempo.

— Qual das duas Isoldas você é, Lisabeth?

Mesmo estando atordoada, eu sei que ele está jogando comigo.

— Ne-nenhuma. Sou apenas Lilly.

Ele levanta e leva-me até a sua mesa, coloca-me deitada sobre ela e senta em sua cadeira. Então, abre as minhas pernas, deixando-me exposta para os seus caprichos. Raziel beija a parte interna das minhas coxas e questiona-me.

— Quais são os seus segredos, doce Lilly? – seus dedos percorrem minha entrada. — O que você anda escondendo de mim, Lilly *doll*?

— Não é j-justo jogar comigo nesse momento – reclamo.

— A única que está jogando aqui é você, *princesa* – ele abre os lábios inchados e úmidos com excitação, acaricia meu nervo sensível exposto, fazendo-me ofegar. — Tão responsiva.

Ele penetra-me com sua língua endurecida, e eu grito, arqueando as minhas costas. Puxo seus curtos cabelos, que escapam quando tento forçar seu rosto em mim.

— Raziel! Aahhh... Eu vou morrer... – quando estou prestes a gozar, o homem simplesmente para. Já é a segunda vez que ele interrompe a minha libertação. — RAZIEL! – Grito e choramingo ao mesmo tempo, completamente perdida em sensações.

Ele se levanta e acaricia o meu corpo, despertando cada ponto erógeno que eu nem sabia que existia. Raze belisca os meus mamilos, deixando-os ainda mais doloridos.

— Você é absurdamente linda, Lisabeth. Pena que não seja perfeita como imaginei.

Ele sabe!

Tento levantar-me, mas sua mão me força a ficar parada, ele desliza seus grandes dedos para dentro de mim novamente e masturba-me até levar-me à beira do orgasmo novamente e para. Frustrada e trêmula, choro pelo prazer negado a mim. Aquela dor que só o desejo provoca desperta todos os meus sentimentos encarcerados.

Assisto o Deus da beleza à minha frente se despir, e seu pau se projetar em toda sua opulência. Ele é magnífico! A beleza de Raziel vem pela promessa de perigo em seus olhos, da elegância de um macho alfa que sabe o poder que exerce. Nada nesse homem demonstra fraqueza e o seu silêncio não é consentimento, é o modo com que faz sua opinião conhecida.

Ele se masturba sem tirar seus olhos de mim. Eu encharco de desejo e dá-me água na boca pensar em experimentá-lo. Não sou ousada, mas perto desse homem sou tudo o que ele quer que eu seja. Fico de quatro sobre a mesa e abaixo-me para acariciar sua ereção com a língua. Um gemido rouco escapa dele e isso motiva-me a chupá-lo.

— Isso, querida. Faça com sua boca aquilo que quer que eu faça em sua doce boceta – sinto seus músculos retesarem, mas suas emoções continuam contidas. Quero deixá-lo tão descontrolado quanto fez comigo.

Retiro-o da minha boca e passo a língua pelos meus lábios. Fazendo um número de sedução, desço da mesa e coloco-me em frente a ele de joelhos. Seguro seu pau e o masturbo, encarando-o acima de mim. Acaricio suas bolas com a língua, chupando-as. Levo um dedo logo atrás de seus testículos e alcanço aquela partezinha que enlouquece qualquer um. Então, tenho sua primeira reação, ele sibila entre os dentes. Tomo-o dele até onde posso, e o meu reflexo de engasgo o faz gemer.

Sua mão vai ao meu cabelo, estimulando-me a continuar meu trabalho. Eu o sugo, acaricio e passo minha língua no buraco da sua glândula.

— Ow, inferno, mulher! Toma mais de mim, Lisabeth – levo-o fundo e trabalho com as minhas mãos nele. — Lilly... oh, *inferni!*... *prendere più di me*... Oh, sim. Isso...

Raziel se retira da minha boca e ajuda-me a levantar.

— Vamos para a cama, querida.

Ele joga sua camisa para mim e vamos para o seu quarto. O pensamento de que Raziel sabe o que eu fiz sem contar a ele está me matando. Eu não acredito que ele deixaria passar assim se soubesse. Apesar de Raziel ser fechado, posso lê-lo. Ele está desconfiado de algo, talvez cogite traição por viver nesse mundo perigoso, com pessoas que podem apunhalar pelas costas.

Assim que entramos no quarto, ele fecha a porta e pressiona-me contra ela. Sua boca

percorrendo o meu pescoço faz com que eu esqueça de tudo. Seu pau esfregando a minha boceta, deixa-me enlouquecida a cada movimento. Raziel vira-me de frente para a porta e me pressiona novamente, falando em meu ouvido:

— Você é minha, Lisabeth. A cerimônia, daqui a dois dias, é só formalidade para um fato que já é concreto. Você. É. Minha! – há uma crueza em seu tom de voz que mexe ainda mais comigo.

— Deus! Sim! Sim! Sou sua... Só sua, *mio príncipe*!

Ele joga-me na cama e vem sobre mim, cobrindo o meu corpo. Raziel entra em mim sem delicadeza alguma. Sua boca encontra a minha e exige tudo de mim. Suas mãos me seguram com força, mostrando quem é que manda aqui. Eu apenas estou entregue, pois o homem que amo está me punindo. Raziel não está fazendo amor, está me fodendo.

Com a sua boca, ele percorre o meu corpo, dando uma atenção dolorosa aos meus seios, levando-me cada vez mais perto do penhasco do orgasmo. Raziel senta, puxa-me para o seu colo e deslizo pelo seu pau, abraçando-o com o meu centro de prazer. Enquanto o cavalgo, ele segura os meus seios juntos, chupando um e outro, levando ambos ao frenesi. Aumento o meu ritmo e ele, o seu aperto sobre mim. Puxa meus cabelos, inclinando minha cabeça e dando livre acesso à curva onde o meu pescoço encontra o ombro, mordendo-me. Grito pelo doloroso prazer, e ele geme de tesão.

Nessa disputa sensual, cada um usa a arma que tem. Mordo o seu ombro com raiva, até que sinto seu sangue em minha boca. Agora, ele grita pelo doloroso prazer, e eu gemo de tesão. Lambo a ferida que fiz e mostro a ele a raiva que sinto por receber a sua punição. E com raiva de mim também por amá-lo tanto e pela vida não ser como eu gostaria que fosse. Arqueio minhas costas, oferecendo os meus seios, e ele estoca mais fundo, oferecendo o que tem de mais gostoso.

Dor e luxúria. Culpa e lástima. Ódio e amor. Tudo misturado ao nosso desejo e aos nossos gritos quando alcançamos a libertação. Simplesmente me deixo cair em seus braços e derivo no universo das mulheres bem comidas.



Caminho em direção ao altar onde Raziel espera-me com um largo sorriso e com Haniel ao seu lado. Olho ao redor e me alegro ao ver as pessoas que importam para mim, Micah, Francesca, a senhora Alessia... todos tão felizes quanto eu nesse dia tão especial. O dia em que me tornarei a senhora Raziel Saints.

Quando chego perante o sacerdote, percebo que algo está errado. Raziel não me acompanha, continua parado, segurando a mão do meu filho que agora chora. Viro-me para questionar o padre que não tem o rosto do padre Ângelo, e sim o de Gabriel. Já não era o meu vestido de noiva, era apenas o meu vestidinho velho. Ao meu lado, Elemiah segura uma arma em minha direção.

— Mate a traidora – ouço Raziel dizer e entro em desespero.

Abro a boca para responder, mas nada sai. Todos olham para mim com nojo e meu filho chora sem parar. Me ajude, Deus! Tento alcançar Haniel, mas Raze o tira de perto de mim.

— Anjos não devem ficar com traidores – ele fala.

— E-eu não o traí, só dei o dinheiro a ele por causa de Hunny. Acredite em mim, por favor – clamo.

Alguém vira-me com força e fico de frente para Gianfranco que beija-me à força.

— Ela ainda me ama.

— Não! Não! – grito a todos e desvencilho-me daquelas pessoas que não entendem nada. Eu preciso sair daqui antes que ati...

O estampido. A dor. O sangue... eu caio, assistindo o homem que amo dizendo ao meu filho que a traidora não existe mais. Ninguém mais fará mal a ele. Mas eu amo Hunny! Ele é o meu bebê! Haniel é a minha vida e foi por ele que fiz o que fiz. E faria novamente se não tivesse outro caminho. Perdoe-me por ser fraca, meu amor...

Acordo sobressaltada e vejo Raziel deitado ao meu lado em um sono profundo. Foi somente

um pesadelo, Lilly. Respiro fundo, aliviada. Mas o medo está bem vivo em mim, Raziel sabe que escondo algo e talvez saiba que há um homem envolvido. Os outros também devem saber, isso explicaria o modo com que me olhavam durante a assinatura do acordo. Um calafrio de terror gela minhas veias quando as cenas do meu sonho voltam. Eles são os Saints, para defender esse clã, eles farão qualquer coisa. Gabriel e Elemiah nunca me deixarão sair viva se acharem que engano o seu primo.

Se eu contar, a sombra de Franco que vive nesse complexo entregará a minha cabeça, e como ficará o meu filho? Não, não posso deixar que nada aconteça a ele. Tenho que fugir, tirar Hunny daqui. Levanto com cautela para não despertar Raziel. Visto-me e alcanço minha bolsa grande com os meus documentos, algumas mudas de roupas e, antes de sair, encaro o homem espetacular deitado. Eu te amo, Raziel Saints. Desculpe não ser a pessoa que você esperava. Desculpe-me por ser fraca.

Vou até o quarto em que Francesca está, a acordo e peço que se vista rápido.

— O que está acontecendo, Lilly?

— Eu não posso contar tudo, mas eu preciso fugir daqui antes que os Saints me matem e Franco tire Hunny de mim – explico.

— Por que diabos eles fariam... – ela arregala os olhos. — Não me diga que você voltou para aquele maldito?

— Não! – levo a mão à boca. Olho para a porta esperando que alguém entre, mas nada acontece. — Eu jamais voltaria para aquele homem, mas ele é o motivo de eu estar fugindo com Hunny – seguro a mão da minha amiga. — Eu preciso salvar Hunny, Chesca. E se essa merda não der certo, prometa que cuidará do meu bebê.

— Isso até me ofende, mulher – ela me aperta em um abraço forte. — Não acontecerá nada, amiga. Só me conte o necessário para responder a eles quando vierem atrás de mim.

— Franco tem alguém aqui no complexo, ele sabe de tudo o que acontece aqui. Disse que, se eu contar a alguém, ele tirará Haniel de mim.

— E como pretende sair daqui? – controlo o riso quando vejo Francesca lutar contra os botões da camisa, desistindo em seguida. Ela olha-me: — É bom que o plano de fuga tenha algo de sedução, porque essa camisa vai aberta nos peitos.

— Eu não sei como sair daqui, esse lugar é uma fortaleza! – falo desesperada. Então, vem uma ideia. — Toda troca de turno na madrugada, Gregory faz questão de reunir todos os chefes para ter algumas atualizações. Apenas com os soldados é mais fácil. Sairei com o carro e o abandonarei... Não dará certo. Acho que Raziel já alertou a todos para a minha saída.

— Mas a mim, não! Você e Hunny deitam no banco de trás, e eu digo que estou indo naquela cafeteria buscar os bolinhos para comer...

— A essa hora? Não acreditarão – falo resignada.

Francesca coloca as mãos na cintura.

— Querida, olhe para mim. Acha que é fácil me manter gostosa assim? Se eu falar que estou indo a uma academia, aí, sim, vão desconfiar. Se eu disser que estou indo comer, vão achar normal.

— Você é doida! – falo.

Vou até o quartinho de Hunny e o pego sem despertar sua babá. Descemos a escada e vamos em direção à cozinha para sair pela garagem. Escolho o carro que Raziell atribuiu a mim, pois uma das portas não é capturada pelas câmeras. Entro no banco de trás, e Francesca ajuda-me a cobrir-nos. Haniel se mantém dormindo e eu quase tendo um ataque cardíaco. Deus me ajude se tudo der errado. Os Saints não me deixarão impune.

— Vamos lá, amiga. Estou me aproximando do portão secundário – Chesca narra. O carro para e ouço ela falar com alguém. — Você já comeu em casa de rico, querido? Como você acha que eles mantêm aqueles corpos lindos? Com tudo light. Odeio coisas lights, diets. Eu preciso de comida de verdade, que não tenha só gosto de papel – o guarda fala alguma coisa e o tom de voz de Francesca muda. — Quer que eu acorde o Raze e diga que sua hóspede teve uma crise hipoglicêmica porque os soldadinhos não a deixaram ir até a cafeteria comprar bolinhos coloridos.

Logo sinto o carro se mover novamente.

— Se mantenha abaixada porque estamos sendo seguidas. Vou parar em frente à cafeteria, comprar cafés e bolos. Então vou até o carro dos fantasmas distrai-los. Assim que eu estiver rindo com os homens, você entra no local e me envia uma mensagem de “ok”. Depois voltarei para o complexo.

— Chesca, os Saints irão para cima de você. E-eles podem matá-la – meus olhos ardem pelas lágrimas não caídas. — Desculpe por envolvê-la nisso. Eu te amo, Chesca. Amo muito.

Ouço ela fungar:

— Você está me dando a maior aventura da minha vida, não estrague com sentimentalismo, ok? Cuide do nosso pequeno e me dê notícias. Vou adorar enfrentar aquele misógino gostoso do Elemiah – ela funga novamente. — Eu também amo muito vocês, minha irmã. Se cuida, Lilly. Por favor.

Após alguns minutos, ela para o carro e coloca a sua mão para trás.

— Será que todo esse perigo é necessário? Tenho certeza de que Raziell não a deixaria na mão. Ele ama Hunny e é completamente apaixonado por você.

— Eu seria a mulher mais feliz do mundo se aquele homem me amasse. Mas, mesmo que me amasse, não me perdoaria – a minha realidade é triste. Constató.

— Vamos lá. Estou saindo.

Francesca sai do carro e me mantenho imóvel. Faço uma rápida procura e compro passagem de ônibus para o mais longe que eu conseguir. Ele sai aqui de perto, a apenas três quarteirões daqui. Depois de enviar mensagem a Francesca, tenho que jogar esse telefone no lixo.

Com cuidado, ergo a cabeça e vejo Chesca se aproximando do carro preto. Fico observando a interação até que ela ri alto, muito alto. Elemiah e Francesca são mais parecidos do que imaginam. Os dois são teatrais e dramáticos, excessivamente. Hunny acorda, e eu converso com ele, explicando a uma criança de quase três anos que estamos indo embora. Mas a única palavra que ele entende, de tudo o que falo, é papai, então repete isso sem parar.

Saio do carro abaixada e rapidamente entro na cafeteria, indo direto ao banheiro. Envio uma mensagem a Chesca dizendo que já estou no banheiro. Sento em uma das mesas e dou algo para Hunny comer, enquanto isso, compro algumas guloseimas para entreter meu filho no ônibus. Olho para o relógio e percebo que já estou me atrasando para embarcar. Rapidamente, ajeito as coisas e pego Haniel no colo para sair pela porta dos fundos. Assim que saio, jogo o celular na lixeira, deixando para trás o localizador que os Saints poderiam utilizar para me encontrar.

Nos primeiros raios do sol, já estava dentro do ônibus, ansiosa. Espero que Francesca esteja bem e que, um dia, Raziel me perdoe. O veículo entra em movimento, deixando a cidade e lágrimas correm do meu rosto ao dar adeus à família que já considerava minha. Sempre os guardarei em minha memória e direi a Hunny que, em algum lugar, pessoas o amam mesmo não tendo laço nenhum.

Distraio-me com Haniel e não dou conta de quanto tempo rodamos, não foi muito. Então, ouço sirenes e o ônibus para no acostamento. Meu coração dispara, pois já sei o que acontece. Eles me encontraram. Os Saints vieram me buscar. Como se fosse o roteiro de um filme, a porta abre e Gabriel Saints encabeça o grupo de policiais.

— Ainda bem que a alcançamos, Lisabeth – Gabriel diz secamente.

— Tigobe... eeee – Haniel começa a rir e bater palmas ao ver o homem que ele reconhece como o seu tio. O menino levanta os bracinhos, e Gabriel o pega com carinho. Eles amam o meu filho. — Tigobe...

O chefe dos Saints volta-se para mim:

— Vamos, Lisabeth. O ônibus não pode ficar parado por muito tempo.

Assinto e levanto-me para sair do veículo. Já fora, o mesmo segue viagem e a comitiva que escolta Gabriel Saints também se coloca em movimento. Ele abre a porta do carro para que eu entre e senta-se ao meu lado. Elemiah também está no interior do automóvel, juntamente com Shaw e Gregory.

— Onde está Raziel, Lisabeth? – Gabriel pergunta.

— Eu não sei. Quando saí, ele estava dormindo em sua cama – respondo. Todos os alarmes soam em minha cabeça. — Onde está Raziel?

— Acabou o show, Lilly. Nós sabemos de tudo. Agora nos diga: para onde o seu marido levou Raziel? – Elemiah fala.

Lágrimas voltam a cair, eu não consigo controlar essas benditas.

— Se sabem de tudo, sabem que há um infiltrado na guarda de vocês. Se sabem de tudo, sabem que Haniel estava correndo perigo – meu tom de voz se eleva cada vez mais. — Aquele monstro não é meu marido! Eu o odeio!

— Abra a boca e conte tudo. Quem sabe teremos piedade de você – Gabriel ameaça-me. Olho para a Hunny, temendo pela nossa vida. — Haniel já é um Saints, a ele não acontecerá nada. Ele é família. Mas você não, e isso me dá o direito de fazer o que bem entendo. Então, diga-me de uma vez, onde ele está?

— EU NÃO SEI! – grito desesperada. Eles esperam enquanto eu me acalmo. — Se os seus seguranças saírem do carro, eu conto tudo – eles se entreolham e Elemiah assente. Os homens saem e a dupla continua a olhar para mim. — O dia em que eu surtei, Franco me cercou no salão em que eu estava me arrumando. Ele me disse que há gente dele naquele complexo e que, se eu não desse a ele vinte mil dólares, ele levaria Hunny – respiro na tentativa de controlar as lágrimas. — Se eu contasse a Raziell o que faria, ele enviaria uma foto comprometedor e Raze me mataria, como fez com a sua falecida esposa.

— Por que acreditaríamos em você? – Gabriel pergunta.

Rio com amargura.

— Eu não espero que acreditem em mim. Eu já sabia que não acreditariam, por isso fugi – encaro-o. — Eu tinha duas opções, Gabriel. Não dar o dinheiro e contar ao meu noivo, correndo o risco de Haniel ser levado de mim. Franco nunca o reconheceu como filho e o chama por bastardinho. Ou eu dava o dinheiro e suportava a punição dos Saints...

— Você preferiu a punição dos Saints – Elemiah completa.

— Se vocês me matarem, eu tenho certeza de que Hunny será bem cuidado – olho para Elemiah. — Será amado. Se eu tivesse o celular, poderia mostrar a imagem que me enviaram ontem pela manhã.

Elemiah abre o vidro do carro e estende a mão para fora. Ele fecha o vidro novamente e entrega-o para mim.

— Mostre-nos.

Procuro a mensagem de ameaça e entrego a ele. Ambos olham e vasculham o meu telefone. Não me importo. Alcanço Haniel, trago para o meu colo e o abraço. Volto-me para a janela, para que eles não vejam minhas lágrimas.

— Eu amo o seu primo, sou completamente apaixonada por ele. Mas o meu filho vem em primeiro lugar.

— Elemiah, analise esse telefone que enviou a mensagem e descubra quem é o infeliz. Temos que correr contra o tempo. Não temos notícias de Raziell e seu chip foi retirado, assim como o relógio – Gabriel ordena. — Chame os homens e vamos voltar para a casa antes que Francesca e Micaylah derrubem aquele complexo.

— Francesca não tem culpa de nada – falo. — Ela apenas me ajudou a sair.

— Nós sabemos – Gabriel responde. — Você sabia que seu ex-marido e Raziél já se conheciam?

Encaro-o visivelmente surpresa.

— N-não. Mas como?

— Gianfranco era amante de Phoebe, ex-mulher de Raziél – Jesus Cristo! — O casal de amantes tramou um sequestro para encobrir a morte de Raziél, mas os descobrimos antes, e Phoebe se colocou na linha de tiro para proteger o amante. Raziél não quis que a verdade virasse notícia, não queria que os Saints se tornassem chacota e abafamos da melhor maneira possível.

— FILHO DA PUTA! – Elemiah exclama do banco da frente.

Fecho os ouvidos de Hunny e o repreendo.

— Olhe a boca, Elemiah!

Ele passa seu tablet para Shaw, que também amaldiçoa.

— O chefe dispensou Karan por dois dias para poder participar das festividades de casamento de sua sobrinha. E, pela hierarquia, Beppe assume seu lugar – Shaw explica.

— E? – Gabriel insiste.

Shaw fala seriamente.

— Um dos nossos homens foi morto no vestiário, Gregory pediu que eu fosse olhar. Logo o chefe pediu que eu o acompanhasse na busca pela senhorita Lilly. Mas achei mais importante descobrir o assassino, afinal, tínhamos um em nosso meio. Beppe disse que acompanharia o chefe – Shaw termina.

Curiosa, pergunto:

— Beppe está nesse complexo desde a primeira esposa?

Nesse momento, todos amaldiçoam e Hunny repete:

— Tutana eeeeeee.

— Parabéns! Vocês são ótimos com crianças – reclamo.

Assim que o carro estaciona em frente à mansão, Gabriel e Elemiah me cercam.

— O fato de tê-la ouvido não quer dizer que acreditamos – Gabriel fala.

— Nós estamos de olho em você. E reze para termos certeza de que você não tem nenhum envolvimento com esse cara.

Assinto e caminho em direção à casa quando ouço alguém falar no rádio. Paro para ouvir:

— Encontramos o carro abandonado em um terreno baldio nos arredores do Queens, mas nada de pistas. O homem simplesmente desapareceu.

Por que essa informação chama a minha atenção? Queens... Queens... Queens... O que... Sim! O apartamento que era da amante de Gianfranco. Abro a boca para falar, mas eles não me dariam crédito. Tenho que ir sozinha. Tenho que salvar Raziél.



Abro os olhos e a primeira coisa que sinto é a dor em meu pulso. Tento mover os braços, mas estou amarrado na cadeira. Por que estou amarrado? Lilly e eu não usamos corda... As lembranças da noite passada e os eventos dessa madrugada voltam com força total. Lilly e eu trepando como dois animais. Acordando e não encontrando ela e Haniel. Francesca voltando sozinha. O assassinato de um de nossos homens dentro do complexo. A corrida em busca ao meu filho... Beppe, o meu segurança. A pancada na cabeça. Por quanto tempo fiquei desacordado?

O lugar em que estou não é estranho... Eu já estive aqui antes. Ah, sim. O antigo apartamento de Phoebe. Foi daqui que tirei aquela cadela traidora. Um pardieiro pobre e minúsculo, digno de gente da sua laia. *Caspita!* Estou com dificuldade para digerir que, assim como Phoebe, Lisabeth também está tirando dinheiro de mim para dar àquele filho da puta. Mas o que me enoja é o fato dela esquecer que, durante um bom tempo, foi o saco de pancadas dele.

Estar dentro dela foi como alcançar o paraíso, tão apertada, deliciosa e receptiva. Seus gemidos, suas carícias e sua entrega foram verdadeiras, não tenho dúvidas disso. A única coisa que quero saber é quando se entregou a mim, fez porque desejava ou para o propósito da traição. O meu peito dói como se estivesse sendo aberto com uma faca e sem anestesia. O amor é um dos sentimentos mais vis que Deus inventou. Quando amamos, damos de bom grado nosso coração para ser esfaqueado.

Eu me comovi quando a ouvi dizer que se colocava na linha de tiro para o imbecil não bater em Haniel. E que Deus me perdoasse se ele tivesse encostado um dedo no meu filho. Eu o mataria com as minhas próprias mãos, arrancando membro por membro. O meu erro foi tê-lo deixado vivo quando Phoebe foi morta. Agora, o fantasma voltou para chutar a minha bunda.

— Nossa Bela Adormecida acordou. Achei que tínhamos o matado, senhor Saints — essa voz traz lembranças horríveis e um ódio adormecido. — Quem diria que estaríamos frente a frente novamente. E por causa de uma outra mulher.

— Só que dessa vez é a sua — falo.

Ele pega uma cadeira e senta-se de frente para mim.

— Não. Lilly não é minha mulher, mas é sua. O anel que ela tem em seu dedo é seu, e não meu.

Faço um som de nojo.

— Você não é homem para dar um anel e ser pai. Você é um rato que fica escondido nos esgotos – ele soca o meu estômago. — Tentando me amedrontar? Não tenho medo de ratos.

Dessa vez, ele soca a minha boca, fazendo-me cuspir sangue.

— Se eu fosse você, não confiaria tanto assim na sorte. Não há como os maricas de seus homens o encontrarem, já que removemos seus localizadores.

— Acha que me importo? Vá em frente, imbecil – falo.

Beppe, o meu segurança, entra no apartamento nervoso. Assim que me vê acordado, fica ainda mais inquieto. Então, esse é o nosso traidor. Mas o que levaria Beppe a nos trair e me sequestrar? Todos eles gostam de trabalhar conosco e, depois que Phoebe morreu, permiti que o meu segurança pessoal continuasse conosco. Oh, sim. Como eu não tinha me dado conta ainda? Curioso com a questão, pergunto:

— Você já contou ao seu parceiro que fodia com a Phoebe também? – sorrio. — Já sei. Estamos fazendo uma daquelas reuniões de colegas antigos, mas, nesse caso, seria de amantes. Gostei.

Gianno, ou Franco, ou qualquer merda dessa se levanta sem desviar o olhar de seu comparsa, com ódio.

— Você tinha algo com Phoebe?

Bufo.

— Faça-me o favor. De nós três, foi o que mais comeu ela. Chegou primeiro, mas não foi o último. Deixa eu relembrar... ah, sim. O último foi Gianfranco, na minha frente, um pouco antes dele matá-la.

Os homens encaram-se com ódio e apontam suas armas entre eles.

— Você a matou e me fez acreditar que foi esse filho da puta! – Beppe o acusa.

— Vá se foder! – Franco atira no outro. — Vá para o inferno.

— Você não é um bom amigo, cara – falo e ele desfere outro soco. — Acabe logo com isso, idiota. Mate-me de uma vez.

Ele aponta a arma para a minha cabeça, e eu fecho os olhos em oração. Imagens de Hunny e sua mãe rindo aparecem, como se fosse em um filme antigo. Lilly encantando a todos nos eventos com aquele sorriso doce. Haniel me chamando de papai.

— Está pensando na boceta doce da Lilly? – meus olhos trancam nos dele. O homem volta a sentar. — Com você, posso me abrir, afinal, comemos as mesmas mulheres. Lilly sempre foi sem

sal, tímida, mas estava sozinha no mundo e tinha dinheiro. Não era como a Phoebe, que sempre foi sedutora, despertava o pau de um defunto só com um olhar. Depois que transei com Lilly, vi o quanto eu podia lucrar tendo o dinheiro dela e sua boceta virgem para desfrutar. Eu fui o primeiro dela e ensinei a recatada mulher a chupar como uma maldita prostituta. Não precisa agradecer, Saints. Você é um bom homem, cara, até adotou um bastardo.

Balanço a cabeça com desgosto.

— Não fale do meu filho, covarde. Haniel é um Saints, nasceu para ser um. Não pronuncie seu nome em vão – falo com veemência.

— Por ironia da vida, o bastardinho é muito parecido com você.

— Porque ele é meu! – finalizo a discussão. — Só mire e atire, ok? Acabe com isso de uma vez.

— Eu deveria mesmo, mas acho que posso ter mais dinheiro antes de dar um fim em você. Vinte mil é pouco.

— Sua mulherzinha ficará com um montante extravagante – falo exasperado. — Logo que eu morrer, poderá desfrutar em quantas luas de mel quiser.

— Lilly? – ele faz som de deboche. — Ela é certinha demais. Quando o encontrarem morto, ela se declarará como viúva para o resto da vida. A mulher caiu de amores por seu pau.

Queria acreditar. Nesse momento, eu gostaria de estar na minha despedida de solteiro, gabando-me de quão sortudo sou. Mas estou aqui, preso a uma cadeira, prestes a morrer por causa da traição dela. Idiota aqui sou eu! Por amá-la. Por querê-la para sempre!

Nesse momento, alguém bate à porta. O infeliz grita para ir embora, mas, quem quer que seja, continua a insistir. Ele guarda a arma em suas costas e atende a porta, colocando as mãos para cima. Franco anda para trás e Lisabeth entra, apontando uma arma para a cabeça dele. Como ela chegou aqui e os Saints não? O homem faz um movimento para tirar sua arma, mas ela atira em seu braço. Acho que ela mirou em outro lugar, mas acabou atirando no lugar certo.

— Ele tem uma arma – falo a ela, que assente.

Lisabeth dá a volta e, com cautela, ainda apontando a arma para ele, retira a pistola de sua custódia.

— Então, a vadia veio salvar a sua galinha dos ovos de ouro – Franco fala do chão. — Vocês fazem um casal bonito, pena que vão morrer.

Lisabeth está cada vez mais trêmula e isso é ruim para caralho. Ela pode acertar qualquer um ou mesmo matar a si mesma.

— Respire fundo e tenha calma, Lisabeth – a oriento.

Vejo lágrimas caírem de seus olhos, e ela treme ainda mais.

— P-perdoe-me, Raziel. Eu não queria esconder nada de você, nunca quis que chegássemos

a esse ponto. Você sempre foi tão cuidadoso e g-gentil...

Franco ri.

— Mata-o de uma vez, querida.

Lilly vira aquela arma para todos os lados, tremendo e chorando. Pedindo desculpas, como se fosse um mantra. Eu queria poder lê-la e entender o motivo disso tudo.

— Me mate – peço a ela. — Faça esse favor para o mundo, para o seu marido, mate-me.

— Não! Você não entende – ela coloca as mãos na cabeça e balança. O homem que estava no chão tenta se levantar, e eu mantenho-me em silêncio. Estou pronto para morrer pelas mãos da mulher que amo. Mas, como em uma cena de filme em câmera lenta, Lisabeth olha para mim e fala: Eu te amo, Raziel – enquanto aponta e descarrega a arma em Franco. Assisto o maldito morrer tão descrente quanto eu. Ela caminha em minha direção com a arma ainda em punho. Só que não era a doce Lilly que estava vindo, era a predadora que esteve na cama comigo há algumas horas.

Ela senta-se em meu colo e beija-me.

— Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo – enquanto me beija, ela repete sem parar. — Deixei o meu filho com Francesca e Micaylah, que me deu uma arma, roubei um carro do complexo, atrolei dois seguranças e seus primos estão vindo para me matar. Acho que deixei um rastro, não é?

Ela acaricia meu rosto.

— Sim, você deixou um grande rastro. Provavelmente, você tem apenas um ou dois minutos – minha voz soa sem emoção. A verdade é bem diferente disso.

— Eu te amo, Raziel – Lisabeth me abraçou com força e sussurrou em meu ouvido: Cuida do nosso filho para mim, tudo bem? – suas lágrimas umedecem a minha camisa. — Diga a ele que o amo, assim como amo o pai dele.

Ouvimos ao longe uma movimentação, e a mulher beija-me mais uma vez antes de sair do meu colo. Lisabeth sai correndo, deixando-me ali com dois corpos, um deles o de seu ex-marido, a quem ela deu o meu dinheiro. Só que, a mim, ela deu o seu filho, aquilo que tem de mais precioso.

Poucos minutos depois, o cubículo de Phoebe é invadido pelos meus primos e por muitos de nossos seguranças. Eles fazem uma busca por Lisabeth, mas ela não está à vista. Meu coração grita para correr atrás dela, mas minha razão diz que eu devo ser coerente, ir para casa e assimilar tudo o que aconteceu nessas últimas horas. Foi o que eu fiz, fui para a minha casa, para a minha família e para o meu filho.

— Lilly fez esse estrago? – Elemiah pergunta com um sorriso de orgulho ao apontar os corpos.

Aponto para a peneira que se tornou o corpo de Gianfranco.

— Só aquele com mais buracos. Ela descarregou o pente no peito do cara sem nem ao menos

olhar para ele. Depois, ela sentou no meu colo e rebolou antes de fugir – respondo. — Só me levem para casa, por favor.

— O médico já o espera no complexo. Você está meio rasgado, primo – Gabe debocha. Já no carro, ele questiona: O casamento é amanhã e não temos uma noiva. Micaylah ajudou Lilly a vir resgatá-lo e, assim que os nossos pais chegaram para a despedida de solteiro e viram a confusão, as *mammas* transformaram o complexo em um pandemônio.

— Não cancelaremos o casamento? – Elemiah pergunta do banco da frente.

Antes que eu possa responder, Gabriel o faz:

— Micaylah disse que não. Porque Raziel é um homem inteligente e vai ver o tamanho do sacrifício que a Lisabeth fez por Haniel.

Balanço a cabeça e compartilho a risada com os meus primos. Micaylah se tornou uma das *mammas* e cabe a nós apenas suportar. Porque fomos criados para enfrentar qualquer crueldade do mundo, mas não podemos responder a nossas mães e esposas. Mas talvez Micah tenha razão, teremos que seguir em frente. Só não faço ideia de onde encontrarei Lisabeth a tempo.

Seguimos em silêncio. Meus primos sabem que eu preciso de tempo para processar toda essa bagunça. Meus braços estão doloridos e tenho uma ferida aberta em um deles. Levei um golpe na cabeça e vários socos pelo corpo. Estou um pouco quebrado, cansado, porém mais decidido do que nunca. Sorrio ao reviver a cena em que a minha mulher me escolheu. A porra da mulher fodona me escolheu! Mas, para a minha paz de espírito, preciso de respostas que somente Lisabeth pode dar.

Assim que estacionam em frente à mansão, todos da nossa família vêm para fora para me receber. Haniel está no colo de Francesca com uma carinha triste. Mesmo sujo de sangue e, provavelmente, alguns hematomas, aproximo-me dele, que se ilumina logo que me vê.

— Papa...

A emoção fecha a minha garganta.

— Papai está em casa, carinha. O papai voltou para você e amanhã nós buscaremos sua mãe.

Ouçoo muitas pessoas dizerem que não adotam porque não sabem que tipo de ser humano estão levando para o seio de sua família. Essas pessoas que dizem tal coisa não servem para serem pais, pois não sabem a intensidade do amor que pode existir, e nem a força da ligação. Você não é obrigado a amar porque é seu sangue, você simplesmente ama. Ou talvez sejam anjos que o céu envia de encontro a você para ensinar o verdadeiro significado do amar.



— Como está, minha filha?

Ergo o meu olhar e encontro os amorosos olhos do padre Ângelo.

— Na medida do possível, bem – respondo.

— Você sabe que pode ficar aqui quanto tempo necessitar, mas não acha prudente ligar para seu noivo para dizer onde está? – ele questiona.

Volto minha atenção para o gramado que se estende fora da casa paroquial.

— Eu irei, padre. A hora em que eu estiver pronta para morrer, eu ligarei – levo a xícara à pia e a lavo. — Vou caminhar até o parque.

A igreja foi construída ao lado de um parque abandonado que o padre insistiu em reflorestar. Com a ajuda dos Saints, ele refez todo o local e a comunidade ajuda a manter o lugar impecável, com muitas árvores, flores, uma ponte sobre o laguinho, luminárias, bancos e namoradeiras.

Caminho entre as árvores e sento no local mais remoto do parque. Olhando para a água, revivo o desespero do dia anterior. Assim que entrei na mansão, encontrei Micaylah e Francesca com as crianças. contei o que ouvi e disse que sabia onde ele estava. Eu não tenho habilitação, mas sei dirigir. Micah disse que seria complicado passar pelos homens, mas que, se eu estivesse disposta, ela me ajudaria a passar por cima deles. Péssima ideia aceitar sua ajuda.

— Vou ajudá-la porque você é uma das minhas, nunca deixaria quem ama para trás – ela entregou-me uma arma. — Não faça com que me arrependa, Lilly. Eu lhe mato se tiver que ouvir os sermões de Gabriel.

Eu a abraço.

— Eu encontrarei Raziel e ele virá para casa são e salvo – falei emocionada. Abracei Chesca. — Cuide de Hunny.

— Você terá que ser rápida. Os homens estarão no seu encalço – Micah me orientou.

Micaylah aprontou um escândalo em frente à mansão, possibilitando que eu entrasse no carro que tinha acabado de chegar, já que deixaram a chave na ignição. Liguei o carro, fechei os olhos perante o portão fechado e entreguei tudo a Deus. Atravessei a cidade em alta velocidade e, no caminho, devo ter deixado alguns arranhões nos veículos alheios. Rodei por alguns quarteirões até ter certeza de que o apartamento da cadela era por ali. Estacionei a uma quadra do bendito lugar e segui adiante, pronta para matar e morrer por aquele homem.

Quando estava subindo as escadas, ouvi tiros e isso me desesperou. Empunhei a pistola de Micaylah e andei até chegar a um apartamento em que a porta estava entreaberta. Não pensei duas vezes, era tudo ou nada. Mas eu não estava preparada para a cena, ver Raziel amarrado e machucado doeu em mim. Tudo aquilo despertou algo desconhecido em mim. Não pensei, apenas fiz. Atirei em Franco e, desesperada, pedi desculpas a Raziel, que pediu para que eu mantivesse a calma.

Mesmo com a visão turva pelas lágrimas e atordoada, vi o movimento de Gianfranco e apertei o gatilho. Eu não poderia ter deixado mais alguma coisa acontecer ao homem da minha vida. Franco demorou para morrer e, Deus me perdoe, tive prazer em cada bala cravada no peito daquele monstro. Precisava dizer a Raze o quanto o amo, então sentei em seu colo e o beijei loucamente. Aliás, tudo estava muito louco.

Ao ouvir carros cantando pneus, sabia que o meu tempo havia esgotado. Tinha que ser rápida porque os Saints entrariam atirando. Assim que cheguei na portaria, vi que era tarde demais. Voltei e entrei no apartamento que estava com a porta aberta e dei de cara com um casal transando que não se deu conta de que tinha uma não-convidada. Saí pela janela do banheiro que dá para o beco de trás. Quando ouvi passos, joguei-me no meio dos sacos de lixo. No escuro da noite, ninguém me encontraria sob sacos de lixo preto.

Tão logo vi que o caminho estava livre, corri até a igreja do padre Ângelo, que me acolheu como sempre fez. Cheguei cansada, faminta e, ao vê-lo de braços abertos, desabei naquele senhor que tem feito papel de pai nos últimos anos. Tomei banho e deitei ainda chorando por Hunny, por Raziel e pela família que tanto ansiei ter.

Não consegui fechar os olhos durante a noite, imaginando e reencenando como seria voltar para o complexo, como seria a reação de Raziel e de sua família. Não quero fugir, não quero deixar meu filho para trás. Mas eu não podia ficar lá e esperar os tiros antes de perguntarem. Tinha que sobreviver para depois voltar e provar que eu não tinha nada a ver com aquele bandido.

Entre os cantos dos pássaros, ouço os acordes da canção preferida do meu filho – *Estrelas brilham acima de você, as brisas da noite parecem sussurrar "eu te amo" e os pássaros cantam em uma figueira. Sonhe um pequeno sonho comigo. Diga boa noite e me beije, apenas abrace-me forte e diga-me que sente falta de mim...*

Lembro-me de seus sorrisos sonolentos e lágrimas voltam a cair. Sinto tanto a sua falta, Hunny! – ... *Estrelas desaparecem, mas eu permaneço desejando seu beijo, querido. Desejo permanecer até a madrugada, meu bem. Estou apenas dizendo: bons sonhos até o raio de sol te encontrar. Bons sonhos que deixam todas as preocupações para trás. Mas em seus sonhos, quaisquer que sejam, sonhe um pequeno sonho comigo...*

Só então me pergunto como há música aqui? Até agora eu estava sozinha neste lugar. Viro-me e vejo Raziel segurando a mão de Haniel, vindo em minha direção. Meu coração acelera com a miragem à frente. Tento levantar, mas minhas pernas não permitem, não param de tremer. Hunny se solta de Raziel e vem correndo para os meus braços. Eu o beijo descontroladamente e ele ri.

— Mamami... mommy! – rio de suas palavras, que se perdem assim que Raziel senta-se ao nosso lado. — Papai.

— Oh, baby! Que saudades, meu Hunny – meu filho se mexe em meu colo até que eu o deixo livre para correr em direção ao padre, que segura um pacote de balas logo adiante. Volto-me para Raziel e fico tentada a esticar a mão para tocar suas feridas. — Como se sente?

Ele faz uma careta.

— Um pouco dolorido, mas vivo. É o que importa – ele olha para o lago à nossa frente. — Eu gostaria de entender algumas coisas, Lisabeth. Acredito que somente você pode respondê-las – ele vira-se de frente para mim. — Por que não me contou sobre o seu ex-marido?

Foi a minha vez de desviar o olhar.

— O que você queria que eu falasse, Raziel? Gianfranco é uma parte da minha vida que quero esquecer – volto minha atenção a ele. — Eu queria substituir as minhas lembranças ruins por novas lembranças, boas lembranças.

— Entendo, porque estava fazendo a mesma coisa. Só que não conversar nos trouxe aqui. Você e Haniel correram perigo, mas, em nenhum momento, você pediu a minha ajuda. Isso machucou. Eu sou o pai de Haniel, sou o seu noivo. Jamais permitiria que algo acontecesse a vocês, Lisabeth – Raziel fala com emoção.

— Sempre fomos Hunny e eu contra o mundo, Raziel. Não sei fazer diferente. Você nunca me contou o que aconteceu com a sua ex-esposa e isso me aterrorizou. Você é um Saints! Vocês não são conhecidos por serem compreensivos. Eu não sabia o que esperar. Então, eu soube que o meu ex-marido era amante de sua falecida esposa, a mesma com quem o peguei na cama. E, como se isso não bastasse, ela deu a sua vida por ele – falo consternada. — Eu tinha que correr, tinha que lhe dizer que o amo antes que os seus primos me matassem.

Ele ri.

— Somos péssimos exemplos.

Compartilho de seu sorriso.

— Não, não são. Vocês são... reais. Com qualidades e defeitos como qualquer um. São humanos.

— Como você soube onde eu estava? – ele pergunta.

Respiro fundo e trago de volta as péssimas lembranças.

— Eu já estive lá. Eu o segui e fiquei do lado de fora até que uma mulher com um chapéu de

abas super largas e óculos escuros entrou também. Eu os vi se beijando e então passei mal, pois já estava grávida de Haniel. Ouvi um dos soldados dizer sobre o terreno baldio ali perto, então soube, de imediato, onde você estava. Micaylah me deu sua arma e distraiu os homens – falo, rindo.

Seus olhos verdes tem um brilho diferente, parece ser... orgulho?

— Ver você atirar em Gianno, toda fodona e, depois, rebolar em meu colo... – ele passa a mão no cabelo e ri. — Você foi incrível – Raziel passa o seu braço pelos meus ombros e puxa-me para si. — Obrigado por salvar a minha vida, *angelo*.

Pisco para controlar as lágrimas que querem cair.

— Obrigada por amar o meu filho...

— Nosso filho! – Raziel corrige-me e entrega-me um papel. Abro e a emoção toma conta de vez do meu coração. Naquele pedaço de papel, está escrito que Haniel Bonanno agora é Haniel Bonanno Saints. — Como você pode ver, ele é o nosso filho.

— Nosso... sim – fungo como uma menina pequena.

— Eu tenho um compromisso mais tarde e gostaria que você me acompanhasse, Lisabeth – seus olhos sérios encontram com os meus. — Tenho que comparecer a um casamento nessa igreja mesmo.

Meu coração aperta com a esperança. Levo minha mão para acariciar seu rosto, mas paro a um centímetro, esperando sua permissão. Raziel inclina-se sobre a minha palma. Traço os seus lindos lábios machucados, cada hematoma seu e os beijo.

— Eu te amo, Raziel Saints. E irei a qualquer lugar, desde que seja com você – declaro a ele.

Ele segura-me pela nuca e puxa-me para um beijo apaixonado. Encostando sua testa na minha, o homem da minha vida fala:

— Eu te amo, Lisabeth. Amo como jamais pensei ser possível um ser humano amar outro – como em um passe de mágica, Haniel chega tropeçando ao nosso lado. Raziel o pega no colo e nos mantém entre os seus braços, fazendo-me sentir... em casa.

— Olha a família feliz. Que lindos!

Viramo-nos ao ouvir a voz de Elemiah. Levantamos, e me coloco atrás de Raziel ao ver Gabriel, Micaylah e o resto da família. Eu não tinha coragem de encará-los, morrendo de medo do que poderiam fazer comigo.

— Assim você me decepçiona, Lilly. Cadê a mulher que descarregou uma pistola no peito de um porco? – El continua.

Micaylah vai até onde estou e puxa-me pela mão. Encaro o seu marido que tem um brilho afetuoso em seu olhar. Mas, ainda assim, o temo.

— Estamos aqui para dar-lhe boas-vindas, Lilly – Micah fala. — Poucas pessoas fariam o

que você fez. Colocou o seu filho acima da sua própria sobrevivência sem se importar com o que os outros pensariam. Sozinha, detonou o portão dos Saints e salvou um dos chefes.

Todos riem e Gabriel, como o chefe dos chefes, dá um passo à frente com o seu terno finalmente acabado e com extrema elegância.

— Você fez tudo errado, Lilly. Escondeu que havia um traidor entre nós, se arriscou com um chantagista de merda e depois fugiu, colocando a vida de Haniel em perigo. Como se não bastasse, acabou com o meu portão personalizado e arrebentou dois dos meus melhores soldados.

Dou passo para trás e sinto minhas costas baterem em uma parede. Logo Raziel enlaça-me pela cintura e demonstra a sua proteção e apoio. Gabriel continua:

— E não esqueçamos o mais importante, você correu todos os perigos para salvar o meu primo, que é mais do que irmão para mim. Apesar de todos os riscos e estragos, você nos mostrou o verdadeiro significado do amor incondicional – ele abre um sorriso charmoso e passo a entender por que Micaylah se derrete cada vez que está na presença de seu marido. — Bem-vinda aos Saints, Lisabeth.

Um movimento chama a nossa atenção e nos viramos para a direção de onde ele vem. Vemos as *mammas* vindo com um batalhão de pessoas desconhecidas em seus encalços.

— Todo mundo se matando para esse casamento sair e as crianças no parquinho. Vê se pode! – a senhora Cecil aproxima-se e abraça-me. — Graças a Deus, você está bem, minha filha! – ela emoldura meu rosto entre as suas mãos. — Obrigada por salvar a vida do meu filho.

A senhora Piah bate palmas, fazendo todos se mexerem.

— Temos um casamento daqui a poucas horas e ainda estão parados! Vamos, pessoal! Um, dois! Um, dois! Circulando. Já que Elemiah não me dá o prazer de uma noiva digna para se casar, me mantereí ocupada com o casamento do meu sobrinho.

Tive tempo só para beijar Raziel e então fui puxada para longe dele. Antes que a distância fique grande demais, ele grita:

— Eu a esperarei no altar, *princesa mia*. Ansioso por fazê-la minha *per sempre*.

— Eu serei aquela de branco – saio correndo com a senhora Cecil gritando para me apressar. Família. Minha família. Tudo o que eu mais queria.

No final da tarde, ao pôr do sol, fui declarada a senhora Raziel Keruvim Saints, cercada pelo meu filho e pelas pessoas a quem amo tanto. Vestida de noiva e beijando esse homem extraordinário, todas as dúvidas se esmaeceram. Esse é o meu conto de fadas. Sem príncipes e princesas, sem juras de amor eterno ou a garantia de “felizes para sempre”. Essa é a história real, de pessoas reais, que almejam amar e serem amados. Raziel e eu não somos perfeitos, mas amamos cada imperfeição um do outro.

— Você está linda com esse vestido, Lilly – meu marido tira-me da divagação. — Dê-me a honra de dançarmos a primeira música do resto de nossas vidas, *angelo mio*.

É o amor da minha vida. O destino sabia e hoje a colocou em minha frente. E cada vez que olho para o passado, entendo que, ao seu lado, sempre pertenci. Você chegou a acender cada parte de minha alma, cada espaço do meu ser. Já não tenho coração e nem olhos para ninguém, só para você! Isso é de verdade, posso sentir. Sei que meu lugar é com você! Você é tudo que eu pedia e o que eu não conhecia, em você descobri...

Solo para ti – Camila



— Por que estamos aqui mesmo? – minha esposa pergunta um pouco irritada.

— Porque Elemiah precisa do nosso apoio, *cara mia* – respondo.

— Nem o próprio Elemiah está aqui, Raziel.

— Vamos caminhar pelo jardim, Lilly? A qualquer momento, Amalie vai surtar e eu não quero estar perto – falo já a puxando para a parte mais fechada do jardim.

A minha intenção é mostrar a ela o quanto a amo com a minha língua. Caminhamos em direção às árvores e a pressiono contra uma. Minha boca cai sobre a dela e, depois, deslizo minha língua por seu belo pescoço. Essa mulher será a minha morte! O amor e o desejo que alimento por ela são tão poderosos quanto o vasto poder bélico dos Saints.

— Raze... – baixo as alças de seu vestido e tomo um mamilo seu em minha boca, chupando-o, maravilhado com a entrega dela. — N-não devíamos fazer isso aqui, queri... Oh, céus!

Ela geme quando penetro um dedo em sua abertura molhada

— Absurdamente magnífica, *angelo mio*. Geme para mim, diga-me quais as sensações que sente ao ser penetrada e chupada por mim – enfio mais um dedo em sua boceta molhada e Lisabeth derrete-se em minhas mãos. — Diga-me, Lilly.

— Não há como descrever, amor. Inferno! Só me coma, por favor.

Quando levo minha mão para abrir o fecho da calça, um gemido que não é da minha mulher chama a nossa atenção. Faço o sinal de silêncio e ajeito-a para que ninguém veja seus belos seios. Os gemidos ficam mais intensos. Lilly e eu caminhamos por entre o jardim para descobrir quem mais estava fazendo o lugar de motel.

No meio do caminho, os gemidos deram lugar a vozes alteradas, deixando-nos ainda mais curiosos. A um passo de entrarmos no caminho dos lírios, ouvimos:

— Eu não acredito nisso! – a voz feminina fala irritada.

— Quem não acredita nisso sou eu! Hoje é a porra do meu noivado oficial – essa voz é de Elemiah.

Lisabeth abre a boca para falar, mas eu a fecho com a mão.

— Eu sou uma mulher estudada e inteligente, como posso me deixar levar por idiotas como você?

— Simples, querida. Eu fodo como um Deus e tenho um pau que é abençoado – ele fala com deboche.

— O ego é diretamente ligado ao tamanho do pênis. Não direi nada para poupar os seus sentimentos, *stronzo*.

— Não me chame assim!

Saindo do jardim, esbarramos em Martina e tia Piah que, pelas expressões, também ouviram a interação. Minutos depois, Francesca e Elemiah saem corados, com os lábios inchados de quem quase se comeram em um beijo. As mulheres apenas observam com olhares arregalados e bocas abertas, eu dou risada. El mostra o dedo do meio e sai em direção aos convidados que o aguardam. Francesca ergue o seu dedo indicador e coloca a outra mão no quadril:

— Vocês não viram, não ouviram e não falarão absolutamente nada. Entenderam?

Apenas assentimos, e ela vai em direção contrária a de El. Minha família é insana! Eu vi o brilho nos olhos de minha tia, e Elemiah pode esperar que sua festa pode não acontecer. Acompanho as senhoras até a tenda que foi montada em nossos jardins e vou de encontro a Gabriel, que está com a nossa boneca Eleonora no colo. Enquanto conversávamos, contemplei minha esposa e meu filho. É impossível não sorrir com orgulho, ambos pertencem a essa família, ao meu lado.

— Agora você deve fazer a felicidade de sua mãe e gerar um neto – Gabriel diz.

De longe, assistimos Raffaele tropeçar e cair. Ao ver seu amigo chateado e no chão, Haniel vai até ele e limpa os joelhos dele. Quando acha que seu serviço já está bom, Haniel levanta e ajuda Raffaele, que sorri.

— Acho que já tenho um herdeiro para a minha cadeira.

— Não poderia fazer escolha melhor – meu primo elogia. — Haniel, sem dúvidas, nasceu para ser um Saints.

Pisco para a mulher que amo com a minha vida e falo:

— Eles nasceram para serem meus!

Nenhum de nós sabe qual será a sua missão de vida, até que ela se apresente diante de nossos olhos. A minha, sem dúvida nenhuma, é cuidar deles, que são a minha família. Elisabeth é doce e recatada, mulher que pode se despojar de sua candura, tornando-se uma fera para defender os seus. Haniel é um anjo que foi enviado à Terra para despertar minhas emoções. A mim, cabe ser melhor por eles e para eles.

Eu sou Raziel Keruvim Saints, e essa é a minha história.

Fim.

Quer saber mais sobre a escritora e acompanhar seus lançamentos? Nos siga nas redes sociais ou entre em contato pelo:

contato@katherinelacomt.com.br

Site: www.katherinelacomt.com.br

Facebook: fb.com/katherinelacomt

Instagram: @katherinelacomt

^[1] Dea: Deusa em italiano.

^[2] Cazzo: Xingamento em italiano.

^[3] Troie: Vadias ou vagabundas em italiano.